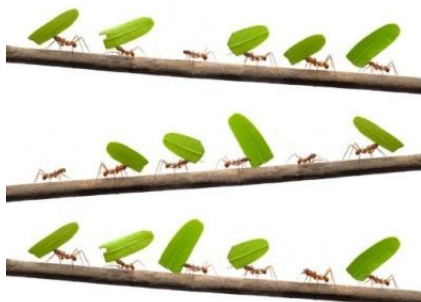


ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Os nem nem:
Contributo para a construção de
retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam,
em Portugal



Dissertação de mestrado

Volume II

Isabel Maria da Silva Ferreira

Leiria

Agosto de 2018

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

Isabel Maria da Silva Ferreira

**Os *nem nem*:
Contributo para a construção de
Retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam,
em Portugal**

**Volume II
Apêndices e Anexos**

**Dissertação apresentada na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do
Instituto Politécnico de Leiria para obtenção do grau de Mestre em Mediação
Intercultural e Intervenção Social sob orientação do Professor Doutor Pedro de
Carvalho da Silva**

Leiria

Agosto de 2018

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

Índice

ANEXOS	7
ANEXO 1: Distinção entre a taxa de desemprego juvenil e a taxa de NEEF	8
Distinção entre a taxa de desemprego juvenil e a taxa de NEEF	9
ANEXO 2: Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por sexo e grupo etário	10
Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por sexo e grupo etário.....	11
ANEXO 3: Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por sexo e nível de escolaridade mais elevado completo	12
ANEXO 4: Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por local de residência, em 2003 e 2013	14
Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por local de residência, em 2003 e 2013.....	15
ANEXO 5: Cartoon “Geração Nem-Nem - nem estuda, nem trabalha”	16
Cartoon “Geração Nem-Nem – nem estuda, nem trabalha”	17
APÊNDICES	19
APÊNDICE 1: Planificação das Sessões de entrevista.....	20
Planificação das Sessões de entrevista	21
APÊNDICE 2: Guião de entrevista a quatro jovens <i>nem nem</i>	24
Guião de entrevista a quatro jovens <i>nem nem</i>	25
APÊNDICE 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	26
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	27
APÊNDICE 4: Entrevistas – Transcrição Integral.....	28
APÊNDICE 4.1: Entrevista a Mário: O Hip-Hoper Anti-Sistema	30
ENTREVISTA A MÁRIO: O HIP-HOPER ANTI-SISTEMA	31
APÊNDICE 4.2: Entrevista a Liliana: Mudar o Mundo de Alguém.....	54
ENTREVISTA A LILIANA: MUDAR O MUNDO DE ALGUÉM	55
APÊNDICE 4.3: Entrevista a Elizabete: A Construção de uma Autonomia com Afetos	82
ENTREVISTA A ELIZABETE: A CONSTRUÇÃO DE UMA AUTONOMIA COM AFETOS	83
APÊNDICE 4.4: Entrevista a Solange: À Procura de um Caminho por Linhas Tortas.....	102
ENTREVISTA A SOLANGE: À PROCURA DE UM CAMINHO POR LINHAS TORTAS	103

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que *nem* trabalham
nem estudam, em Portugal

APÊNDICE 5: Conteúdo do correio eletrónico trocado durante a investigação com entrevistados
..... 122

Conteúdo do correio eletrónico trocado durante a investigação com entrevistados 123

ANEXOS

ANEXO 1: Distinção entre a taxa de desemprego juvenil e a taxa de NEEF

Distinção entre a taxa de desemprego juvenil e a taxa de NEEF

Fig.1: Distinção entre a taxa de desemprego juvenil e a taxa de NEEF



Fonte: Rowland et al., 2013

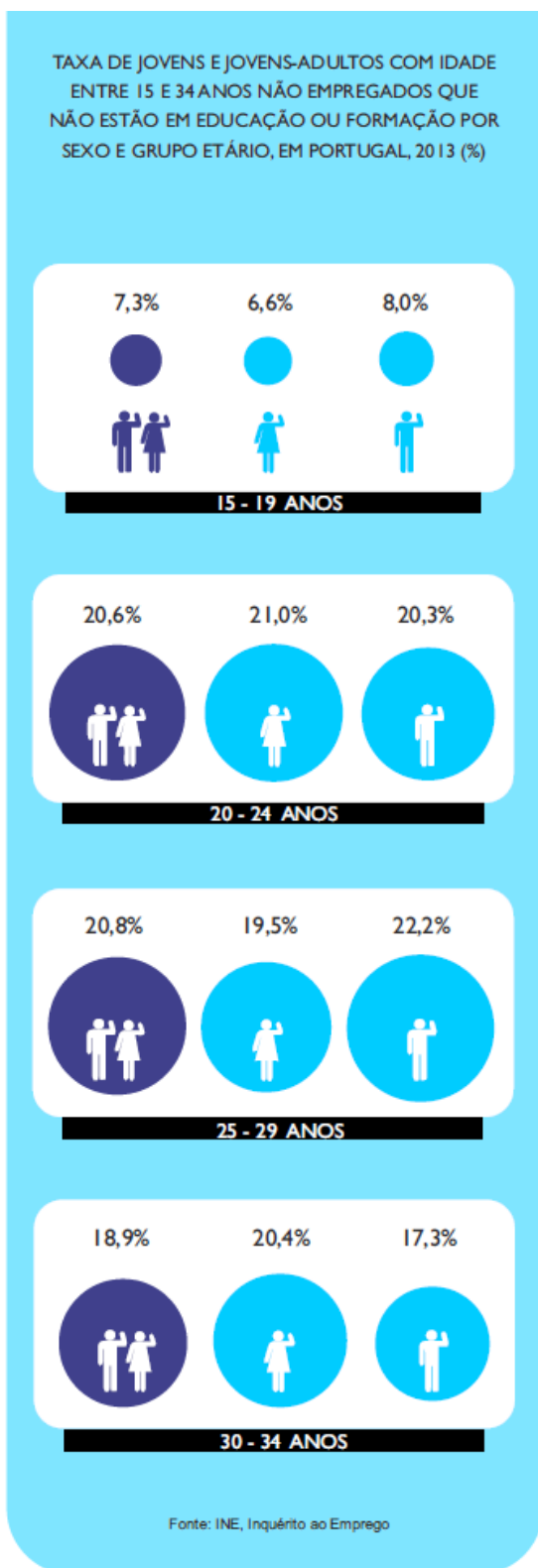
“Reconhecido o conceito de desemprego, importa referir também o seu valor entre a camada jovem da população portuguesa e que, em 2012, atingia os 37,7%, número que representa quase quatro em cada dez jovens (Torres, 2013). Mas, enquanto a taxa de desemprego juvenil é representada pela relação entre o número de jovens desempregados e o número de jovens economicamente ativos, a taxa de NEEF é traduzida pela relação entre o número de jovens NEEF e o total da população jovem (...), e é sobre esta última que iremos rever algumas conclusões retiradas em relação ao comportamento dos dados no nosso território.”

(Vol. I, pág. 64)

ANEXO 2: Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por sexo e grupo etário

Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por sexo e grupo etário.

Fig.2: Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por sexo e grupo etário.



“Da mesma forma, de acordo com os dados estatísticos ao nosso dispor, verificamos uma maior prevalência do número de mulheres, ainda que o número de homens venha a aumentar nos últimos registos, facto que se prende com a maior vulnerabilidade da mulher no que respeita à sua integração no mercado de trabalho, associada à desigualdade de oportunidades entre os géneros.”

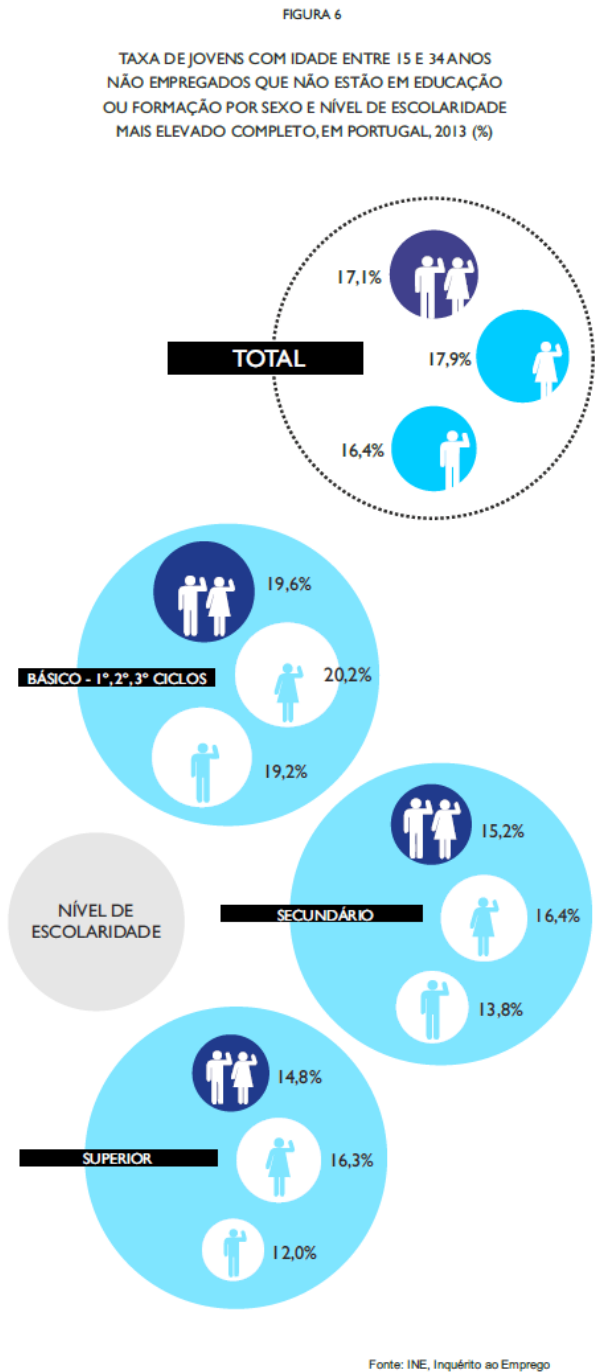
(Vol. I, pág. 66)

Fonte: Rowland et al., 2013

ANEXO 3: Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por sexo e nível de escolaridade mais elevado completo

Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por sexo e nível de escolaridade mais elevado completo.

Fig.3: Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por sexo e nível de escolaridade mais elevado completo.



“Constata-se ainda pela análise de dados apresentada pelo INE que o fenómeno dos *nem nem* é transversal a todos os níveis de escolaridade, embora se verifique uma inversão dos valores relativos aos últimos anos, traduzida numa maior percentagem no grupo que concluiu o ensino superior, logo seguido dos que completaram os estudos secundários.”

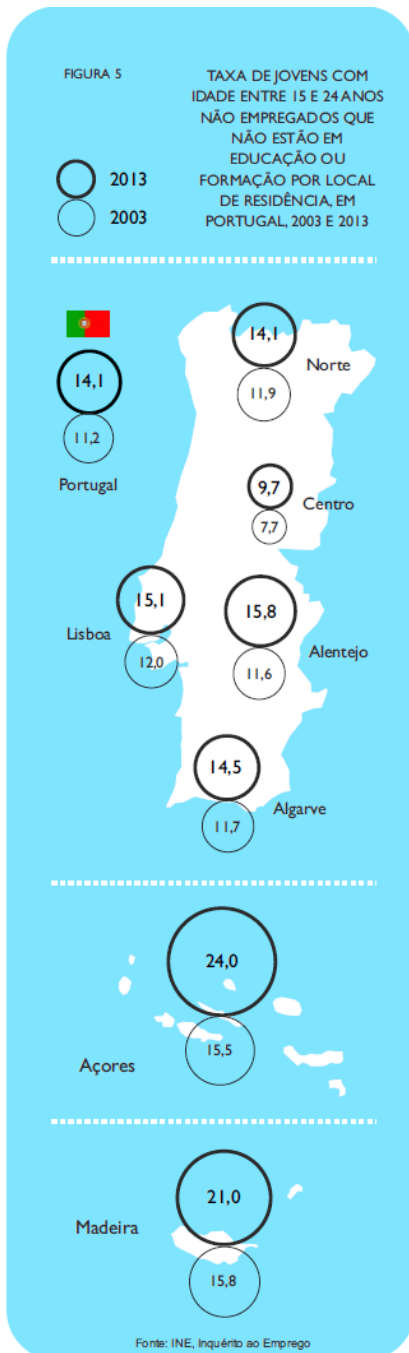
(Vol. I; pág. 67)

Fonte: Rowland et al., 2013

ANEXO 4: Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por local de residência, em 2003 e 2013

Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por local de residência, em 2003 e 2013.

Fig. 4: Taxa de NEEF, em Portugal, em 2013, por local de residência, em 2003 e 2013.



“Dos dados oficiais que nos chegam sobre a realidade do nosso território nacional, ressaltam também a diferença significativa de percentagem alcançada pelas regiões autónomas dos Açores e da Madeira, seguidas das regiões do Alentejo, Algarve e Lisboa, com uma taxa acima da média nacional.”

(Vol. I; pág. 67)

Fonte: Rowland et al., 2013

ANEXO 5: Cartoon “Geração *Nem Nem* - nem estuda, nem trabalha”

Cartoon “Geração *Nem Nem* – nem estuda, nem trabalha”

Fig. 5: Cartoon “Geração *Nem Nem* – nem estuda, nem trabalha”



Fonte: os “nem nem” roda de leitura e conversa | cardápio pedagógico

“No início da entrevista a cada jovem, foi apresentado um cartoon, pedindo-se o seu comentário, enquanto elemento estratégico de “quebragelo”.

(Vol. I; pág. 3)

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Planificação das Sessões de entrevista

Planificação das Sessões de entrevista

Tema: Os *nem nem*: retratos sociológicos de jovens adultos que *nem* trabalham *nem* estudam, em Portugal.

Objetivos gerais: Compreender a representação de si e do trajeto de vida de jovens que não trabalham *nem* estudam, e em que contextos sociais se construíram e transformaram; compreender de que forma os próprios e as respetivas famílias vivem a situação de inatividade; facilitar um processo de mediação intrapessoal numa perspetiva transformativa, através da construção de um retrato sociológico a partir de uma narrativa autobiográfica.

Sessões individuais	Objetivos	Atividades	Elementos de apoio	Duração / data
1º Tempo	<p>Informar o/a participante dos aspetos de confidencialidade e proteção de identidade que envolve a entrevista;</p> <p>Informar sobre a gravação em áudio da(s) entrevista(s)</p> <p>Expor os objetivos da investigação e atividades a desenvolver;</p> <p>Compreender a situação atual do jovem e a forma como este a representa.</p> <p>Compreender o percurso de vida do jovem até à data e a forma como este a representa;</p>	<p>Apresentação dos objetivos e introdução à metodologia a utilizar;</p> <p>Esclarecimento sobre o conteúdo e assinatura do termo de consentimento;</p> <p>Apresentação de cartoon “não-tô-nem-aí” para comentário (quebra-gelo).</p> <p>Questão 1: <i>“ como relaciona este cartoon com a sua própria experiência pessoal?”</i></p> <p>Questão 2: <i>“Como foi a sua vida até chegar ao dia de hoje?”</i></p>	<p>Termo de Consentimento</p> <p>Cartoon</p> <p>Máquina fotográfica e telemóvel para gravação em audio</p> <p>Bloco de apontamentos</p>	1 h 30m (aprox.)

	Perceber de que forma o/a participante se projeta no futuro, quais os seus projetos de vida.	Questão 3: “Como se imagina a si e a sua vida daqui a 10 anos?”		
2º Tempo	Facilitar a compreensão da representação de Si, no plano de uma mediação transformativa.	Devolução do texto construído sobre os elementos recolhidos durante a entrevista. Proposta de complementaridade de texto narrativo autobiográfico, escrito.	Internet: contacto por e-mail	10m
3º Tempo	Compreender a forma como o/a participante experimentou a situação de confronto com o seu retrato sociológico.	Recolha do texto complementado pelo/a participante. Recolha de informação sobre impressões e sentimentos experimentados durante a leitura e a escrita do texto autobiográfico.	Internet: contacto por e-mail	15m

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

APÊNDICE 2: Guião de entrevista a quatro jovens *nem nem*

Guião de entrevista a quatro jovens *nem nem*

Questão	Guia de temas orientadores	Estratégias
<p>“ como relaciona este cartoon (fig. anexa) com a sua própria experiência pessoal?”</p>	<p>Onde e com quem vive Descrição do seu dia e da forma como ocupa o seu tempo Participação em grupos sociais Caracterização e relação com a família A importância que atribui ao grupo de amigos Com que frequência sai para se divertir e como se diverte Pessoas significativas na sua vida atual e motivos Projetos atuais Situação e gestão financeira pessoal</p>	<p>Utilização de 1 quebra-gelo: apresentação de cartoon sobre os <i>nem nem</i> (“não-tô-nem-aí”);</p> <p>Solicitar comentário por forma a explorar a representação do sujeito sobre a sua situação atual, contextualizando do ponto de vista pessoal, social e relacional.</p>
<p>“Como foi o seu percurso de vida até chegar ao dia de hoje?”</p>	<p>Recordações do tempo de criança e de jovem adolescente Recordações do tempo de escola Relação da família com a escola Pessoas significativas na vida passada e motivos Projetos e sonhos profissionais passados: o “que queria ser quando fosse grande” Experiências anteriores de trabalho</p>	<p>Propor apresentação livre de imagens e representações sobre o vivido histórico-biográfico do sujeito, nos diferentes contextos sociais que integraram a sua construção identitária.</p>
<p>“Como se imagina a si e a sua vida daqui a 10 anos?”</p>	<p>Onde vai estar a viver Como vai estar a viver O que vai estar a fazer</p>	<p>Recolha de elementos orientadores que permitam entender quais os projetos de vida, sonhos, representações de si num tempo e num espaço futuro.</p>

APÊNDICE 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Investigação para Dissertação de Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

Responsável: Isabel Maria Silva Ferreira - contactos: ferreira-barbosa@hotmail.com

Eu, _____ abaixo

assinado(a) declaro ter pleno conhecimento do que se segue:

1. Fui informado(a), de forma clara e objetiva que as sessões de trabalho agora propostas se integram numa investigação no âmbito do Mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social lecionado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.
2. Tenho conhecimento que o objetivo desta entrevista é compreender as interferências dos diferentes contextos sociais na construção da minha identidade e do meu percurso de vida.
3. Tomei conhecimento de que a investigação acima mencionada é denominada “**Os *nem nem*: retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal**”.
4. A minha participação nesta investigação será através do meu testemunho em entrevista, numa ou mais sessões presenciais, sujeitas a gravação em áudio que autorizo.
5. Foi-me esclarecido que os resultados da investigação serão divulgados no âmbito da dissertação a apresentar como trabalho final do mestrado, mantendo-se a minha identidade em sigilo;
6. Sei que a responsável pela atividade irá manter a confidencialidade de todas as respostas e dados que comprometam a minha privacidade;
7. Tomei conhecimento que a minha participação é voluntária e, poderei recusar-me a participar a qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Declaro que, de acordo com os termos acima, concordo em participar na investigação.

Declaro ainda que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e foi-me dada a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do/a participante

Assinatura da responsável pela investigação

_____, ____ de _____ de 2018

APÊNDICE 4: Entrevistas – Transcrição Integral

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

APÊNDICE 4.1: Entrevista a Mário: O Hip-Hoper Anti-Sistema

ENTREVISTA A MÁRIO: O HIP-HOPER ANTI-SISTEMA

A presente entrevista tem início após explicitados os procedimentos de gravação áudio, da construção do texto narrativo e assegurados os aspetos de anonimato e confidencialidade na transcrição e publicação do texto. O entrevistado é informado também sobre a devolução do texto para revisão e participação na narrativa do próprio. Tem também lugar a leitura e assinatura do termo de consentimento. A entrevista decorre na casa do entrevistado, no seu quarto, com a presença da mãe em casa.

O Mário (nome fictício) tem 28 anos. Apresenta-se com visual de um hip-hoper e fala acompanhando o discurso com a “dança” das mãos... tem um tom de voz suave e doce. Hesita bastante na escolha das palavras (de cada palavra!) que melhor definem o que pretende exprimir. Vive com a mãe e a avó materna num apartamento de uma freguesia no centro de Lisboa.

Entrevistadora (E) - Então, vou começar por pedir que comece por me dizer o que pensa desta imagem, desse cartoon...

Mário (M) - Isto refere-se a que geração?

E - (...) refere-se especificamente à geração dos jovens que não trabalham nem estudam...

M - Sim, mas a começar quando? ... Porque, eu como já sou de 89', já há várias camadas...

E - Normalmente considera-se...

M - Eu presumo que já não esteja nesta...

E - ... até aos 35 anos... entre os 18 e os 35.

M -... Que têm neste momento entre os 18 e os 35...

E - sim, sim.

M - hummm (lê em voz baixa) Concordo mas discordo.

E - Então?

M - Porque se me meter a mim nessa categoria discordo, porque embora eu ‘teja de certa forma em frente de todas as pessoas que eu conheço da minha geração, um bocadinho acima um bocadinho abaixo, ‘tá tudo fora disso... abaixo, nas gerações mais novas é que eu já identifico... até aos 25, 24...

E - E como é que vê as pessoas que estão nessa situação? ... o que é que lhe parece?

M - Não há aquele sentido que havia antigamente... Antigamente havia mais a noção que era preciso terminar a escola e ter um curso para ter trabalho... hoje em dia em prol disso se ter perdido... .. talvez pelo imediato: a começar por um *part time* num call center ou coisa assim, têm um ordenado imediato não precisa ‘tar a tirar um curso, que é uma coisa mais longínqua... porque eu ainda sou do tempo em que as pessoas iam trabalhar para pagar os estudos... agora quando começam a trabalhar para pagar os estudos, chegam à conclusão que já não precisam dos estudos p’ra nada, já têm o dinheiro que esses estudos deviam dar... é mais ou menos assim que eu vejo...

E - E o que é que me pode dizer da sua experiência...?

M - Então, eu ‘tou fora disso tudo, eu estou a aprender o meu próprio caminho...

E - Então saiu da escola e seguiu o quê?

M - Eu não segui, saí... desde que saí da escola, em 2009, que tenho seguido o meu próprio caminho, porque a escola

E - Em que ano de escolaridade?

M - No 9º ano. Acho que na altura ainda não era obrigatório, o 9º ano (... foi em 2007... entre 2007 e 2009, ‘que eu repeti duas vezes o 9º ano, por faltas. Eu já ‘tava (entre aspas) “em luta com o sistema”, eu nunca me encaixei, então andar a perder tempo com uma coisa que... eu sempre quis seguir música... digamos que a formação académica que eu acabei por ter, acabou por ser mais formação pessoal porque, escola, a direção que eu ia tomar invariavelmente ia sempre dar à música, e aí não há nada.

Principalmente naquela altura não havia nada. Eu tinha que ir tirar um curso de técnico de ar condicionado ou técnico de formação alimentar para ter aqueles requisitos mínimos para poder ir para um curso de música.

E - Então, nunca se encaixou... digamos assim, com o tipo de disciplinas ou a relação com os professores, a relação com os colegas...

M - Não é encaixar: não era eu que não me encaixava! O sistema é que não se adapta a mim... Porque, por exemplo, eu não me considero daqueles alunos, por exemplo, que era revoltado... o sistema é que não estava feito para mim! É um sistema de reforços negativos e eu sou uma pessoa que aquele sistema comigo não funciona!

E - Conte-me mais!

M - É a escola, basicamente... A escola... Hoje em dia, principalmente pela minha experiência pessoal... é uma coisa mais de formatação do que formação, e eu falo na primeira pessoa porque na escola não nos ensinam a ter pensamento crítico, não nos ensinam a questionar as coisas. Ensinam-nos a saber o que é suposto saber e, se por acaso, fomos além disso “Chega! Já ‘tás a criar muito trabalho!”. No fundo, desde muito cedo, eu tenho essa consciência e eu queria era aprender, por exemplo, eu na escola era aluno de 2 a inglês... detestava Inglês... era péssimo... e hoje em dia, falo fluentemente inglês... aprendi porque precisava de aprender naturalmente... portanto, eu tenho bases para poder por em causa muita coisa. Não é o meu objetivo, por isso... é que eu não ‘tô aqui a fazer política, eu não ‘tô aqui contra nada nem contra ninguém: é uma coisa que é obsoleta, eu é que simplesmente ignoro e deixei de perder tempo com aquilo e sigo o meu caminho. Não me interessa criticar, eu já desisti de tentar... nisso, fazer a mudança não me cabe a mim... simplesmente é um sistema assente (...) num propósito... e basicamente é isso... depois, também há um lobby, das faculdades, do tipo de cursos que é, principalmente na ciência... em que já não existe ciência... são cursos... por exemplo, a medicina (é uma coisa que me deixa completamente maluco) já não existe medicina, existe indústria farmacêutica e a indústria farmacêutica patrocina os cursos de medicina, patrocina os cursos de farmacêutica, etc, etc, etc... Digamos que há aqui um corte entre os verdadeiros... o que podia ser o estudo académico e a formação tornou-se... noutra coisa!

E - Quando é que começou esse... Não ‘tô a ver o “Mário” na escola primária já esse...

M - Sempre, sempre tive... eu com 14... a única diferença é que já passei por coisas que me deram outras bases, já tive aprendizagens e tive que entrar p'ra aprender a experiência, a maturidade, etc... mas, tirando isso, tudo o que eu 'tô a dizer em base doutra maneira era o que eu já dizia com 14... podia dizer de outra maneira, podia não ter as mesmas bases, não tinha a mesma certeza, não tinha o conceito provado, digamos assim, mas basicamente era a mesma coisa. Eu aos 14 já sabia que queria ser músico, aos 14 já tinha saído do Colégio Militar, portanto, já tinha conhecido a alternativa a este ensino que eu 'tô a falar, que é o ensino público, que eu tive...

E - Vamos começar... fez pré-primária?

M - Sim, entrei para a 1ª classe, não é?, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª... e pró 5º ano, depois no 6º...

E - Mas no Colégio Militar?

M - Não, normal, andei na escola primária 154, ali ao pé do liceu Filipa, da 1ª à 4ª classe, no 5º ano fui para o Liceu Camões, mas não é Liceu é escola básica, mas também é Liceu Camões, fiz o 5ºano e depois fui pro Colégio Militar, fiquei do 6º ... saí a meio do 8º e depois no 8º vim cá pra fora e depois começou aí a... , digamos, a minha guerra (*sorri*) com...

E - Não chegou a fazer o 9ºano?

M - Eu saí do Colégio Militar a mais de metade. Vim cá pra fora, precisamente, para não perder o ano e, para lhe dar uma ideia...

E - Mas quando diz veio cá pra fora, p'ra outra escola, é isso?

M - Sim, aquilo é regime de internato, eu andava lá, fui transferido pro ensino publico... e as médias lá é de 0 a 200... de 1 a 5, de 0 a 200. Cá fora é de 1 a 5. Portanto, isto pra dizer que, quem no Colégio Militar tiver um 3, cá fora tem cinco. E eu saí do Colégio Militar com boas notas e vim cá pra fora e, por questões administrativas, roubaram-me um ano, que eu nunca tinha chumbado nenhum ano e, por ter ido para um colégio privado e não ter renovado a matrícula ('que eu queria ir p'ro Filipa), eles perceberam que eu não ía continuar e QRRRR (faz o sinal de corte com as mãos) fui corrido a dedo... Depois no outro ano fui pra escola Gago Coutinho, repetir o 8º ano, e a partir daí... ainda dei ali uma hipótese a ver se no 9º ano as coisas mudavam, mas...

E - Como é que era a relação com os colegas, nesses espaços todos...

M - Com os colegas sempre foi bom, com os professores...

E - Sempre teve amigos, sempre conseguiu dar-se bem... com o resto do pessoal...?

M - Sim.

E - ... com os professores, o que é que...?

M - É relação amor/ódio!... Com pessoas normais sempre me dei bem...

E - Os professores não são normais...?

M - ...Com pessoas normais! Há pessoas com as quais eu tive certos conflitos, pra isso ter acontecido eu não as considero pessoas normais, porque uma pessoa normal, muito menos com uma criança, não se dá àquele tipo de coisas... por exemplo, um dos 9º anos que... me foi chumbado, digamos assim, que foi por faltas, foi precisamente para me fazer de exemplo... porque tecnicamente fui chumbado injustamente, mas a escola não me podia passar porque senão os outros iriam aprender com o que eu fiz e continuava o problema...

E - E o que é que fez? Era faltar às aulas...

M - Não, tinha problemas de saúde e dentro daquela administração geria as coisas... tirava partido de uma coisa que eu tinha... Na altura, eu sofria de problemas de barriga... era uma coisa endémica e que só a mim me dizia respeito... Não é a escola que decide quando é que eu posso ir à casa-de-banho ou quando é que eu não posso ir... ainda por cima aquilo era uma urgência, não é? E a professora achou que eu fazia aquilo por fita, que não era por doença, e eu tinha as faltas todas justificadas por médico e a diretora da escola fez queixa da médica à Ordem dos Médicos e, enquanto aquilo se arrastou (não aconteceu nada com a médica), enquanto aquilo se arrastou, eu fui chumbado... basicamente... eu tinha as faltas todas justificadas e não aceitavam...

E - Fale-me também um bocadinho desta relação da família com a escola... portanto, os seus pais iam às reuniões, sabiam as suas notas...

M - Não lhe sei dizer... sinceramente, acho que sim, acho que era uma família normal... eu nunca fui mau aluno... tinha boas notas...

E - Os seus pais... a sua mãe está aqui a tempo inteiro consigo? Na altura...

M - Não. Desde os 4 anos que vivo só com a minha mãe e com a minha avó. A minha mãe e o meu pai são separados. - hum, hum... E tem relação com o seu pai? Ou... mais ou menos?

E - Sim.

M - ... ou também é assim uma relação de amor/ódio?

E - Não... só que, nisso que me está a perguntar, é assim... não houve esse contacto! Eles não viveram juntos...

M - A sua mãe trabalha?

E - Sim.

M - E também já trabalhava na altura em que o “Mário” estava na escola?

E - Acho que sim... regra geral...

M - hum, hum...

E - ... Quer dizer, sempre foi assim uma coisa um bocado... como é que eu hei-de explicar... Não é aquela família tradicional em que a mãe trabalha... é uma dinâmica mais de, se calhar, de irmãos...

E - Tem mais irmãos?

M - Não, sou só eu... A minha mãe... na realidade, como nós vivíamos com a minha avó, se calhar a minha avó acabava mais por ter esse papel de... mãe.

E - E a mãe era mais uma irmã...

M - Sim.

E - É uma mãe jovem?

M - Sim. ...Tinha uns 30 anos quando eu nasci.

E - ... Deu para conversarem sempre sobre... as suas crises existenciais e ... as dificuldades...

M - Não, porque isso já tem a ver com outras coisas, não tem a ver propriamente com nada... é das dinâmicas pessoais de cada um...

(É claro o desconforto em falar sobre a sua realidade familiar, o olhar tornou-se evasivo, a acompanhar respostas sintéticas e cortantes. É visível, também no tom, o desagrado pelo tema. Opto por não insistir.)

E - hum, hum... Então e a música... conte-me lá: Qual é o papel da música aí na sua vida?

M - É aquilo que eu nasci para fazer... ãahm... não, tenho que dizer isto de outra maneira: há duas coisas que, se cada pessoa tem uma aptidão natural, há duas coisas que eu tenho: uma é escrever e a outra é a música. Só que eu não me vejo a ser escritor, não é a minha paixão: a minha paixão é a música... só... que eu não tenho para a música a mesma aptidão natural que eu tenho para a escrita, ou seja...

E - ... escreve com mais facilidade...

M - É inato. É uma coisa que desde sempre, eu passava testes de português para escrever a composição... consigo articular e... agora, é uma coisa que já é genético porque o meu pai também... o meu pai escreve... isso vem de trás, não é... ãahm... e uma coisa que eu me apercebi é, não quero ser escritor, portanto apesar de eu ter facilidade e de ser uma coisa que faço bem, iria ser um sacrifício, que é uma coisa, que eu não... gosto de escrever, mas ter aquela obrigação de fazer profissão, portanto ter que escrever(*incompreensível*) de propósito, completamente fora de questão... e a questão da música, o dilema sempre foi, apesar de eu escrever bem isso não se traduz automaticamente em música, apesar da música também ter escrita, não é a mesma coisa. Todo o meu percurso dentro do ensino é basicamente... eu sempre quis ser músico, então estava a fazer esse percurso natural... eu nunca quis... eu vejo as coisas um bocado à minha maneira e não... só me sinto músico depois de eu me sentir músico, não é por ter um curso a dizer que eu sou ou por certificado, etc, etc, etc. Basicamente o percurso que eu fiz foi que cheguei a este ponto em que vou abdicar de ser músico, mas estou a trabalhar na música... ou seja, o equivalente a eu queria ser jogador de futebol, em vez de ser jogador tornei-me um treinador... ou construí um clube e sou o presidente desse clube, digamos assim.

E - Deixou a escola... tinha quê, 15 anos, 16 ...

M - Eu não deixei a escola! Não podemos dizer as coisas assim...

E - A escola deixou-o a si...?

M - Não há escola! Porque ao dizer que eu deixei a escola já se pressupõe que eu saí de uma coisa onde estava inserido e isso, simplesmente, não aconteceu. Não há escola! Num ano eu 'tava, eu... foi na altura... isto antes de ter o 9º ano acabado, o problema é que eu precisava do 9º ano... portanto, automaticamente tinha a porta barrada. Enquanto eu não acabasse o 9º ano eu não podia entrar para um curso... e na altura estar 3 anos numa escola ou fazer um curso para dar equivalência ao 9º ano... 'que eu já 'tava fora, era perda de tempo e, numa coisa que não tivesse nada a ver com aquilo (ser técnico de esquentadores ou uma coisa assim) para ter aquela formação profissional, para me dar aquelas bases... o que havia na altura, era no estrangeiro, mas aí por questões económicas e monetárias, não tinha essa hipótese... basicamente foi isso.

E - Continuo aqui um bocadinho perdida...

M - Não há cursos de música, não há cursos de produção, não há cursos de...

E - Então eu quero perceber o que é que fez a seguir. Portanto, o 9º ano estava por concluir e 'tava com 15 anos, 16, 17?

M - Não, ãahm... portanto deixe-me ver... 2017... eu fiz 18 anos em 2017, portanto...

E - Fez 18 anos em 2017? 2017 foi o ano passado.

M - 2007! Eu confundo, peço desculpa, é que eu... como é que eu lhe hei-de explicar?... Eu faço confusão, faço sobreposição entre 2007 e 2017 porque passou tão rápido que eu mentalmente... e foi isso... Portanto, eu saí da escola em 2007... até 2009, assim é que é. Portanto... deixe-me situar... foi: eu entrei pra Eugénio dos Santos em 2005 (foi quando entrei para o 9º ano)... Portanto, devia ter uns 15, 16... e saí ao fazer os 18, porque aí já tinha livre arbítrio, a responsabilidade já era minha... basicamente foi... eu não tenho a certeza... isto agora eu já não lhe consigo precisar bem, já passou muito tempo, mas eu acho que fiz o 9º ano em 2015... 2005!, portanto fiz em 2005 o primeiro 9º ano, chumbei por faltas... em 2006 ainda 'tava matriculado e em 2007 também... acho que sim... e, algures em 2007 saí da escola, foi quando eu fiz os 18 anos, que eu já

não lhe sei dizer exatamente o ano, tenho que pesquisar, mas foi entre o início da escola entre 2009 e 2011, salvo erro, foi neste período de tempo que eu ‘tive parado, foi aquele tempo que me recusei... “parado” entre aspas... a nível académico, não estive matriculado em nenhuma turma, porque não quis ir para aqueles cursos EFA que eram de 3 anos. Recusei. Então, deixei porque... porque...

E - Isto entre os 18 e os 21, p’ra aí?

M - Sim, entre 2009 e 2011, isto no mínimo e no máximo, foi nesta janela de tempo... ãhmm... porque, logo quando eu saí da escola... em 2009... mais ou menos, quando eu tinha 18 anos, eu tinha o 9ºano incompleto, mas eu já tinha repetido o 9º ano 3 vezes e já tinha 18 anos... eu sabia que havia maneira de eu fazer o 9º ano sem ser por aquele sistema tradicional... havia o ensino recorrente, que era à noite... havia mais 2 ou 3 opções nos colégios privados, havia esses tais cursos EFA, mas eu sabia, tinha conhecimento, que existia outras maneiras de acabar o 9º ano... até porque eu conhecia colegas meus, que eram atores, que tinham ensino em casa dado pelos pais, que não iam à escola nem nada, e aquilo era reconhecido pelo Ministério da Educação e eles passavam os anos assim. Então, logo aos 18 anos, quando me mentiram (‘que eu hoje consigo ver as coisas desta maneira: mentiram-me descaradamente) ... a pessoa... com quem eu me dei nessa altura, na boa-fé dela, achou que era o melhor para mim... então, interveio e não me deixou ter a decisão, mentindo, disse-me que a única maneira era eu ir para um curso EFA, que não havia mais nada, e é mentira. Portanto, o que eu vim fazer em 2011, o RVCC (com as Novas Oportunidades), eu podia ter feito logo em 2009, e isso de certa forma, não me teria prejudicado... não é que me tenha prejudicado, mas teria agilizado as coisas e teria sido mais rápido. Portanto, o que aconteceu foi: eu já sabia isso, pesquisei nas Novas Oportunidades e aí encontrei mais um degrau que foi quando eu descobri esses cursos RVCC (na altura eu ‘tava barrado porque era para maiores de 23... ah!, agora é que... portanto, foi com 23 anos exatamente! Foi a janela de tempo entre os 18 e os 23, precisamente por causa desta questão... porque os requisitos mínimos era preciso... ter 23 ou mais, ou ter 2 anos no mínimo de descontos...e eu como já tinha trabalhado mas não tinha 2 meses de descontos registados na Segurança Social, tive que esperar pelos 23 anos e, então... foi uma jogada que eu fiz, claramente... e pensei: entre ir 3 anos para um curso EFA (que eu já sei o que é que vai acontecer), e esperar, eu vou esperar e depois tiro o 9º ano!

E - O que é que fez nesse tempo? Como é que ocupou os seus dias?

M - Vivi!... É-me difícil explicar porque é exatamente a mesma coisa, simplesmente... não ‘tava matriculado numa turma... De resto, era exatamente igual!

E - ... Mas... como é que passava os dias?

M - Exatamente da mesma maneira. A única diferença é que não estava registado numa matricula... continuava a ter a mesma rotina... portanto, naquela fase, quando eu saí da escola, eu não ‘tava matriculado na escola mas eu, se fosse preciso, até continuava a ir, continuava a ter a mesma rotina, continuava a ter as mesmas coisas...

E - Possivelmente, saía, ia ter com os amigos na mesma...

M - Sim, saía... tudo normal... só deixei de ‘tar matriculado e... tomei o controlo da minha educação, e do meu ensino... e, por exemplo, já não ‘tava preso aquela...

E - Aos horários...

M - Aquela agenda... em parte, quando me pergunta o que é que eu fiz... eu acho que não fiz nada, mas agora olhando para trás... nesses 3 anos, por exemplo, tirei um curso de inglês, um bacharelato de Inglês! São coisas que... mesmo que eu vá p’ a faculdade, mesmo que eu vá tirar um curso... é óbvio que eu vou sempre aprender, mas... vai ser... mais certas arestas que vão ser limadas e partidas e certas lacunas que vão ser preenchidas porque, na base, se eu já falo, se eu já entendo... eu não vou entender mais do que eu já entendo... não sei se me faço perceber... porque, por exemplo, pode-me dizer... há coisas que certamente são finitas: o vocabulário, é óbvio (nem da própria língua portuguesa eu tenho o vocabulário completo, quanto mais de inglês!)... mas, da dinâmica em si... até mesmo por isto, porque eu falo o inglês real, eu não falo o inglês que vem nos livros... portanto eu provavelmente teria grandes hipóteses de entrar em conflito com o professor de inglês... porque, segundo o livro se fosse um professor picuinhas, “isto não é assim, isto não é assim, isto não é assim, porque não é suposto ser assim, porque aqui tá escrito que não é assim”, mas depois na prática aquilo ‘tá mal e, basicamente são estas peculiaridades que eu sempre tive, por isso é que decidi... não foi decidir, foi a partir do momento em que eu tive esse tempo mais livre (livre, no sentido de que não tinha a escola) tomei controlo...

E - ...da sua vida...

M - Sim. E tudo... não foi uma coisa que eu acordei um dia e “Ó, vou fazer isto!”, era tudo coisas que eu já fazia, só que... digamos, como tinha a escola se calhar ainda não tinha essa liberdade e a partir do momento em que saí da escola... eu sempre escrevi mais em inglês, sempre trabalhei on-line... portanto, foi uma coisa instantânea: a partir do momento em que eu comecei a ver vídeos com legendas em inglês, com áudio em inglês (*estala os dedos, como se tivesse feito um clic*), em menos de nada... e, quando eu vi essa magia a acontecer com isso, eu comecei a aplicar o mesmo método com tudo... só que depois há coisas que eu não quero... por exemplo, houve uma altura que eu era assim uma espécie de autodidata, queria aprender tudo, mas depois cheguei à conclusão de que isso era contraproducente porque nós não somos bons para tudo... portanto, para que é que eu quero saber aquilo, estar a aprender aquilo se eu depois não vou saber executar... é preferível, por exemplo, eu agora preciso de fotógrafos, preciso de pintores, preciso de uma série de coisas, eu podia aprender essas coisas para não ter que pagar a alguém, para eu ser autossuficiente, mas eu vou sempre comprometer a qualidade porque... eu só sou bom naquilo que eu sou bom... as outras é por necessidade, digamos assim.

E - Então... agora, concretamente... desde esse tempo em que terminou de fazer o RVCC até agora...

M - Já... isto para lhe explicar, já nesta altura, já em 2007, eu tinha o meu emprego. Aos 18 anos fiz a minha primeira empresa, que era uma produtora de eventos, portanto... este tal caminho que eu falo, nessa altura já ‘tava a começar.

E - Consegue ter autonomia financeira em relação à sua mãe?... mais ou menos...

M - Isso já é uma não-opção, isso já tem a ver com outras coisas... o facto de eu ter ou não ter, não tem a ver com isto... por acaso não tenho, que tem a ver com uma série de contratempas e coisas mas que não está muito diretamente relacionada... portanto, em condições normais, tenho... portanto, é assim que eu devo responder... porque, por exemplo, essa produtora de eventos já não existe, mas... foi o embrião disto que eu tenho agora, da empresa que eu vou formar agora... portanto e basicamente, esta não formação que eu não tive pela escola, eu tive-a à mesma...

E - ...com as suas experiências...?

M - Sim. Isto cria-me o que ligo... em que eventualmente eu, por exemplo, eu agora 'tô com um dilema, em que eu até... 'tô na iminência de ser recrutado por uma empresa de marketing, em que eles veem que eu tenho as competências e que eu tenho... tenho o curriculum feito, no sentido em que eu tenho uma pasta que é um portefólio em que aquilo serve para isso mesmo mas, se formos analisar eu não tenho o curso, não tenho a formação, eu não tenho nada... isso, cria um bocado ali... não dá para categorizar, pra ver por onde é que vamos porque, se formos pelas competências, tenho as provas dadas... ao ponto da própria empresa que 'tá na iminência de me contratar (são pessoas profissionais no meio)... há aqui uma coisa que eu tenho que elas próprias... não sei se me faço entender, porque isto não se aprende na escola... é aquelas coisas da vida real que só quando passamos por elas, não vêm nos manuais... e isto no marketing ainda tem outros preços... basicamente, é isso!

E - Então, mas se não for entretanto trabalhar para essa empresa vai criar a sua própria empresa, é isso?

M - Eu já tenho a minha... isso é um complemento porque... eu na minha 'tô a fazer tudo sozinho... ou seja, enquanto sou eu que tenho as rédeas de tudo, eu quase que tenho que abdicar dos meus lucros, porque esses lucros são reinvestidos na empresa, ou seja, eu fico no final da equação... e isto a acontecer, permitiria que eu, paralelamente e fundido com isso que é exatamente a mesma coisa, eu já ia ter uma entidade patronal naquilo que eu faço, não sendo eu que ia 'tar a canalizar recursos pra mim, eu sou pago à mesma, e aquilo que eu já faço... Isso é assim um bocado complexo de explicar... não sei se me estou a fazer entender...

E - Sim. Trabalha sobretudo à noite...

M - Pra mim não há noite e dia! É como lhe disse, o dia tem 24 horas... é non-stop... ainda por cima são fusos de horário diferentes (eu trabalho constantemente com pessoas do Canadá, da Austrália, do Brasil, dos Estados Unidos)... portanto, eu não tenho... não há um horário... aqui já passaram 8 horas, já é de noite mas no outro dia o dia 'tá a começar, o dia por ter acabado aqui...

E - O tipo de eventos que produz estão todos associados à música, é isso? Bandas...

M - Não são bem... eventos... naquilo que eu 'tou a fazer, eu 'tou... não sei qual é que hei-de pedir que eu...Sou uma das peças chaves numa industria nova que 'tá a florescer em Portugal. É mais ou menos como lhe posso explicar...

E - 'Tá bem...

M - ...É uma coisa ilegal e que tem a ver com a *cannabis*, não sei se já reparou... só que é uma coisa que tem a ver mas não tem a ver... portanto, digamos que acima de tudo, e antes de mais, o trabalho que nós desenvolvemos é precisamente limpar esse estigma. Nós não andamos aqui a plantar, não... pra dizer a verdade, é quase como se fosse... nas marcas de café, utilizam-se os grãos de café da mesma maneira, portanto, isto para dizer que em relação à *cannabis* é uma coisa mais ideológica do que propriamente material, digamos assim... E a empresa que eu faço... que eu tento desenvolver tem o epicentro na música e é uma coisa muito filantrópica e com bases filosóficas muito fortes, e ideológicas também, em que o, digamos, o epicentro 'tá ligado à cultura hip-hop e à comunidade *cannábica*, mas não 'tá limitado a isso, é simplesmente o epicentro, tem as suas correntes ideológicas no hip-hop. Por conseguinte, a música... mas não se define só na música porque é uma cultura, tem seis vertentes, ãhmm... e depois há outra parte que é... nós já temos como seguro que vai ser legalizado brevemente... não vou dizer quanto tempo mas... na pior das hipóteses, mesmo que não aconteça nada, nem que seja pelo Tribunal dos Direitos do Homem, a Lei vai ter que mudar, porque aqui o problema é a Lei... não sei se me faço entender... há coisas em que existem problemas, por exemplo, conduzir com álcool, telemóvel, etc, em que existem leis para tentar controlar certos problemas e, neste caso em concreto, é a Lei que origina o problema. Até porque sem esta lei, deixa de existir automaticamente tráfico. Portanto, aqueles argumentos de proteger o cidadão, e da saúde e etc, etc, etc 'tá tudo... caído por terra. Ainda por cima agora, não sei se 'tá a par das iniciativas que tem havido no Parlamento... por exemplo, a mim não me cabe na cabeça, como é que se faz aquele alarido todo em volta daquele decreto-lei da *cannabis* medicinal, mas na mesma altura, no mesmo partido que fez isso, passam um decreto sobre o medronho... que é... é um contrassenso, não dá! 'Tão a usar o argumento de proteger as pessoas e etc, etc e depois aprovam uma coisa que é aquilo que eles tentam imputar a outra coisa e 'tá aqui. Portanto, o que eu faço, não tem diretamente a ver com essa indústria... se eu não tivesse em Portugal, eu era apenas mais uma pessoa...

E - Passa-lhe pela cabeça sair de Portugal?

M - Não, precisamente por causa disto que eu ia dizer, porque se eu não ‘tivesse em Portugal, eu não tenho nada de especial, era mais um entre milhões e milhões e milhões e milhões... mas o meu forte é ‘tar em Portugal do que ‘tar no mundo... eu e nós, a nossa marca, aquilo que nós estamos a fazer, somos os únicos, somos os primeiros, somos os pioneiros e já temos ligação aos maiores lá fora... ‘tamos numa posição aqui um bocado... de certa forma, estamos a dar o corpo às balas mas, quando passar esta tempestade... e mesmo agora, eu tenho um amigo meu (a marca que eu ‘tou a fazer, esta empresa de entretenimento, digamos assim, é mais baseada no entretenimento, eu quero passar informação através do entretenimento)... tenho um amigo meu que foi pela parte académica, que é a CANATIVA, que é uma Associação de Estudos de *cannabis*, foram eles que ajudaram a desenvolver o projeto de lei com o Bloco de Esquerda, portanto são dois braços da mesma coisa... não sei se fui claro, se não...

E - Sim e, entretanto, no meio disto tudo, produz música também, ou não? Toca alguma coisa

M - Não.

E - Mas... hip-hop ‘tá aí na...

M - É a minha essência! Eu respiro música, só que tenho uma coisa... desculpe é muito estúpido eu dizer isto, mas é verdade, eu gosto tanto ao ponto de abdicar porque é uma coisa sagrada... então, eu pra fazer bem ia ter que perder tempo, então em vez de ‘tar a perder tempo, prefiro ir buscar alguém que eu olho como se fosse eu, eu revejo-me, e vou agarrar nessa pessoa... porque no fundo isto nasceu... a base era para ser a minha editora para me lançar como músico... e como já ‘tava a vir ao contrário e já tinha a consciência que já ‘tava a vir tarde, então eu fiz as coisas ao contrário: em vez de começar como músico, fazer o meu percurso, a carreira, etc, etc, etc, pra depois no fim, se as coisas corressem bem, chegar à editora, eu comecei ao contrário, ou seja, eu antes de me tornar músico eu já tinha minha marca, já tinha a fundação, já tinha a minha casa... só que com esse processo percebi que afinal músico não vou ser eu e vou formar é músicos! Não sei o dia de amanhã, não sei o que é que pode acontecer, não sei se de hoje p’á amanhã eu volto atrás, mas neste momento, em termos práticos, a música ‘tá um bocado posta entre aspas “de parte”, no sentido de ser eu a fazê-la... mas de resto é

exatamente a mesma coisa... ou seja... porque por exemplo, um dos últimos cursos que eu tirei que foi novamente (eu já tinha aprendido essa lição, mas pronto, tive que pagar mais 3000 euros pra ter a certeza, que eu já sabia!) e “ah, então pronto, porque é que não vais p’ra faculdade, porque é que não vais tirar um curso, porque é que não estudas, e bla, bla, bla e bla, bla, bla ...” e eu segui o conselho, fui à procura de um curso, fui pra World Academy, em Carnaxide, tirar um curso... dois cursos aliás: um de criação musical, que era... não era para me tornar músico, mas, partindo do princípio que eu já tinha esse embrião dentro de mim, trabalhar a coisa, que era literalmente p’ra música: criação de música, produção musical, etc, etc, etc. Este curso eu fiz mais ou menos até um quarto e cheguei à conclusão que entrava em conflito com o outro que eu ‘tava a fazer, e foquei-me só neste... portanto eu paguei o curso até ao fim, mas... abdiqueei dele. E o outro curso que eu fiz, que era um complemento, mas aqui depois também já há conflitos de interesse, que era produção e promoção de música, mas já no ponto administrativo, ou seja, quem tem é entre editoras, managers, etc, etc, etc, portanto eu em termos práticos, eu até posso ter certificação, já sou free-lancer, manager ou produtor, etc, etc, etc... que eu por acaso não tenho o diploma mas eu pra ter o diploma é uma questão administrativa... Eu não tenho o diploma porque não me interessa ter: eu paguei, eu fiz o curso, mesmo que eles aleguem que eu não tive as médias, refaçam-me os testes... não sei se me ‘tou a fazer entender... portanto, ainda ontem, é engraçado, tive essa conversa com o meu pai, esse curso e o que eu aprendi é que nós não pagamos pelos diplomas, nós pagamos pelos contactos... Eu ter o diploma era um bocado pra (*incompreensível*) os contactos que eu fiz com aquele curso... e é engraçado que o meu curso em específico foide promoção e produção de música, ou seja, digamos que na teoria é um curso que supostamente ensina e prepara as pessoas para fazer o que eu ‘tou a fazer, e eu quando fiz o curso eu já tinha o embrião disto... então, basicamente, o curso foi a luta do “ Tu não podes!”, “É impossível!”, do “não dá!”... com pessoas da indústria, da praça e eu fiz, deu, consegui, tenho e agora quero ver o que é que vai acontecer por aí... é assim: as pessoas vão-se sentir em cheque mas isso não vai ser comigo, eu é que provoquei... pela própria empresa que vou fazer, não sei se já, mas a curto/médio prazo, tenho a hipótese de reverter tudo isto que eu ‘tou a dizer e de me tornar uma entidade formadora... eu posso dar estágios, eu posso dar formação... é uma coisa um bocado mais para gerir e administrar que tenho que pensar com tempo, mas basicamente tem que ser ensinar, por isso...

E - Quando era mesmo pequeno, pensava... daquelas conversas que os miúdos têm “O que queres ser quando fores grande?”...

M - Sempre músico.

E - Sempre músico...

M - Sempre.

E - E se eu lhe perguntar o vai estar a fazer daqui a 10 anos... onde é que se imagina a viver, o que é que se imagina a fazer...

M - Não me imagino. Daqui a 10 anos se tudo correr bem já cá não ‘tou!... eu sei... eu sei... não lhe consigo explicar isto de outra forma... se aquilo que eu tenho idealizado, as minhas metas e os objetivos, correr bem, se eu conseguir, se quiser fazer... isso de certa forma, vai gerar consequências em que eventualmente, se a coisa for mesmo bem feita, eu até já cá não ‘tou!

E - Já cá não está como?

M - Vou falar hipoteticamente. Já me posso ter reformado, já posso ter morrido, posso ter mudado de vida, etc, etc, etc. Dez anos... agora, por exemplo, à velocidade que estes 2 últimos anos aconteceram, daqui a 10 anos, à velocidade a que eu ‘tou a ir, que isto se está a desenvolver... por exemplo, veja agora o caso da IURD... que é uma coisa grave, mas não sei até que ponto é que a gravidade é tão grande... e já saiu uma providência cautelar a... as reportagens já vão ser retiradas e já vão haver ameaças e etc, etc, etc. Portanto, digamos que naquilo que eu ‘tou a fazer, eu ‘tou a fazer uma afronta direta às indústrias farmacêuticas, não é ‘tar a ser pessimista eu ‘tou é a ser realista! Não ‘tou a dizer que eu quero que aconteça ou que eu ache que aconteça, simplesmente (*incompreensível*) ... Eu desde pequenino... Isto também tem a ver com isso que me estava a perguntar... eu desde pequenino sempre disse que o meu relógio biológico era até aos 30 anos e, cada vez mais... eu não lhe consigo... é um bocado diferente porque eu já vejo isto muito perto (fiz 28 já estou mesmo aqui ao pé)... mas... não lhe sei explicar porquê, é uma coisa que, desde sempre...

E - Não faz planos de... os planos tradicionais, de encontrar uma companheira ou um companheiro, de sair... de viver com outra pessoa, esse tipo de planos, não...?

M - Não recuso, mas não ‘tou a sonhar... não ‘tou a fantasiar... não sei se me... não é uma coisa que eu não pense nisso, mas não ‘tou preso a isso.

E - Costuma sair à noite com amigos... há noitadas...? O fim-de-semana...

M - A que nível?

E - Estamos a falar de saídas normais, de bares, de discotecas...

M - A que nível? Se me perguntar “sair em rebanho”, ir com os amigos para ir pra uma discoteca pra ficar da meia-noite às 6 da manhã, a consumir álcool pra chegar a casa em coma alcoólico, bem... não! Esse tipo de comportamentos destrutivos eu não tenho. Eu, por definição, já estou numa coisa que envolve uma substância que infelizmente é ilegal (eu sou consumidor de cannabis), portanto... agora, apesar de eu levar com esse rótulo e de ‘tar associado a esse estigma, eu considero-me uma pessoa responsável... portanto, eu acho que um bocado pela minha atividade eu tenho essa responsabilidade e, isto sem ‘tar a querer ser preconceituoso, mas aquele tipo de comportamentos destrutivos que querem associar a isto, que eu, pra não ser hipócrita, não... eu já tive nessa dinâmica antes, já ‘tive no mundo da noite, portanto, quando me pergunta “sair à noite?”, sim, eu saio pra ‘tar com os meus amigos, e todos os dias, essa saída à noite, eu tenho a verdadeira: vou sair com os meus amigos pra ‘tar com eles, entende? Porque nisso que me ‘tá a dizer, são grupos que saem pra beberem, depois fazem tudo menos estarem VERDADEIRAMENTE uns com os outros ... basicamente, a dinâmica dos jovens é... tudo o que tenha um bocado a ver com esse *status quo*, com a sociedade, com aquela pressão, com o “tem que ser assim”, ‘tou fora disso...!

E - Sai com os seus amigos na mesma... todos os dias, estava-me a dizer, mais ou menos... conversam, estão juntos...

M - Sim, só que em vez de ir pra uma discoteca pagar 9 € por uma bebida que custa 1... faço a festa em minha casa, não sou espancado por um segurança e... viro o jogo a meu favor! Já não dependo disso, sei como é lá fora, já tenho um bocado a experiência... por isso ... sei exatamente o que é que é a noite, por isso sei o que é que são essas saídas... é um bocado como trabalhar em televisão ou... eu quando vejo o filme e quando vejo a música, eu aprecio a arte mas eu já sei como é que foi feito e já sei o que é que ‘tá por trás, entende? Se calhar já não tenho aquela vontade de ir ao cinema tantas vezes, porque eu vi-o... isso... não sei se me faça entender... eu tenho acesso praticamente

integral aos bastidores e eu só com base nisso, faz-me não querer... não é não querer, é... automaticamente ‘tou fora de certos comportamentos em rebanho, digamos assim.

E - Não se revê...

M - Isso que me ‘tava a perguntar em relação à companheira... se isso acontecer e se acontecer naturalmente, eu não tenho problemas nenhuns, mas da maneira como acontece, principalmente pelas dinâmicas, e até pelas coisas em si, digamos assim, eu ‘tou um bocado amaldiçoado porque eu não tenho uma base de comparação o que é para mim e o que é que é pra aqui... então basicamente, é como se eu tivesse um escudo... é a minha proteção, digamos assim... porque quando temos excesso toda a gente gosta de nós e eu nesse aspeto sou um bocado independente, a nível afetivo... não... lá está: sou uma pessoa muito terra-a-terra e não meto em causa aquilo que eu tenho e aquilo que eu levei uma vida pra me fazer importante... tenho essa sorte, portanto, basicamente... digamos que o que eu estou a fazer consigo é quase uma retrospectiva, porque muito em breve, isto vai passar a ser o meu meio ... Eu já vou fazer a... já vou registar a empresa, já dentro em brevemente, seja por iniciativa própria ou seja pelo trabalho e etc, eu já vou começar a trabalhar... até mesmo nesse sentido...

E - Pensando nessa empresa... como é que funciona: vai ou tem já registo coletivo, aquelas coisas todas que são obrigatórias...

M - É isso que eu ‘tou a dizer: eu ainda não considero oficial porque ainda não tenho isso, mas tenho tudo começado...

E - ...mas vai fazer isso?

M - Sim, no dia 20 de abril vou registar a empresa e...

E - ... vai ser uma coisa oficial, com os descontos pra segurança social e...

M - Sim... um trabalho!... Eu já fui... eu já tive a empresa, que era na altura uma sociedade por quotas, com capital social de 5000€... agora, não sei se... o “como”, ainda tem que ser estudado, ainda não sei se vai ser uma unipessoal se vai ser uma sociedade, se vai ser uma atividade por conta própria, ainda tenho que ver...

E - Está em dúvida se faz sociedade com alguém?

M - Não é dúvida... eu quero ter as coisas oficiais, legais e transparentes... mas ao mesmo tempo, eu não tenho que trabalhar para o Estado! Não há nenhuma lei que me obrigue a dar dinheiro ao Estado, de livre arbítrio! Portanto, se eu puder esperar para registar a empresa... porque é que eu tenho que ir registar já e começar já a pagar essas coisas? Porque basicamente tudo o que eu vou ter, vou ter que dividir a 50% com o Estado! Portanto, é mais por aí... Eu já tenho as coisas materializadas... agora, eu vou fazer esse compasso de espera até abril precisamente por causa disso! Eu não vou ter a atividade aberta, portanto as despesas que eu ia 'tar a ter eu não...

E - E pretende essa data, ou está...

M - Não, é uma data...

E - ... como outra qualquer...

M - É um dia específico! 20 de abril, 04 20, é o dia... é uma data que está associada à *cannabis* e eu como lá na empresa tenho esse simbolismo... eu já era pra ter feito isso em 2016, depois... a primeira tentativa, digamos assim, já 'tava tipo, organizada, mas depois houve...

E - ... mas sozinho?, vai registar sozinho ou...

M - Em tudo sou eu!

E - Não tem nenhum sócio...

M - 'Tou a começar agora a ter, mas mesmo os colegas com quem eu falo, sou eu que falo com eles, portanto passa... mesmo que eu já tenha mais uma ou duas pessoas dispostas a ajudar-me, passa tudo por mim. Isto, na realidade, aquilo que eu lhe 'tou aqui a dizer... não sei por quanto é que valia também, mas é um trabalho pra 6 ou 7 pessoas... estou a fazer 7 ou 8 coisas ao mesmo tempo, que eu 'tou a ser obrigado a fazer...porque lá está, não conheço essas pessoas... e pra 'tar a contratar pessoas que eu não conheço, eu não confio! Trata... Não é um trabalho, não é um... 'tá intrinsecamente ligado a mim, portanto é uma coisa que eu sei já a facilidade... e tem tudo a ver comigo. Isto não é meramente um emprego, isto não é meramente um trabalho...isto tem, como eu lhe disse, 'tá intimamente ligado a mim, vem desde os 14... quase que podemos ver as coisas desta maneira: é como se eu tivesse estado parado, digamos assim, enquanto não está oficial... de certa forma até se pode chegar à conclusão de que eu perdi tempo,

mas a partir do momento em que isto fique oficial, esse argumento já não pode ser válido, porque foi isso que me permitiu chegar aqui.

E - Vou fazer uma pergunta muito, muito pessoal: como é que o seu pai e a sua mãe lidam com esses projetos de vida?

M - Tem que lhes perguntar, não consigo falar, ok?... vou-lhe dar um exemplo (isto é muito difícil falar na 1ª pessoa porque tenho medo em relação a ser presunçoso e isso depois é muito difícil...). Vou-lhe dar um exemplo: eu não gosto de considerar-me um visionário, mas... tenho que admitir que eu tenho olho para certas coisas... pronto. Isto, não querendo ser presunçoso, já é óbvio que tinha um certo padrão, não é por acaso, não é só sorte! Vou-lhe dar um exemplo, eu em 2017... não em 2007, entre 2005 e 2007, já tinha 22 *bitcoins*... esses 22 *bitcoins*, se eu os tivesse hoje, valiam à volta de 400 mil euros... e já os tinha, com 13 anos! Com 13 anos, não!... Não, foi mais tarde, foi em 2007, foi entre os 16 e os 19, exatamente... Isto pra lhe dizer, que eu com essa idade, eu já tinha aquilo, eu SABIA o que tinha, eu sabia... até lhe digo de outra maneira: eu sabia que isto ia acontecer, mas eu não sonhava que fosse tão rápido... mas eu nunca duvidei que ia acontecer, e aconteceu! Portanto, eu de certa forma sempre tive aquele problema... por exemplo, o meu pai é recordista do GUINNESS, e tudo mais... é uma pessoa que posta, em comparação com as demais, se destaca... não lhe quero chamar génio mas, efetivamente... é uma pessoa que (não queira ir pelo filho), mas... tá assim! (*faz sinal com a mão acima dos olhos*) Não sei se me faço entender... Fez o seu percurso de vida, tem 5 recordes do GUINNESS, etc, etc, etc... e, falando de mim... eu agora perdi-me... perdi o meu raciocínio... estava a falar do meu pai (...). Isto falando do meu pai... sempre olharam pra mim como um bocado distraído, ou seja, não entendem a formação que o filho... isto é uma questão de sensibilidade, uma questão de *feeling*, uma coisa que não se ensina, é uma coisa que não se explica... e eu sempre tive esse *feeling*, só que tecnicamente era quase religião: havia Deus e como ninguém via Deus, não acreditavam... então com os *bitcoins* foi um bocado aquilo que se passou: o meu pai não percebia, eu também não lhe sabia explicar da mesma maneira e ele hoje reconhece... portanto, isto para fazer o paralelo, o meu pai agora se calhar... ele pode continuar a não perceber, mas ele já não ousa fazer o que fez com os *bitcoins*, porque ele viu o resultado... e há muitas coisas que o meu pai me criticava que ele agora é que percebeu a dimensão da coisa. E isto pra dizer que, basicamente, eu sou uma daquelas crianças que (isto não é pra deitar culpas a ninguém mas) faltou-me um mentor.

Portanto, o meu problema é que eu não tive mentor... basicamente, eu sou uma daquelas crianças que se alguém tivesse ‘tado atento, entre os 14 aos 16, tinha-me direcionado... prá aquilo, prá musica ou pra aquilo... ou seja, aquilo que eu fiz por mim próprio, alguém que tivesse a aptidão natural pra fazer fazia... É um bocado a história a reescrever-se, só que eu já tiro proveito disso e dificilmente reescrevo a mesma história... portanto, basicamente o percurso que o meu pai fez, eu já o ‘tou a fazer, só que já não ‘tou a fazer a coisa para mim, já ‘tou a fazer a coisa para uma causa e já ‘tou a por isso “ao serviço de” em vez de ser em prol de mim... não sei se estou a conseguir ser muito claro...

E - hum, hum... não existe pressão para arranjar um trabalho, arranjar um emprego, emancipar-se da sua mãe...

M - Não, não até porque...

E - Porque vão compreendendo...

M - Não é compreendendo... eu... eu... é uma situação perversa em que quase... o equilíbrio não é normal, ou seja... na teoria é como se eu fosse sustentado... não digo pelos meus pais, mas pelos meus familiares, mas na realidade já sou eu que os sustento a eles, não sei se me faço entender porque, eu com isto que tenho, embora não seja oficial, eu já tenho... eu já faço aqui uma desmultiplicação, quanto mais não seja do dinheiro... quanto mais não seja que eu não deixo no Estado, eu já tenho uma coisa autossuficiente pra mim... agora, eu ainda não tenho o trabalho, porque eu não quero fazer as coisas “por baixo da mesa”: eu quero fazer as coisas legais, eu quero receber faturas, etc, etc, etc... e é isso que as outras pessoas não vêm: criticam por não haver trabalho, mas depois não lhes interessa que seja legal ou não e eu como sou uma pessoa de princípios, como eu sou MUITO teimoso nesse aspeto, é “o certo pelo certo e o justo pelo justo”... eu não me cabe na cabeça criticar-me porque eu não tenho um trabalho mas depois ser um trabalho não oficial, porque basicamente, não há diferença nenhuma entre isso ou não ter trabalho legal...

E - Quando vai sair com os seus amigos (ainda que vá para casa de alguém), as despesas que faz de roupa... é o “Mário” que consegue...

M - Eu sou autossuficiente desde sempre, desde criança... tem mesmo a ver com a minha maneira de ser: desde pequenino eu nunca fui uma criança de ir às lojas comprar

roupa... eu via nas lojas a roupa que eu gostava, eu procurava na net, em sites que vendiam coisas baratas... eu não sou nenhuma pessoa assim de posses muito grandes... sempre me dei ao luxo de viver nesse luxo porque sempre tive “olho” pra essas coisas... e mesmo a dinâmica do que eu ‘tou a... esta empresa, passa muito por isso: em vez de olhar em frente pros lucros (que é o que a generalidade das pessoas pensa e ninguém trabalha sem ser pra isso), a primeira coisa que eu penso é no valor que eu fiz, ou seja, coisas que não me deram dinheiro mas deram-me experiência, deram-me portefólio, coisas materiais, por exemplo, o que eu tenho aí em cima (*aponta uma pequena coleção de isqueiros*), não tenho notas... eu nessa mesa, só em isqueiros tenho aí mais de 300 euros... Não recebi os 300 euros num pagamento, mas recebi... eu posso vendê-los... não sei se me faço entender... e depois outra coisa muito interessante é que todo o tempo que eu gasto, é dinheiro que eu não gasto, torno-me autossuficiente: tenho a minha roupa, tenho as minhas modelas, tenho os meus produtores, tenho os meus fotógrafos... ‘tá tudo nesta empresa, em que sou eu que lhes pago ordenado, mas eles estão a trabalhar pra mim... portanto, fica tudo em casa, é tudo a mesma coisa, porque eu tenho esta visão, não há... muito do que eu aprendi na música, é uma área em que se se quer ganhar dinheiro, condição obrigatória é gastar-se dinheiro! Não se ganha dinheiro na música sem se gastar!

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

APÊNDICE 4.2: Entrevista a Liliana: Mudar o Mundo de Alguém



ENTREVISTA A LILIANA: MUDAR O MUNDO DE ALGUÉM

A presente entrevista tem início após explicitados os procedimentos de gravação áudio, da construção do texto narrativo e assegurados os aspetos de anonimato e confidencialidade na transcrição e publicação do texto. A entrevistada é informada também sobre a devolução do texto para revisão e participação na narrativa da própria. Tem também lugar a leitura e assinatura do termo de consentimento. A entrevista decorre num gabinete de estudo da ESECS do IPLeiria, por sugestão da própria entrevistada.

A Liliana (nome fictício) tem 32 anos. Tem um tom de voz afirmativo e decidido. É proveniente e residente de um lugar habitacional com características rurais, de uma aldeia do distrito de Leiria. É licenciada em Serviço Social. Tem a avó acamada ao seu cuidado, num trabalho que desenvolve em colaboração com a sua mãe. Além disso, responsabiliza-se pelos sobrinhos em tempo de férias escolares, ou doença, em períodos que não coincidem com a disponibilidade profissional dos pais.

Entrevistadora (E) - Então eu, para começar, trago aqui um cartoon que gostava que lesse e que me dissesse o que é que pensa sobre este cartoon...

Liliana (L) - *(lê em voz baixa, refletindo)* ... o que é que eu acho... que sim, que há uma geração assim, mas eu própria, EU não me identifico com este cartoon, mas acredito que é um cartoon que caracteriza alguma... parte de...

E - ... dos jovens?

L - Dos jovens, sim, sim, sim. Não quer dizer que seja todos e também não quer dizer que eu acredite que todos os jovens pensem assim... porque há uma grande parte que acaba por ser... *(em voz baixa, para si)*...como é que eu hei-de... agora tenho que ter

cuidado com as expressões que possa utilizar... que, se calhar, é julgada e é toda posta no mesmo... grupo, não é?, no entanto, não é por causa disso que deixa de procurar emprego, trabalho... é rotulada de! Isto é a minha opinião. Daí, eu se calhar até podia ter sido rotulada disso e não quer dizer que eu me identifique com isto!... É o que eu acho, é a minha opinião.

E - Porque é que acha que... pegando naquilo que me está a dizer, portanto há pessoas que até procuram, o que é que faz com que não consigam encontrar trabalho, o que é que...

L - Mas no meu caso concreto, ou no geral?

E - No geral, no seu caso, como achar melhor...

L - No geral, se calhar porque pode haver a questão da oferta de emprego e da localização onde..., por exemplo eu sou de um meio rural, portanto, sim é um fator... pra mim há um conjunto de fatores: é a questão da falta de oferta, mas também pode ser o facto da oferta... do local onde nós vivemos... por exemplo, eu sou de um meio rural... se calhar, se vivesse numa cidade, o facto de... se calhar, facilitaria muito mais estar perto das coisas e ter acesso às coisas, embora isso hoje em dia não seja um ponto em questão! Hoje em dia... se calhar se nós há uns anos atrás procurávamos um trabalho ao pé de casa, hoje em dia já estamos predispostos a fazer 20, 30, 40, 50, 60... pra ir em busca de alguma coisa. Se calhar, há 20, 30 anos, quer dizer não se pensava muito bem nisso, quero é arranjar aqui assim, não ir pra muito longe... também não havia a acessibilidade que há hoje... as estradas... hoje em dia, pode-se ir a Lisboa e ‘tar em... em... no mesmo dia, não é?, e fazer-se tudo... Agora o que é que eu acho, há todo um conjunto de... fatores... a questão da localização, a questão da oferta... há também uma questão que, se calhar, os jovens... há duas questões: temos o tipo de jovens que ‘tá predisposto a tudo porque sim, precisa de ganhar dinheiro, mas também temos uma outra... há aqui uma... dois extremos, porque se temos por um lado os jovens que estão dispostos a fazer qualquer coisa p’ a arranjar dinheiro, também temos outros, outra geração que está mais informada dos seus direitos... de que... espera, quer dizer, eu vou fazer estas horas p’ a receber isto? Mais vale ficar quieta, não é? ... Portanto, pra mim é todo um... não sei como é que lhe hei-de dizer... é todo um conjunto de fatores, quer dizer, se calhar, se houvesse outros incentivos do Estado... quer dizer, se o Estado me diz assim “olha, tens este subsídio mas pode-lo perder... se

arranjares um trabalho temporário”... A pessoa até não se importava de ir trabalhar mas “pera lá! Se eu vou trabalhar este X e não tenho isto por adquirido... ..ou, uma pessoa com uma deficiência que gosta... que tenha... que gostava de trabalhar, pra se sentir útil (era uma mais valia pra sociedade), mas o Estado não!, prefere... o próprio Estado acho também que tem um bocadinho de culpa nisso, pra além das exigências que faz às empresas hoje, de impostos, faz com que as empresas, por consequência, tentem baixar os salários e acaba por ser uma escravatura do século XXI, quase que, diria eu!... mas, pelo outro, a sociedade também é um bocadinho, e o Estado, é um bocadinho culpado de isto, porque porque é que uma pessoa com uma deficiência, com uma limitação, não pode ter um emprego e, sim senhoras, um apoio do Estado? Uma parte, do Estado? Não seria uma mais valia...?, digo eu... pra... mas eu, no meu entender, há sempre, acho que isso pra além do Estado, também é uma questão cultural... isso foi quase que incutido, quer dizer, ou servimos para produzir e pra dar trabalho, ou se não damos tanto rendimento, esquece!

E - Como é que é o seu percurso, em termos dessa busca, o que é que...

L - Dessa busca... o meu percurso... eu fiz o ensino secundário, normal...

E - A escola primária foi feita na aldeia... no sítio onde reside.

L - Sim... até ao 6º ano fiz na aldeia, perto de casa, sensivelmente a poucos metros de casa, até ao 5º, 6º ano. Ainda sou do tempo da velhinha telescola... mas, o que não quer dizer que não tenha aprendido tanto ou mais do que os que tivessem no... com 5 ou 6 professores, no 5º ano!, porque tínhamos uma boa professora que nos explicava tudo, víamos a cassette, mas depois fazíamos montes de exercícios e, aliás, quando chegávamos à escola, ao contrário do que os professores que nos recebiam, achavam, nós vínhamos mais preparados do que, se calhar, muitos alunos... quando chegávamos ao 6º ano, do que os próprios alunos... ou ao 7º ano, neste caso... do que os próprios alunos que tinham feito lá o 5º ano!... Eu sempre fui uma aluna média, fiz o 9º ano, o que é que acontece, no 9º ano fui aconselhada, pelos professores, de que, se calhar tinha algumas dificuldades, esqueceram-se de que eu também tinha uma limitação visual, quase que... a fazer o 9º ano “ ah! tu se calhar não és capaz!”, “Se calhar, fazes aqui um profissional...”...aí está: porque hoje em dia, os professores... antigamente... hoje em dia, o profissional... Isto aqui abrindo um parênteses, o profissional ESTÁ na moda, quer-se influenciar, não se valoriza a questão... e também penso que isso tem a ver com

a questão do emprego, porque NÃO SE DÁ VALOR, e foi muito discriminado, o ensino profissional, e hoje o mercado sente falta dessas pessoas!... Isto aqui, estabelecendo um paralelo... e antigamente era: “tens dificuldades” ou “és rebelde!” (não era o meu caso!) “se calhar, é melhor ires pra um profissional!”... “arrumamos-te acolá...!” pronto... é quase que... uma pecinha...

E então, no meu caso (não é porque era rebelde, mas tinha dificuldades) e fui quase que... empurrada (vá!... falando assim...) pro profissional. Fiz o profissional... tirei técnico de cozinha, porque na altura não havia a oferta que havia hoje, quer dizer tinha 3 opções na Escola Profissional em Leiria: ou era Informática (quer dizer, não me via muito ali a arranjar computadores...), ou era Solicitadoria (que era Leis) e tínhamos o de Cozinha, não é?, e eu pensei assim “quanto mais não seja, vou aprender a fazer comer, se for preciso ir trabalhar pra um restaurante, ao menos ainda aprendo alguma coisa... e faço o 9º ano!”, mas sempre com o intuito de que queria fazer mais, só o que é que acontece: fiz o ensino profissional, ainda fiz ali alguns trabalhos temporários, aí está, na questão da Restauração, porque se conseguiria... havia um facilitismo na questão de arranjar horas que não há hoje, não é?, fazia-se umas horas... tomei conta de uma criança, depois mais à frente... tomava aqueles trabalhos que se consegue mais facilmente numa aldeia, do que se calhar numa cidade, não é?, porque há aquela convivência que, se calhar... há a confiança, nem é a convivência, há uma confiança e uma segurança que não há, se calhar, numa cidade! Por exemplo, numa cidade eu não vou dizer assim “Ficas-me aqui com o meu filho? ...Uma semana ou 8 dias, enquanto eu ‘tou doente” ou “enquanto ele ‘tá doente” ou... que é uma vantagem, digo eu!

Fiz esse percurso, ali durante um ano, tentei... fiz esse percurso sim, foi feito num ano, porquê? Porque eu apesar de fazer o ensino profissional quis ir fazer os exames como (*baixinho*... não sei qual é o termo...)... quero dizer que são os alunos que são de fora da escola mas que podem ir fazer os exames...

E - Os externos...

L - Os Alunos Externos, era isso... mas como não tinha quaisquer bases...

E - do 9º?

L - Não, não! Do 12º, no fim!... Fiz o ensino normal, não é?, Foi basicamente assim: querem que eu faça o profissional, eu faço!, mas nunca perdi o intuito de continuar os

estudos (...) Então, fiz o 12º ano. Ao fazer o 12º pensei: Não! Quero ir, vou tentar arranjar aqui algum dinheiro ou alguma coisa pra tentar pagar os estudos, mas eu quero ir e vou fazer os exames!”. Como deve calcular, eu não tinha qualquer preparação pros exames que hoje ainda é feita... que hoje já começa a ser feita nas escolas profissionais, para tentar-se promover... “sim senhora, pra fazer o ensino profissional, nós depois apoiamos-te se tu quiseres seguir”... naquela altura não havia qualquer preparação! Não quer dizer que eu aprendia mais ou menos mas não era feita a preparação, o conteúdo não era o mesmo!... E não consegui ter média suficiente para entrar... então, andei ali um ano, fiz ainda um curso do Centro de Emprego, aí está!, fiz esses mini trabalhos temporários... o que é que acontece: esses mini cursos do Centro de Emprego (que eu já fiz p’ra aí dois), o que é que acontece, são muito bonitos, ocupam os desempregados, saem do... do...

E - ... das estatísticas... do desemprego, não é?

L - das estatísticas... que eu descobri maravilhosamente que eu quis-me candidatar uma vez a um trabalho e não podia, porque estava supostamente ocupada... e se eu desistisse, se assinasse pra avançar pra aquela oferta de emprego, era como ‘tivesse a faltar aquela formação, tinha... perdia uma fortuna em subsídio de alimentação, que era o que nos davam...

Portanto... por isso é que eu digo que há todo um conjunto de... emaranho! Não é culpa só da sociedade, mas TODOS SOMOS um bocadinho culpados, digo eu!, Começando no... de cima pra baixo, desde o Estado, que vai criando estas... emaranhas (não sei como dizer)... até nós próprios, não é?, porque depois acabamos por estar desmotivados: um não, não, não, dois não... o julgarem-nos: “’pera lá, és nova...”, querem-nos com experiência mas não nos dão a possibilidade de treinar, não é?, salvo seja, como diria o outro: “Quer-me com experiência, mas deixa-me experimentar, deixa-me treinar?”... havia um cartoon deste género que tinha “Quer-me com experiência, mas se eu não posso experimentar...”, havia um cartoon deste género! ... Isto pra dizer que, sim, fui um bocado empurrada, o sistema tentou-me empurrar, mas nunca fui desistindo!: fiz isso, depois ingressei nos CET na... que era Curso de Especialização Tecnológica, nível 0 da Universidade, em Leiria, na Escola... na ESECS, de Serviço Social, que era uma área que eu me identificava... bom, eu não sabia no 9º ano o que é que eu queria mas sabia que queria alguma coisa ligada com pessoas! Então, percebi

“bem, pessoas, ajudar, isto deve ter aqui alguma coisa a ver comigo... ‘que havia um CET de Serviço Social... era Serviço Social e Desenvolvimento Comunitário... e eu pensei assim... bem, os professores foram-nos sempre incentivando “vocês, apesar de alguns virem do Ensino Profissional, são de diferentes meios, vocês saem daqui com uma boa ‘bagagem’ e... podem ir... têm x % de equivalência”, e eu pensei... “e não têm que ir aos exames!”. Agora já alguns podem... na altura não tínhamos que ir aos exames, havia um x vagas, para entrar pro ensino superior, e eu pensei: “bom, se eu sempre quis, porque é que eu não vou... não vou tentar?”. Ainda houve aqui uma grande luta entre... um grande braço de ferro, entre alguns alunos desse CET e a... e o próprio Instituto Politécnico, porque na altura, isto ainda ‘tava numa fase muito inicial, o que é que... não ‘tava bem (como é que eu hei-de dizer...) estipulada as Leis de que “Só há x vagas pro Ensino Superior de acesso, os outros...”, e nós fomos... fizemos um braço de ferro, no sentido que, promovem-nos em que nós temos acesso direto ao Ensino Superior e afinal só houveram 4 vagas, só entraram 4 pessoas! E fizemos uma grande luta, o que é que acontece?, depois no ano seguinte andaram aí... mas nesse ano foram obrigados a chamar TODOS OS ALUNOS que tinham sido barrados a entrar no Ensino Superior... mesmo que muitos já tivessem a trabalhar! Entrámos p’ra aí... fins de novembro, mas entrámos! Conseguimos, fiz a licenciatura em pós-laboral... Serviço Social... durante o dia, tomava conta de uma criança, em casa... depois, ao fim de terminar a minha licenciatura, o que é que acontece?, p’ra além de... é que quando nós terminamos a licenciatura, achamos que podemos mudar o mundo, um bocadinho, mas depois percebemos que se mudarmos... eu falo por mim, se mudar a vida de uma pessoa, já fico feliz!, Já não quero mudar o mundo!... Achamos que podemos mudar o mundo e que isto... vamos conseguir, não é?, sonhamos, não é?, e depois quando descemos cá abaixo é que percebemos que... que a coisa não é bem como nós imaginávamos! O que é que acontece?, eu terminar, sim senhoras, fui... fui tentando entregar currículos, fui fazendo voluntariado na Instituição que tinha feito estágio... o que é que acontece?, pois, na maioria das Instituições “Se puderes fazer voluntariado, tudo muito bem! Pois, eu gosto muito de ti, gosto muito do teu trabalho, MAS... não tenho qualquer apoio pra te poder contratar!”... eu disse “Mas até tem!”, “Pois, mas é durante um ano e pois... Depois os apoios demoram muito a vir e...” ...aquela conversa que todos nós sabemos... E eu, pra além de todas as condicionantes, tenho uma limitação visual que não me permitiu, após tirar o curso, tirar a ‘carta’ como pensava. Ao não ter carta de condução e depender de transportes públicos, por muita vontade de

trabalhar que eu tenha, chegar a uma entidade empregadora e dizer “não tenho carta de condução, mas tenho muita vontade de trabalhar e de aprender!”... como deve calcular, diziam que não, ou então, ter uma sociedade que julgam, hoje em dia, vive muito à imagem... eu falo por mim, no meu caso que eu sinto... se eu aparecesse de óculos, a entrevista tinha um caminho, se eu aparecesse de lentes de contacto, a entrevista tinha outro caminho... ou o facto de ser rapariga e rapaz que é uma realidade, que é triste, mas que se sente...

E - Mesmo na área social, acha que

L - Mesmo na área social. Eu fui ao centro de emprego pra uma candidatura, aí está, nesse processo de formação que estava... eu disse “não, mas eu quero-me candidatar a esta vaga!”, “Ah, mas veja lá se compensa desistir da formação, depois vais perder o ap...”, “Não, não!, quero-me candidatar!”, “Olhe, eu vou-lhe dar uma informação: não devia dizer, mas é que o Diretor dessa Instituição disse que preferia rapaz... .. porque já tem muitas senhoras com quem... “, porque é uma área, preferencialmente, de mulheres, não é? No caso, eu senti isso, não quer dizer que na área social se sinta muito isso, não se sente! Portanto, mas EU senti isso!... Dá vontade “A senhora não me ‘tá a dizer isso, pois não?”... pensei eu, pra mim! Isto deve ser aqui um... “a senhora está mesmo a dizer o que eu estou...”, “Ah, não, não, mas pronto!” e eu expliquei “Eu não sou assim tão burra quanto eu pensei, então quer dizer, a senhora diz-me que eu, que nós que temos que procurar emprego, mas diz-me que eu não posso deixar a formação, e depois ainda pra ajudar ainda me diz que o senhor prefere homens!, Então o que é que a senhora pretende com isso?” E depois, naquele caso, a diretora ou a pessoa que me estava a fazer, percebeu que eu estava a questionar demasiado, então “Ah, se calhar é melhor se dirigir diretamente à Instituição”... O que é que eu percebi, que na área social, é muito encapuçado, pelo menos na minha área (e agora vou defender a minha área aqui na questão do momento de trabalho nisto da procura): a maioria dessas entrevistas (não quer dizer que seja um trabalho mais digno nem menos digno, atenção, não é o que está em causa) eram pedidos para auxiliares encapuçados de assistentes sociais... E eu passei às entrevistas todas, no caso de uma Instituição, por exemplo, “ah, tem aqui um excelente currículo, vejo que faz voluntariado na área, que até percebe, cuida da sua avó... sabe?, mas o que eu precisava mesmo era de alguém pra andar com a carrinha, já vi que não tem ‘carta’!”... e... percebe? E eu disse, “Então, mas na candidatura no Centro de Emprego estava pra o telealarme...e eu pensei: bom, isto do

telealarme tem que ‘tar no sistema, tenho que ir de vez em quando a casa dos utentes, mas até podia arranjar, encontrar uma solução, porque ía com as carrinhas e... e eu sinto que a maioria dos que ‘tão a trabalhar na minha área, acontece isso!: ou se sujeitam a, ou ter uma que disse “a senhora quer-se candidatar, vou-lhe já dizer: é pra isto!... “Mas o senhor ‘tá a pedir isto!”, “Há colegas suas que já sabem que é para isso e vão!”: Aí está, tem aquela geração que se submetem a qualquer coisa e tem outras que não! Eu, agora pensando pra mim, ou eu poder fazer a um familiar meu agora um trabalho concreto nesta área, ou eu poder fazer a um familiar meu... não sei se ‘tou a fugir ao contexto da entrevista...

E - Não, não! Não!

L - Ora eu pensando, eu Liliana, penso se vou fazer a um familiar meu este trabalho... que o faço com todo o amor e carinho, com toda a dignidade, porque não quero que ela seja institucionalizada... ou vou pra uma Instituição... o salário mínimo... quando é!... QUANDO É!... não ‘tou a dizer que é um trabalho mais digno ou menos digno, porque foi o que eu disse “Eu não tenho problema nenhum em o fazer, eu já o faço!, não tenho problema nenhum! Agora, sejam transparentes: a oferta é esta, o que nós temos é isto!”. Não há essa transparência. Até porque há aqui um contorno que... quando se descobre que estes são os primeiros na área social: há muitas empresas, quer dizer, enquanto puder ter mão de obra barata, estágios e tudo em rotatividade, muito bem meu amigo, enquanto eu puder... eu fiz montes de estágios, de... porque como eu fiz ensino profissional tinha que fazer estágios, não é?... Restaurantes: Se eu pudesse fazer 13 horas num restaurante como estagiária, então não era... percebe? Nunca cheguei a esse ponto, mas tinha colegas meus que chegaram!... E depois eu via “ah, mas olha que é gratuito!” e dizia “eh, pá, se viessem lá umas gorjetazitas e depois dessem 100 euros no fim do mês, aquilo era uma festa!... Quase que foi “Eh pá, uma grande recompensa pra ti...!”, quer dizer, tiveram lá uma pessoa a trabalhar um mês... ou dois... ou três... e depois, cria-se aqui um ciclo!... No fundo, isto pra concluir que somos todos culpados: somos culpados que alguns, se calhar, não se querem submeter a certos trabalhos, mas, se calhar, a culpada é aquela entidade que, enquanto for promovendo estágios atrás de estágios...

E - ...Completamente...

L - Isto é o que eu acho, é a minha opinião. Eu, o que é que eu acho que a mim me impediu, foi todo um conjunto de fatores: foi a questão de onde eu morava, a questão de eu não ter acessibilidade como, se calhar, a maioria dos jovens que vivem numa cidade e que têm ‘carta’; como foi a questão de me julgarem por uma limitação que eu tinha, que não faz de mim melhor ou pior trabalhadora! Certo? Eu tenho mãos! Eu sou autónoma!... Percebe? Isso faz de mim mais ou menos humana do que aquela Técnica? É uma questão que eu faço e não... aos profissionais e que... sim, diga.

E - Como eu não conheço a sua terra, diga-me mais ou menos, quando fala numa dificuldade que tem de acesso, portanto ‘tamos a falar de uma terra muito pequena?

L - Não! Nem tão pequena...

E - Tem supermercado...

L - Até é considerada... tem cerca de 1000 habitantes, já é uma terra desenvolvida, temos... e agora já se começa a ouvir... há 10 anos atrás não havia essa oferta, mas agora a maioria tem trabalho e... dos jovens têm trabalho e vária oferta e tem na cidade... pra mim eu tinha essa questão de acessibilidade, falo em transportes públicos: temos autocarro de manhã e outro à noite!... a 14 km... da cidade! Não falo de acess... não considero uma aldeia fechada ou pequena ou limitada como, se calhar, há muitos que ro... as pessoas metem rótulo, do género ”és de uma aldeia, é uma cidade fechada, não têm acesso a nada, ‘tão lá no fim do mundo!’... Não! Nós até temos acesso às coisas. O problema é que EU senti isso, no sentido em que dependia de transportes públicos para. Há 10 anos atrás, não havia tantas pessoas nem acesso como há agora!... A virem trabalhar pra Leiria, e hoje em dia já há uma troca de boleia, já há... já nos vamos... Há mais espírito de união que, se calhar, não há... .. numa cidade! É uma vantagem!, não é? Mas, se calhar, há 10, 20 anos atrás... quer dizer, vives lá na aldeia... e ainda hoje, infelizmente eu sinto que há pessoas a pensarem assim, o que é grave, digo eu.

E - Em termos de oferta de emprego, o que é que poderia ter ali? Há empresas, há supermercado, há cafés...?

L - Sim, sim, sim! Temos... existe essas Instituições em volta da... lares, IPSS’s... ah... há lares privados ou públicos e depois temos as IPSS’s a nível de creche e isso! É essas ofertas! Mas aí está: essas ofertas são limitadas a partir do momento em que

depois há aquele caminho que eu lhe disse: ou é pra apoios ou “temos cá uma assistente social”, “olha, vais fazer uma baixa dela enquanto ‘tiver grávida, depois se quiseres ficar no apoio...”...

E - Agora, pegando um bocadinho no seu percurso, se eu lhe perguntar o que é que fez de si, que pessoas significativas, que factos, que experiências, é que fizeram da “Liliana” a pessoa que é hoje...

L - A célebre pergunta “como te tornaste a pessoa que és hoje”... (*rindo*)

E - Não sei se é célebre...! (*rindo*) Se calhar...

L - Não... dum livro, que certamente leu, de um professor que, Ricardo Vieira, há uma pergunta de uma aula que é...

E - Não! (*riem de novo ambas*) ... que falha minha...!

L - Há uma célebre pergunta que é, a aula é toda “como me tornei na pessoa que sou hoje.”

E - Juro... que não fazia ideia!

L - Sim , sim. Fizemos um debate... aliás, fiz no CET, depois fiz na licenciatura “que percursos é que fizeram... hoje” ou... respondendo à sua questão, não sei se lhe vou conseguir responder... como GOSTARIA ATÉ de lhe responder... Sim! Acredito que nós somos influenciados por tudo o que nos rodeia... ahmm... eu não me considero... uma heroína, nem nada que o pareça mas, se calhar, EU, por mim, se me tivesse deixado condicionar pelo sistema e pelos professores, não tinha chegado até onde cheguei hoje, a nível de formação! Primeiro ponto! Teve a ver com a minha personalidade. Se não tivesse tido apoio ou uma retaguarda familiar, que me apoiasse nas minhas escolhas, não tinha chegado aonde cheguei hoje a nível de formação. Se não tivesse um espírito de luta e “Não! Eu quero isto e vou lutar por isto, quer acreditem em mim, quer não acreditem em mim!”... se não tivesse uma retaguarda familiar, primeiro ponto, que me apoiasse...

E - Está a falar de pai e mãe... irmãos...

L - ... e irmãos e família.

E - Tem mais irmãos?

L - Sim, somos... eu sou a... somos seis irmãos.

E - Seis?

L - Sim. Apesar disso, se eu me tivesse deixado...

E - ... só... são tudo rapazes?

L - São 4 rapazes e 2 raparigas.

E - ... E a “Liliana” é a mais nova...

L - A penúltima. Sou penúltima.

E - A penúltima mais nova, das mais novas, portanto.

L - Sim, sim. Se eu me tivesse deixado condicionar pela questão de que “vives”... aí está, eu tenho 32 anos, “vives numa aldeia, tens dificuldades de aprender, vives numa família numerosa, ah! Se calhar, é melhor tu não ires estudar! Tu já viste? Vais gastar tanto dinheiro...!”. Isto o pensamento, se calhar, “Vais gastar tanto dinheiro, e se calhar tu até nem tens tantas capacidades...”. Se eu não tivesse uma retaguarda “Queres estudar? Nós vamos-te apoiar! Tens que ter a noção de que vais ter mais dificuldades ou menos dificuldades e que, se calhar, vais ter que abdicar de outras coisas”... que eu sabia que os meus colegas tinham e que eu não tinha! E se hoje me pergunta “Fizeram-lhe falta?”, se calhar na altura eu até achava que eles tinham e eu não tinha... mas, pronto, nem sou mais nem menos por não ter tido acesso a essas coisas... que hoje acho que são demasiadas. É tudo instantâneo, é tudo... aprendi a dar valor às coisas! Hoje, acredito que a sociedade e os miúdos, é tudo por adquirido!... Eu, se não fosse essa retaguarda e esse apoio, essa luta, se calhar não era quem sou hoje... essas barreiras, sim, foram... tive mais barreiras do que muita gente, mas obrigaram-me a lutar e a ir atrás daquilo que eu queria... Começando, então no início, primeiro ponto: acho que me foi crucial, foi a retaguarda que tive, independentemente do meio onde estava inserida. Segundo ponto: a minha personalidade de querer... de querer... não me deixar... quer dizer, se eu sonho isto porque é que eu tenho de ir pra onde tu queres? Sim senhoras, eu vou fazer o que tu queres, entre aspas, tu queres que vá fazer o ‘profissional’, eu vou, mas não é por isso que eu vou esquecer a ideia que eu tenho de gostar de estudar! Até

porque os meus irmãos todos... aí está, outro fator! Via que os meus irmãos estavam a estudar, tinham o apoio dos meus pais, todos nós fizemos... (somos seis, só o mais velho é que não fez a universidade...) todos nós fizemos a universidade... e tive um dia (e isso nunca me vou esquecer! que sim, foi uma das pessoas entre muitas outras) estaria a fazer um estágio desses do Centro de Emprego, “porque vens de um curso e até percebo isso... então, mas porque é que tu ...”, a auxiliar disse: “tu tens jeito, se queres crianças, queres... vai fazer o que tu sonhas! Vais ter dificuldades?, ‘vás’!, mas vai em frente! Quantos alunos não têm dificuldade em...? Se vais ter emprego ou não, isso tanto não tens agora como não tens... se calhar vai piorar...” E piorou, a senhora até ‘tava acertada naquilo que disse! Foi um dos apoios, quer dizer, se eu já tinha isso, aquilo também serviu como... de ... sei lá! De Impulso!... De mola! Pronto, então vou lutar, agora é que eu vou mesmo lutar! Lá disseram que eu não era capaz, agora é que eu vou mesmo tentar. E fui tentando, esta luta de que... depois tivemos professores que nos foram apoiando “olha, não desistam, vocês até é questão de... depois de entrar pros CET’s e desta luta que tivemos com a escola... então, mas quer dizer, agora alimentaram-nos um sonho... não quer dizer que eu quando se acabar o curso não vá ter emprego, mas... sim!, acredito que as pessoas, a família, o meio onde eu ‘tive inserida, é influenciável, muitos professores que tive que apoiaram...

E - Mas até ao 9º ano...

L - Não senti, não senti esse apoio...

E - Pois, quase que até foi um bocadinho ao contrário, não é?

L - Sim, sim, até ao 9º ano não foi.

E - Mesmo em termos de crianças, de colegas, amigos, de escola...

L - É... se hoje... como é que eu hei-de dizer?... se hoje já há a segregação que há, de grupos, de... a divisão da sociedade, na altura já havia, à sua maneira já havia, não é? Quer dizer, os burrinhos vão pra acolá, os que têm alguma... sei lá, problema de saúde, vão pra acolá, os mais bonitinhos, filhos dos pais... vão pra acolá! Já havia esses grupos! Não tão... não tão expressivo, se calhar, como agora, mas já havia essa separação, vá!

E - Que agora ainda é pior? Acha?

L - Eu acredito que hoje... eu diria (e cheguei a essa conclusão!) hoje HÁ... disfarçada! Se formos a ver, fala-se no ensino multicultural, na educação INTERCultural, tudo muito bonito... educação... tudo muito florido, MAS entramos num ensino que se tenta ensinar de uma maneira, se questionas, se pensas de maneira diferente, és posto de... então, onde é que ‘tá o pensar diferente? Se entra num Colégio (se formos... isto virado pros colégios do sistema privado, os tais do ranking), se tentar conhecer um bocadinho, o sistema É: os alunos tentam, só podem pensar, entre aspas “assim, daquela maneira”, aprendes, se tentas questionar o sistema de ensino, ou alguma coisa... se comesças a ter dificuldades, tens um filho que até tem dificuldades de aprendizagem, é convidado a desistir, a sair do Colégio... como quem diz, isto vai manchar... não é expulso, mas é convidado a afastar! E atenção que eu não estou a dizer isto por dizer: eu tive... confidenciaram-me pais, com isto, e é uma realidade! Então, estamos a fazer grupos ou não estamos? E onde é que está a parte de pensar diferente, de sermos todos diferentes... há aqui qualquer coisa que não... que não está a bater certo! Cria-se as tais elites! que antigamente podia não haver... se voltarmos no tempo, pensava era o rico e era o pobre! O rico tem os melhores cargos, o pobre tem que fazer o trabalho escravo, certo? O que ninguém quer. Voltamos à questão inicial: então eu não quero trabalhar, não quero fazer nada? Tu é que não queres fazer nada!(... era o tal pobre)... não sei se me ‘tou a fugir...

E - Não, nada, nada!

L - Isto é aquilo que eu acho. Sim, as pessoas influenciaram-me muito... quem é que me ajudou a tornar na pessoa que sou hoje ou quem é que influenciou... a minha família, alguns professores, já depois do 9º ano que me apoiaram e disseram “ela gosta mesmo daquilo que está a fazer e... depois dizia, nunca mais me esqueço, tive professores que depois me diziam, apesar das minhas dificuldades... (e eu na altura não percebia muito bem o que eles queriam dizer com aquilo, se era um elogio, se era uma crítica, confesso, ainda hoje quero perceber!):

“‘Liliana’ não desista!, Porque a ‘Liliana’ pode ter dificuldade de escrever, mas eu posso ter...a ‘Liliana’ tem uma coisa que não se aprende nos livros... pode ler os livros que quiser, que é a sensibilidade pra lidar com este tipo de pessoas... a ‘Liliana’ sente as coisas! Pode não as conseguir escrever, ou dizê-las, mas sente-as... Não desista!” e este “Não desista!”... se calhar, foi um apoio, uma alavanca... Se me dissessem assim

“ah, não, você tem muitas dificuldades, não!”... se calhar, teria escolhido outro caminho, se calhar não estaria onde estou hoje... Pergunta-me “bom, mas podias estar a trabalhar...”, eu pergunto: Será que estaria feliz?... será que ‘taria realizada?... será que, quem trabalha hoje ‘tá realizado? Ou será que quem não ‘tá a trabalhar é feliz e ‘tá assim porque não quer, porque quer, neste caso...? (peço desculpa). Será que é mesmo feliz? A questão é esta... Ou será porque não lhe dão oportunidades? Sim, mas pode-me dizer assim “Não, mas ele não quer mesmo trabalhar!”... Já alguém lhe perguntou? Já alguém lhe deu oportunidade de? Alguém sabe se aquela pessoa tentou ou não tentou, se mandou currículos, se não mandou? Eu não posso julgar, à partida, aquela pessoa! E, hoje em dia, sinto que há esse... há esse... julgou-se, questionou-se, quer a pessoa por ser quem era, quer por ser se era ‘profissional’ ou não, o ensino profissional, sinto que foi muito... eu defendo muito a questão do ‘profissional’ porque eu estudei... e senti isso que era um rótulo, “Foste pro ensino profissional é porque eras burrinha! Não querias era estudar, não é? Pois, querias começar já a trabalhar, não era? Não havia...”. Eu disse: Não... porque os professores assim me incentivaram, porque eu também não sabia bem o que é que queria, mas fui aprender alguma coisa e, se calhar, em vez de fazer... ficar parada, fiz o 12º ano, não é? E, hoje em dia, se voltarmos às empresas, hoje em dia queixam-se “faltam muitos... temos muitos engenheiros, temos muitos doutores, mas falta MÃO-DE-OBRA!”... E há tempos atrás, foi valorizada essa mão-de-obra? “Não, tu estás aí em baixo, eu ‘tou cá em cima! Eu não preciso muito de ti!”... mas, se calhar, precisam... E acredito que se havia isso há uns anos, hoje há, continua a haver, mas já há algumas empresas que estão a começar a ver: “Espera! Eu precisava desta mão-de-obra...”. Eu sinto que nós temos boa mão-de-obra, bons profissionais, mas não lhe damos valor!... Então vou lá para fora à procura de mais oportunidades, porque lá sentem-se valorizados! Eu acho que o que falta um bocadinho à geração de hoje, sente-se descartável, que não é valorizada por aquilo que fez, ou pelo aquilo que estudou, por consequências, desvalorizada – desmotivada! E se eu então tenho isto tudo e se eu posso... depois há a questão de, se eu posso ficar em casa dos meus pais a fazer não-sei-quê... se calhar, há 30 anos, não! Olha, chegas aqui e “Ó meu amigo, agora desenrascas-te!”, não é? Agora não, temos filhos ou que ficam até mais tarde ou que regressam! Depois, se voltarmos ainda a mais, a mais, a mais, a mais à frente, há outra realidade encapuzada e desconhecida, que grande parte da sociedade não sabe, que têm... que é uma realidade que eu conheço e que já vi, tem PAIS... filhos a irem buscar os pais aos lares porque precisam da reforma dos pais!... Que, aqueles pais custaram

tanto a entrar naquele sistema, naquela rotina, a aceitar aquilo... percebe? Há outra realidade que as pessoas não conhecem... E agora pergunta-me: “quem é o culpado? Quem é que são as pessoas que meto aqui? Eu volto à questão: somos todos culpados! Se as pessoas influenciam umas nas outras nas decisões? Sim! Se eu fui influenciada? Sim, fui influenciada. Se não fosse esse Apoio, essa retaguarda, esses professores, essas... essas... esses acontecimentos marcantes na minha vida, a questão de eu ter... ahmm... o problema de visão que tenho hoje... ahmm... se calhar, não me faria ter a sensibilidade que tive! O ter passado tantas horas nos hospitais, o ter conhecido uma realidade social que muita gente não conhece... ou não conhece ou não quer ver! Mas isso aí é outro... outro caminho! Hoje em dia só se quer ver aqueles “ou queres trabalhar ou não queres trabalhar!”. Ponto. Se ganhas bem, se ganhas mal, ou não queres... e tens que trabalhar para sobreviver, não é pra viver, é pra sobreviver! Ponto. É o que é imposto a muitos! Então, se eu tenho uma retaguarda ou não, muito bem, se não tenho, vou fazer o que quer que seja... Não quer dizer por eu não ‘tar... “ah, tu não trabalhas, tu não sabes...”, não sei o que é o trabalho?!, não sei o que é passar dificuldades?! Mas como é que sabe? Alguma vez, viveu a minha vida?, ou sentiu o que eu senti? Não sentiu. Percebe? E tudo isso acho que me ajudou a tornar na pessoa que sou hoje, respondendo à sua questão. Do meio onde vivo, das pessoas que me rodearam, as circunstâncias, as percas e os ganhos que tive, da vida... ahmm... se calhar, se eu não tivesse tido... se eu não tivesse sido limitada no acesso às coisas, hoje não daria o valor às coisas que dou hoje, um exemplo... um pequeno exemplo, o... o... como é que... outro exemplo que eu lhe possa dar: primeira questão, pra dar valor às pequeninas coisas, ou o não precisar de tanto, hoje em dia... depois há outra questão da sociedade: hoje em dia nós precisamos de ter um telemóvel, ter internet, ter isto... precisamos de tanto pra ‘tar... “Ah, mas tu não trabalhaste, como é que tu consegues pagar isto, e isto, e isto, e isto, e aquilo? Mas vão-me perguntar, se há 20 ou 30 anos eu precisava destas coisas todas, eu não precisava!

E - Mas acha que hoje precisa ou acha que as pessoas pensam que é preciso?

L - É o que eu digo: é assim: tem que haver um meio-termo! Tem que haver um termo: sim, é preciso. Hoje em dia não se vive sem um telemóvel. Mas, bom, se eu fizer esta pergunta, sim senhoras, eu não vivo sem um telemóvel, mas será que eu preciso de um telemóvel com não-sei-quantas... preciso de um telemóvel de 60 ou preciso de um telemóvel de 200 euros? Aí está, aí a sociedade também influencia no... um

bocadinho...na imagem, não é? Ahmm... por isso é que eu disse, tem de haver um meio-termo. Sim senhoras, a sociedade empurra, temos que acompanhar a evolução da sociedade, mas acho que ‘tamos a caminhar pra um... pra um abismo!: Quer-se, quer-se, quer-se, quer-se e esquece-se de... de... do essencial! Isto sou eu...!

E - Como é que é o seu tempo habitual, portanto, o seu dia-a-dia...

L - Ah, o meu tempo habitual, o que é que eu faço no meu dia-a-dia...

E - Em que é que está envolvida...?

L - Em que é que estou envolvida... Apesar de não estudar, supostamente não ter um emprego, ou a questão do cartoon “não procuro emprego”, sim!, procuro. Agora se me diz “Com tanta intensidade como no início”, não lhe posso mentir, já não é o mesmo... o mesmo EMPENHO, a mesma crença... já não é a mesma! Procuro. Se “estou nem aí!” se... a frase é “tô aí”? ou “tô nem aí”? Não, preocupo-me. Ou “eu não gosto desse assunto”, sim, que é um assunto que, às vezes, tento fugir ou tento não pensar muito, sim...

E - Porque se sente mais vulnerável, mais...

L - Exatamente, voltando aí. Não quer dizer que eu não pense, por eu não falar, não quer dizer que eu não pense, ou que eu não questione ou não pense no futuro...

E - Sente-se menos bem... na forma como as pessoas olham para si... quando a conhecem e sabem que, supostamente não está a trabalhar, sente que isso é, logo à partida, uma forma de...

L - ...Um carimbo? Sim é! Sim, sim, é completamente um rótulo. Porque eu sinto isso, hoje em dia, quando vejo alguns colegas meus que me cruzo: “ah, então, já ‘tás à frente de uma Instituição...”... não...”ah, coitada...”... Eu sou feliz no que ESTOU a fazer! Quase que... “ah, pronto, não devia continuar a conversa”... do género “Não evoluístes muito...”, não é? Salvo seja... ahmm... “não vem nem encher o saco”, do género “não me venhas chatear”: Não! Não me importo de falar da questão, agora depende é... a pessoa que está do outro lado é que às vezes não sabe lidar com... com uma realidade diferente! Agora, pra não fugir à sua questão, respondi à questão deste cartoon, agora pra não fugir à sua questão: como é que é o meu dia-a-dia ou como é que é a minha rotina... Eu atualmente, cuido de uma familiar minha, tem cerca de 92 anos, está

acamada, fui buscar um bocadinho dos meus conhecimentos do social, dos meus contactos... acompanhei-a numa fase... ela está acamada há... 5 anos, foi quando terminei o curso, comecei provisoriamente, tornou-se definitivo, gosto muito do que faço... ahmm... se me diz “Estou realizada?”, se calhar até gostava de estar numa Instituição, mas sou feliz? Sou! A fazer o que faço!... ahm... porque, no fundo, encontrei com aquilo que faço, sinto-me valorizada! Aí está, aquilo que eu acho que falta um bocadinho aos jovens, alguns, valorizados, motivados a. São motivados a quê? A ter as melhores notas... e depois? Não conhecem a outra face da moeda: não perder... perder! São habituados a ter a melhor roupa, a melhor marca, tens que ter as melhores notas, se tiveres as melhores notas, eu dou-te qualquer coisa... então, mas qual é a parte da obrigação que... tens estudar, ponto. Não vais ganhar nada em troca! Conhecem esta realidade e depois quando se acaba os estudos “Então, mas ‘pera lá!, eu trabalhava...estudava ganhava, era recompensado...” se perdesse não era valorizado, ou seja, do género “olha, não conseguiste esta boa nota, vais melhorar...”... Não há uma sociedade preparada para o perder! Para o não saber fazer... “Não sabes fazer assim, mas sabes fazer outra coisa!”, não! “Tens que ter a melhor nota porque se não és...” ... Acaba-se o curso “Então, mas se eu tiver... eu até tinha boas notas... então, mas se eu não sei perder, se eu não sei aceitar um não, se eu era recompensado por tudo o que fazia, se eu não era valorizado pelo aquilo que era... mas isto, digo mais uma vez que é a minha maneira de ser e de pensar... que “estou de fora”, entre aspas, como eu costumo dizer...

Agora se me diz... voltando... agora fugi, peço desculpa, ao raciocínio...

E - Diz-me que está envolvida, portanto, além do trabalho que faz...

L - faz... Sim, faço com a minha avó, cuido da minha avó, a tempo inteiro... com esta degradação (está acamada), ajudo-a a fazer tudo, MAS sinto que me valeu a pena ter esta preparação de serviço social porque, sempre que foi preciso, numa fase inicial, falar com médicos... ahmm, assistentes sociais, ahmm... fisioterapias e tudo, tinha o conhecimento que, se calhar alguns, aí está, porque tinha feito os estudos, mas também tinha passado por lá enquanto doente... Tudo influencia no nosso dia-a-dia, na nossa maneira de ser... E depois, quando eu deixava falar os médicos (*em voz tão baixa, como em segredo*) “Pois, pois...Olhe eu tenho...pareço que não faço nada, não estudo... mas, olhe, eu tenho o curso de serviço social...”, (*voltando ao tom normal*:)

“Ah... peço desculpa, afinal até percebe disto...”... termos médicos, não é?... ahmm... Faço... fiz voluntariado, atualmente não ‘tô com tanto empenho, mas fiz voluntariado durante alguns anos, num lar, onde fiz o estágio... se calhar, com a esperança de que poderia lá ficar!... Manter... quando trabalhei em lar, mas, acabo por não ser... quer dizer, passava o dia lá, fazia montes de atividades, fazia tudo, mas... como diria o outro “dos obrigados, dos sorrisos, eu não como!”, salvo seja! Faço... mas tento ‘tar sempre empenhada em tudo do que seja atividades de cariz social, ‘tar... procuro-me atualizar... agora nem tanto, confesso, nos últimos dois, ano e meio... mas tudo o que seja formações na área social, workshops, alguma coisa de cuidadores, tento ‘tar atenta ao que se passa, em... não “parar no tempo”!, entre aspas, tento perceber, contactar com pessoas que trabalhem na área e que falem sobre as coisas... procuro, nesse tempo, tento procurar ‘tar atenta a respostas, em questão de empregos e ‘tar... apesar de ‘tar... e neste momento, o que é que acontece?... ahm... estou num momento de transição, se não consigo arranjar emprego como “pessoa NORMAL”, tentar arranjar... (que é uma questão que demora... não demora um mês, não demora... demora imenso tempo, mais que um ano... pra vir um relatório médico, precisamos de um ano!) pra ter como pessoa com deficiência, neste caso, uma limitação que eu tenho, ainda que seja pouca, tentar arranjar outra vaga profissional. Estou associada à... à...

E - À ACAPO?

L - ... À ACAPO, ainda que não tenha parâmetros, quando é preciso, tenho apoio da ACAPO, no sentido de alguma coisa que eu precise, mas também já foi necessário ir dar... eles foram dar uma ... como é que se diz... uma campanha de sensibilização a crianças e preparar a sociedade, porque... aí está, a sociedade de hoje, ao contrário daquilo que se pensa, está menos preparada para esta realidade (“És diferente, és posto à parte!”), és motivada... pras crianças... pra tentar sensibilizar as crianças, as crianças versus os pais que “espera, o seu filho apesar de ter... pode ser uma coisa, não é por isso que deixa de ser melhor ou pior profissional!”... tentar passar essa mensagem... por sua vez, a ver se chega às entidades empregadoras... Bom, vamos conseguindo passo-a-passo, tentando mudar um bocadinho a sociedade, vamos ver se conseguimos...

E - ‘Tá envolvida nessas campanhas de sensibilização...

L - Sim, sim, sim, só fui a... confesso, que ainda só fui a uma com as crianças, mas sempre que... diretamente com o público, só fui uma vez, certo?, com uma escola, até

porque só comecei à pouco tempo a ter apoio deles, mas sempre que me for solicitado, tento-me manter informada disso, da questão... aí está, dos workshops, e se for preciso apoiar e eu ir, enquanto convidada, com a equipa técnica, do género como EXEMPLO... e até pra falar com os professores, porque por exemplo, aqui... (só aqui abrindo um parentesinho muito, muito curto, pra fazer aqui retaguarda, agora lembrei-me, por causa de ‘tar a falar de influenciar ou não: eu tinha dificuldades de visão, onde é que a professora me foi por sentada? Coitada, no seu bom senso, a achar que me ‘tava a fazer bem... onde é que acha que ela me foi por?

E - ... Deveria ser mais pra frente, suponho...

L - Exatamente, mas quem é que ela tinha ao pé dela?

E - O melhor aluno?

L - Não! Os piores alunos, os mais mal comportados, pra ter atento.

E - Hum, hum... mais controlado.

L - Mais controlado. Ao lado deles foram por a menina que não via... pra ver. Acha que isso me foi ajudar pra aprender?, pergunto-lhe eu a si... me ajudou? Não me ajudou. Fez-me ter mais dificuldades. Uma atitude de uma professora influenciou aquela aluna.

E - Hum, hum.

L - Porque acabava por não ‘tar atenta... se, se eu não via muito bem, acabava, por olha!, fazer, e tal. Eu nunca mais me esqueço que tinha o cuidado de que... eu dei um erro, que era “reduzir”, eu não vi se era “s” ou “z”, eu escrevi aquilo que eu achava que lá estava! Depois até olhei pros que estavam lá ao lado e fui quase discriminada e apontada: “Já viram isto?! Está a teimar comigo que eu disse que era uma letra, ela diz que é com outra!”... Aí está, se antigamente não havia essa... (e agora só aqui pra fazer um pequeno parenteses do desemprego e da sociedade, muito rápido ... peço desculpa, que eu perco-me assim... eu não sei se ‘tou a ajudá-la de alguma forma...)

E - ... muito...

L - Ahm... que é outra questão (isto agora por causa das elites e dos grupos): se antigamente, os professores não ‘tavam preparados mas tentavam fazer o melhor que podiam, ajudar os alunos que tinham dificuldade, “bom, eu fico aqui depois da aula e

explico-te o que tu não percebestes...”. Lá ‘tá, não havia essa sensibilização pra ‘tar atentos a uma deficiência ou a um... um deficit de atenção, ou... não havia essa sensibilidade mas, bom, procurava-se ajudar aquele menino que não... que era diferente, vá! Hoje em dia, os professores até podem estar preparados para, mas... e o sistema, está? A por 20 ou 30 alunos... ela até pode ver que há ali um menino com um problema qualquer... mas ela tem capacidade de dar aulas a 25 garotos numa escola primária e ‘tar atenta aquela miúda que tem problemas de visão, ou qualquer miúdo? Aí está!: se vamos só valorizar estes que sabem... quando acabarem logo se vê... Isto só voltando aqui... peço desculpa que me perdi na... na conversa, mas foi aqui um raciocínio que me veio agora à cabeça)... Voltando: trato da minha avó, tento-me manter atualizada na questão da formação, faço voluntariado, trabalho com algumas crianças a título de voluntariado, em que eu vou ao Banco Alimentar, levo-lhes o Banco Alimentar também, com jovens... quando preciso (aí está: como sou eu que nem trabalho, nem estudo, *nem nem*) quando é preciso ficar com os meus sobrinhos, sou eu que fico com eles, sempre que... tempo de férias, tempo... sempre que ficam doentes, sempre que necessário, sou eu que fico com eles, que assumo essa responsabilidade, aí está, porque não se pode parar o emprego pra cuidar de uma filha porque senão perde-se o emprego... e agora, penso eu, vou eu trabalhar pra dar tudo ao meu filho e não ‘tou com ele? Há o reverso da moeda. Sim, hojeem dia é este o meu dia-a-dia.

E - Como é que se diverte?

L - Diga? Como é que me... diverte...

E - Onde é que arranja aí tempo...

L - Pra me divertir... ou pra encontrar tempos livres... Atenção: eu quando faço voluntariado divirto-me imenso... pode não... Isto é...soa um bocadinho estranho... porque EU SOU feliz naquilo que faço! Porquê? Porque me sinto valorizada!

E - Hum, hum...

L - Se eu for a ser totalmente sincera, sim, sinto-me valorizada naquilo que faço. Apesar de... é aquele clic que se faz: “Espera, eu até sirvo aqui na sociedade pra alguma coisa... apesar de ter os problemas que tenho.”, isto acaba por ser terapêutico, por isso é que eu ‘tava a dizer que sou feliz e me divirto, acaba por ser uma terapia, não é? Ahmm... tenho o meu núcleo, ou o meu grupo de amigos, ou pra beber café, ou pra ‘tar

com a minha fam... divirto-me IMENSO com os meus sobrinhos e com a minha família... Sou verdadeiramente feliz nesse sentido. Tenho o meu núcleo de amigos, posso... vamos beber café... aí está, quando, se calhar, quando me faz a pergunta de divertir é, se calhar, pra ligar se o facto de não ter trabalho se eu sou condicionada à parte social ou... não sei se era aí que queria chegar... não sei se era aí que queria chegar... Mas, sim, senti que na altura que eu trabalhava, que até tinha alguma... quando era pra sair... quando eu podia... quando eu podia sair e trabalhar e não-se-quê, até dizia “olha, se calhar até podia ter acesso a algumas coisas que hoje não tinha, mas, e depois “ah, pois” e eu disse “queres...?”, “ah, não, ó pá eu tenho que ir trabalhar amanhã muito cedo e não consigo ir, e olha este mês não vai dar... mas, encontrava-se sempre... fui sempre procurando encontrar outra solução! Hoje em dia, se calhar sou eu que tomo essa iniciativa, apesar de não ter carta e de ter no meio rural, aí está, tento encontrar uma solução e disse “Eh pá, mas como é que tu descobriste isso?” e “como é que tu viste isto?” “ah, mas olha que eu ‘tou a trabalhar...”E... ..Não quer dizer que eu não ‘teja a trabalhar, mas eu também vou ter que me levantar cedo! Eu não vou ficar a dormir! Podemos encontrar aqui uma solução? Sim, divirto-me, vou-me divertindo com o meu núcleo de amigos, procuro-me... se calhar, de tempos-a-tempos, se calhar, ir ver um espetáculo, se calhar, se muitos... tem muito a ver com o conceito de divertir... o que é divertir pros jovens de hoje e o que é divertir pra mim.

E - Os seus amigos vêm do tempo de escola...

L - Não, muito, muito, muito, muito poucos, pra ser totalmente sincera, aí está, porque escolheu-se caminhos diferentes, estudos diferentes, a maioria... eu acabei por estudar na universidade de origem, aí está, porque estava limitada, a questão... financeiras e a questão de aprendizagem, aí está, porque como fiz o ensino profissional, lá consegui arranjar aqui um bom... buraco (então, se eu supostamente nem servia para ir pra universidade... porque é que eu havia de me estar a candidatar a ir pra outra terra...!)... Portanto, não arrisquei muito, aí está, também condicionaram-me no meu arriscar ou não... arrisquei, mas também não fugi muito do... da asa ou do percurso... ahm, tenho amigos da zona onde eu habi... pessoas que fui conhecendo nesse tipo de... conhecendo ou fui levando-as a participar e acabámos por fazer disso uma amizade, não é?, nessas campanhas. Dentro da minha família, desse núcleo de amigos que são muito poucos da escola, tem muito a ver com... muito poucos, diria agora pra ser, se calhar, mais verdadeira, se calhar, quando não falo da escola primária, não foram muitos, mas se

calhar se falar do ensino superior, ficaram sempre dois ou três... eu, vamos, vá, equilibrar a balança meio-meio: meio do meio onde vivo, ou dos meios onde estou inserida, vá, sei lá, os voluntariados... e meio dalguns que foram ficando do ensino.

E - Ok. Então, tem ideia de, quando era criança, aquela imagem que nós temos do que queremos ser quando formos grandes, o que é que lhe passava pela cabeça na altura, o que é que queria ser quando fosse grande? Tinha algum projeto...

L - ahm... ah! Aquela ideia quando nos passam... Aí está: quando era mesmo... sei lá, até aos meus 10 anos, vivia ali naquele meio, acho que toda a gente queria ser ou cabeleireira ou costureira... Eu queria ser costureira, porque eu divertia-me imenso... ia ter com uma (que ainda hoje é viva), com uma tia da minha mãe que trabalhava em costura e que fazia coisas maravilhosas e que fazia uma coisa, quando eu era criança, aí está, que é raríssima, uma coisa muito, muito rara (não sei se sabe o que é) que era fazia mantas com trapilhos com um tear... não sei se sabe o que é... e que, curiosamente... e aquilo fascinava-me: era uma coisa enorme, de madeira, e saía de lá uma manta, aquilo era... a transformação em algo, aquilo fascinava-me. E ela até fazia ali umas coisas engraçadas! Pensei, bom, mas eu nem tinha acesso a vestidos pras minhas bonecas, mas ela até me fazia uns sempre que eu queria, e aí está... Depois, fui crescendo e o ensino, a sociedade, foi-me mostrando que, se calhar não serv... ou não servia pra nada ou até se calhar servia pra alguma coisa do género... não sabia muito bem o que eu queria... uma coisa é certa e eu sabia: é que eu não queria, não me imaginava, fechada dentro de um gabinete com papéis. Era a única coisa que eu sabia. Agora se me diz, se eu no 9º ano sabia o que é que eu queria? Não sabia, não tinha maturidade. Agora se me pergunta “os jovens de hoje têm?” também... também... portanto, não sabia o que é que queria, mas uma coisa eu sabia, que não queria ‘tar... que não queria ‘tar fechada com gabinetes... até achei piada ao curso de cozinha, não é?, como fui influenciada a fazer, mas quando conheci a realidade de emprego, eu pensei “não é isto que eu quero pra mim: ficar fechada, ser escravizada, não ser valorizada, vou continuar a estudar porque eu quero é lidar com pessoas, sim, mas para as ajudar de alguma maneira (... a questão de mudar... hoje, se eu mudasse a vida de uma pessoa... já era a pessoa mais feliz do mundo!)... ahm, e descobri, comecei a ler o que é que era serviço social, e a ver o que é que era um bocado, fui contactando com algumas pessoas, aí está, dentro do serviço social e, aí está, que mudaram as minhas escolhas... e só ali, quando fiz o CET, é que percebi: “bolas!, eu gosto mesmo disto, é mesmo isto que eu quero!”. A troca... porque

foram EXTRAORDINÁRIOS os nossos professores do ensino, do CET, do ensino nível 0, porque eram pessoas que nos contavam experiências REAIS, não as lindas e floridas, mas as duas! Percebe?... E que acreditavam em NÓS e que nos davam ferramentas e valorizavam-nos... e exigiam de nós, o contrário daquilo que se pensa! ...Que o ensino antes da Universidade, ao contrário de que... pois, e eles próprios nos foram preparando, e depois cai um balde de água fria quando se entra no Ensino Superior: “Tás pra fazer, fazes, não queres... .. não fazes!” E eu... e isso aí, eu senti-me realizada, nesse sentido, porque fui valorizada e percebi “gosto disto, é isto que eu quero!”, não é?, embora depois todos nós temos aquele balde de água fria que é... mas sim, não sei se respondi à sua pergunta: não sabia bem o que queria, mas uma coisa sabia, é que gostava muito de estar com as pessoas, contactar... embora que me assustem as pessoas...! Eu costumo dizer que eu não tenho medo do trabalho, eu tenho medo das pessoas e da sociedade... do rumo que a sociedade está a levar... quando me dizem “Então, mas tu não tens medo...?” Não, não, eu não tenho medo DO TRABALHO, DO TRABALHO, DE TRABALHAR eu não tenho medo, tenho medo é da sociedade, das pessoas, de não... porque, quer-se ganhar, quer-se... se não se atinge demasiados parâmetros, se não aceitas determinadas regras... ..

E - ‘Tá fora...

L - ‘Tá fora! ‘Tá riscado! ...Portanto, não sei se respondi...

E - ... sim... completamente... Como é que imagina, que projetos é que tem daqui pra frente, o que é que pensa, como é que pensa, os seus próximos 10 anos?

L - Os meus próximos 10 anos...

E - ... ou não pensa, sobre isso?

L - Como é que eu lhe vou responder a esse... tenho de tudo! Sou uma pessoa um bocadinho estranha! Tenho... há uma altura... há momentos da minha vida que, sim, que penso... e tenho outros momentos que procuro não pensar. Porquê? Porque me assusta... mas, por um lado porque me assusta, e pelo outro, depois começo a pensar “espera, em nada da minha vida, eu pude programar, foi sempre a vida que me foi... orientando. Pronto, tenha essa hipótese. Uma. Assusta-me, mas depois pra me... retaguarda, espera! Mas, e... ou melhor, deste lado da balança, tenho 3 questões, que é: assusta-me; outra, fico descansada (“descansada”, entre aspas), não é descansada, penso

“espera! a vida foi-me mostrando qual o caminho que eu devo escolher, qual o rumo; e por outra, até tenho ali um sonho e uma ambição!... no meio daquelas duas... contrassensos, que é de... no meio disto “espera, eu até gostava de um dia ou ’tar, ou pegar, estar numa Instituição, que gostava imenso, mas conheço a realidade que não me é possível! Como me é possível, se... tenho duas hipóteses: ou vou sonhando e acreditando que é possível, GOSTAVA, que é o que imaginava daqui a 10 anos... (quando diz 10 anos, não é?, gostava de estar numa Instituição, sim, a trabalhar...), ou num projeto social, não numa Instituição, fechada, mas num projeto... Como, se não fosse possível participar num projeto, porque não (mas isto sou eu...) ir em missão, era um sonho... Isto...

E - Força!

L - Era... era... mas isto foi agora, foi nos últimos meses que tem... o que me tem feito pensar, e a propósito da sua entrevista que me tem feito pensar... pensei “porque não... ?”

E - A minha entrevista serviu pra alguma coisa...

L - Sim, mas já me tem feito pensar isto este último ano, vá, deste início, tem-me feito... é uma questão que eu gostava...(se posso utilizar, aí está: a questão da valorização!) Acreditamos que nós, lá fora, somos mais valorizados... valorizados, lá fora, não falo a questão de emprego, estou a falar nesta questão da missão... quando chega alguém A QUEM NÃO TEM NADA, quando chega alguém que tem um bocadinho...

E - E eu acredito que a “Liliana” vai ser capaz...

L - (*entusiasmada*) ...Talvez... (...) tenho uma limitação, tenho a questão visual, mas não falo muitas línguas, e eu costumava dizer que tinha duas coisas que me prendiam cá: era a minha avó, que sentiria que a ia abandonar, e tinha a questão (isto agora aqui um parenteses... esta entrevista... outro parenteses, isto é só parenteses)...

E - ... Não faz mal...

L - (*fala com entusiasmo e vivacidade*) Eu descobri que o meu... eram os meus olhos e a minha avó... os meus olhos, porque é assim, nós não nos podemos expor assim... quer dizer, podemos sonhar alto, mas temos que ter um pezinho, pelo menos, no chão!,
78

do género, se calhar, não temos lá... nós queixamo-nos do nosso sistema de saúde, mas se calhar lá a coisa não é muito melhor, não é? Digo eu, com o barulho das luzes! Mas, porque é que eu comecei a pensar mais nisto? Fiz uma descoberta interessante: é que o meu oftalmologista... o diretor que me 'tá a seguir neste momento, que me acompanha, faz parte de um projeto em que vão temporariamente (dois meses por ano, três meses por ano) a Guiné-Bissau, promover consultas e comportamentos saudáveis, vá, há toda ali uma campanha de sensibilização, ou seja, levam consultas, levam tratamentos médicos, mas também há uma preparação pras pessoas que ficam lá a cuidar dessas crianças, pra questão da visão, que é uma coisa que me diz muito!... que 'tá ligada a mim... portanto... Pensei assim "se eu puder ir e puder levar o meu médico atrás, isto era ouro sobre azul... eh pá, podia não ter lá os meios, mas pelo menos tinha... se eu puder levar Nosso Senhor atrás, como dizia o outro, porque é que eu hei-de ir atrás dos Santos?, salvo seja. Pronto, isto aqui, é um sonho...

E - Vai correr bem.

L - Quando eu for grande, como eu costumo dizer, quando eu for grande vou pensar nisto, agora ainda sou pequenina!

E - E é bom não é, essa chama, essa...

L - Essa esperança? Sim, sim... sou uma pessoa de... de... de... de esperança! Sobretudo também porque fui influenciada pela Vida, pelas pessoas que me passaram por mim, que me foram passando essa esperança, umas estão "cá" hoje, outras não 'tão... ... tenho testemunhos brilhantes de pessoas que passaram por mim, se calhar, fizeram de mim quem sou hoje... Em situações de extremo limite, foram as que mais me ensinaram! Tenho um testemunho de uma pessoa (isto ficaria aqui HORAS a falar) mas que me deixou um grande testemunho de uma pessoa que pensava um bocadinho da mesma maneira como eu: "Não trabalhas, mas se... é isso que te realiza?"... que infelizmente faleceu a lutar contra "o bichinho da moda" que se chama cancro... e, se calhar, essa pessoa é que fez o *clic* do género: "Se calhar, tu não és tão infeliz por não trabalhares ou por não teres um emprego das 5 às 8, mas se calhar tens tudo pra ser feliz... se tiveres saúde"... De que é que vale a mim... eu até... (porque foram à volta de 10 meses, isto não tem a ver com esta entrevista, mas uma pessoa de 40 e poucos anos, trabalhadora, com um filho e com tudo... num momento ficar totalmente

dependente... terem que lhe dar comer na boca, totalmente, 90% pra não dizer 100)... e essas experiências é que fazem de nós...

E - ... Enriquecem-nos!

L - Enriquecem-nos! Se eu não tivesse vivido aquilo, eu não era quem sou hoje, sem dúvida alguma... mas, ou se não... sem ter passado não se dá valor às pequeninas coisas...

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

APÊNDICE 4.3: Entrevista a Elizabete: A Construção de uma Autonomia com Afetos

ENTREVISTA A ELIZABETE: A CONSTRUÇÃO DE UMA AUTONOMIA COM AFETOS

A presente entrevista tem início após explicitados os procedimentos de gravação áudio, da construção do texto narrativo e assegurados os aspetos de anonimato e confidencialidade na transcrição e publicação do texto. A entrevistada é informada também sobre a devolução do texto para revisão e participação na narrativa da própria. Tem também lugar a leitura e assinatura do termo de consentimento. A entrevista decorre na casa onde reside a entrevistada, numa pequena sala de sótão adaptado a estúdio, ponto de passagem entre a escada de acesso ao sótão e os quartos, sem portas. Na cozinha, ao lado, um dos colegas de casa, fala ao telefone e faz o almoço; outro colega de casa, apesar de estar presente, aparece apenas para cumprimentos ao início, recolhendo-se de seguida.

A Elizabete (nome fictício) tem 19 anos. Fala com energia e vivacidade, mas num tom bastante baixo, contido. A família de origem é reconstruída, com múltiplas relações e separações, resultando no convívio habitacional de descendentes das diferentes relações com ou sem nenhum laço entre eles. Vive presentemente na Costa da Caparica, cidade satélite na periferia da Grande Lisboa, com características de forte sazonalidade, quer no que respeita à população presente, quer no que respeita às atividades económicas aí desenvolvidas, estreitamente associadas ao turismo (diário ou mais permanente). Partilha o espaço habitacional com dois jovens amigos, irmãos entre si, de 20 e poucos anos, num sótão adaptado para habitação, modesto mas juvenil. A situação é transitória visto que tem projetos de ir viver com a irmã mais velha, em Loures.

Entrevistadora (E) - Então... antes de começarmos, eu queria mostrar-lhe este cartoon (*figura xxx em anexo*) e queria que me dissesse... que lesse, e que depois que me dissesse o que é que pensa do que está aí!

Elizabete (EZ) – Engraçado, dei isto na escola “Geração nem nem, nem estuda nem trabalha”... (*lê em voz baixa, rindo*)... engraçado! Ahm... de momento eu não estudo porque... eu estudava, ‘tava a tirar um curso de Restaurante e Bar, tinha boas notas, porventura... mas, entretanto eu tive que sair da casa dos meus pais porque, prontos!, não tinha um convívio em casa que se possa dizer assim “aceitável”... Havia alguns maus tratos tantos físicos como psicológicos, então eu decidi sair de casa, fui viver com uma amiga... ahm, entretanto arranjei aqui trabalho, num bar aqui da praia e, prontos!, fiquei a trabalhar, dava-me um bom dinheirinho... arranjei um quarto que era uma casa partilhada com a minha amiga, tudo nos trinques... entretanto, apareceu-me... apareceu-me, não! Eu DESCOBRI que tinha um problema de coração, que tinha nascido comigo e que, ao longo dos anos, tinha vindo a aumentar. Prontos. ‘Tive internada, tive que desis... nem pude mais pensar na escola, porque não podia mesmo voltar, o trabalho também tive que desistir, tive 2 meses internada, fui sujeita a uma operação... prontos, a minha vida deu assim uma volta de 90o assim muito rápido! Eu não ‘tava nada à espera (tenho 19 anos, não é?), não ‘tava nada à espera... entretanto... prontos, com isto tudo da doença, os meus pais quiseram que eu voltasse pra casa... tudo bem, sem problema... as coisas ainda... prontos, se mantiveram, eles trataram de mim, ‘tiveram sempre muito preocupados, mas não sentia que era como ... como antes, não era igual... então, comecei mais a pensar em mim, como é que eu, ficando melhor, podia, prontos, voltar à minha vida ativa... domingo vou pra Loures outra vez, portanto vou iniciar outra vez a minha escola, tentar iniciar outra vez a minha escola, nem que seja à noite, já tenho em vista 2 trabalhinhos, assim *part time*, quero voltar a fazer desporto, que é uma coisa que eu adoro imenso, adoro! Eu adoro natação, adoro... ahm, ginástica artística, eu gosto muito de dança contemporânea... pronto, estes desportos que envolvam mais o corpo... não tanto a cabeça, (‘que há desportos que é de desenvolver mais a cabeça!)...

E – E a questão da saúde aí não afeta...

EZ – Não, não, tenho agora... vou ter agora uma consulta de rotina pra saber como é que as coisas ‘tão... ESPERO MUITO BEM que as coisas estejam mesmo resolvidas,

que não tenha aparecido outro problema ou que o problema tenha voltado... porque, parecendo que não, tenho 19 anos, não é? Não é todos os dias que aparece a uma pessoa de 19 anos, um problema de coração... em que a gente deita-se na cama de hospital e depara-se “bem, se eu não fizer isto... não faço mais nada”, não é?... Foi um grande choque pra mim, foi... eu abri muito os olhos naqueles tempos que ‘tive internada porque depois... nós vemos que não paramos a vida de ninguém! Não podemos parar a vida de ninguém: eu não tinha visitas todos os dias, os meus pais trabalhavam... ‘tive uma grande parte do tempo chateada com o meu pai, há pouco tempo é que a gente se voltou a falar (por iniciativa minha, n’é?)... ahm... mas olhar pra vida e ver “Ok, se não fizeres tu, ninguém vai fazer”... pra uma rapariga, assim de 19 anos, que... que ainda NÃO É MUITO crescida, não é? Não pode fazer muito...! ... Foi um choque assim... foi um abre-olhos!... Foi um grande abre-olhos...!

E – Até aí, se calhar, nem pensava muito...

EZ – Não, não pensava mesmo nada, não... “trabalho?! Pra quê? Eu tenho a minha mãe, eu tenho o meu pai...! Eles dão-me comida, dão-me casa, tenho roupa lavada, passada a ferro...pra quê? Todo o dinheiro que eu juntar dos meus part times é para ir divertir-me com os meus amigos... Hoje em dia eu já não penso assim, hoje em dia eu já penso que “ok... tenho de ‘me fazer à vida’, eles não vão durar pra sempre, tal como eu não duro pra sempre, eles também não!”... e, prontos!, tem sido assim uma... um... um... é o que a minha mãe dizia muito: “a gente não vive, a gente aprende a viver e sobrevive!”, porque... às vezes não é assim tão fácil, a gente ver-se sozinhos, mesmo rodeados de muitas pessoas, não é? Eu tenho os meus amigos, eu tenho a minha namorada, eu tenho a minha mãe (eu vou imensas vezes vê-la), eu tenho as minhas irmãs... só que... eu tenho é que contar é COMIGO!, não é? Porque “ok, “Elizabete” ‘tá na hora de seres uma mulher!”...

E – Ainda não tinha chegado bem a hora, não é “Elizabete”?... Ainda podia ser mais um tempo...

EZ – Não... podia ser, podia... ahm... podia... podia... podia, não, POSSO! Posso porque...

E - Porque vai recuperar tudo isso, não é?

EZ - ... Ainda sou muito nova, posso ainda fazer IMENSAS coisas, mas, por exemplo, a escola é uma coisa que... não é... não é pelo ensino! Não é por ter que ir à escola pra ter o 12º ano, pra depois ir pra faculdade... não! Não é por isso. Eu tenho muitas... eu, pessoalmente, eu tenho muitas saudades da escola e do... ir, apanhar os transportes, ir pra escola, tirar as coisas da mala, escrever IMENSO, aprender imensas coisas... a comunicação entre nós e os outros é uma coisa muito essencial. Eu acho que sem isso, nós não... prontos! Lá está: o que eu entendo não é... pode ser ou não ser o que você me diz, entende? E... sinto muita falta dessa comunicação!... Do conhecer mais pessoas, não é?: A gente vai no autocarro, “com licença” e depois dá ali um pezinho de conversa, e conhecemos outra pessoa, outras vidas e... eu sinto muita falta disso! ‘Tou... sinto-me muito estagnada, no mesmo sítio, no mesmo estado de inércia, assim meio já pesado, já me custa levantar-me e não... não ter nada pra fazer! Não conseguir fazer nada, porque já é há tanto tempo, já ‘tou tão habituada a isto que já não tenho aquela FORÇA, e às vezes é disso que... por exemplo, eu acredito que não seja só eu nesta situação, porque eu tenho amigos e vejo! Amigos meus que estão no mesmo estado (por outras razões!) mas ‘tão no mesmo... no mesmo estado! ... E, às vezes falta aquela... aquele picar, “vá! ‘bora! Anda aqui! Vamos fazer isto!” e... (não que eu já veja nos meus amigos muito), não há! Falta isso! Não há um “ok, nós vamos à escola, nós temos que levantar super cedo...” só que às vezes, até as próprias matérias, ou os próprios professores (porque as matérias são todas interessantes! A partir do momento em que nós não conhecemos, as coisas passam a ser interessantes... pra quem gosta de aprender, passa tudo a ser interessante!)... Às vezes é mesmo, ou os próprios professores ou... prontos, não têm aquele... como é que se diz? Aquele... aquele jeitinho de professor!, não é? Nós, às vezes, temos professores bons e professores maus! Não é pela pessoa que eles são, é da maneira que eles ensinam é que a gente não gosta! Mas mesmo assim, eu sinto FALTA dessa adrenalinazinha do levantar de manhã... sinto muita, muita falta! E... eu trabalho desde os 16: trabalhei numa banca, já trabalhei com crianças, trabalhei numa loja de artigos cosméticos, trabalhei num bar aqui na Costa a servir às mesas, também na parte do balcão mesmo, já trabalhei em hotéis... pronto, já fiz de tudo um pouco...

E – Esses contratos acabam porque acabam e não renovam...?

EZ – Exatamente, não renovam, porque às vezes são os sazonais, que és de verão, e... até isso às vezes é bom “ok, a gente não vai, não aprende... as matérias da escola, mas aprendemos outras coisas, porque, prontos!, vem uma pessoa ter connosco, pede “isto e

aquilo”, a gente consegue logo ter ali um bocadinho de conversa, porque... não é? A gente queremos é conversa, todos queremos é conversa, queremos comunicar uns com os outros! Isso é que é bom!... E até isso, de vez em quando... eu só tenho um trabalhinho que faço aos fins-de-semana... não me dá muito, mas já dá pra manter as coisas MINIMAMENTE orientadas... e, tem de ser com muita ajuda da minha mãe, não é? MUUUUITA ajuda da minha mãe, o meu pai não pode... não pode, nem ‘tá aqui tão perto: o meu pai vive na Quinta do Conde, a minha mãe mora aqui, no Pragal... chego muito mais rápido ao pé da minha mãe que do meu pai... mas... tenho sentido mesmo que, um dia que a minha mãe me falte, ‘tou lixada! Sério! ‘Tou mesmo! É que é mesmo aquela expressão ‘tou lixada! Mas tenho, tenho sentido muita necessidade de “ó mãe, preciso de saber como é que isto se faz?”, “Ó Mãe preciso disto...”, “Mãe não tenho dinheiro pra isto, preciso que me ajudes!”, “Mãe, como é que eu faço isto?”, “Mãe, não sei fazer isto, ajuda-me!”... Preciso, preciso mesmo... só que também ‘tar lá em casa, ok, tinha essas coisas facilitadas, então mas e o meu “pessoal”, o meu psicológico, não é? Isso também tem que contar, porque nós temos é que nos sentir bem. À partida, se nós formos felizes connosco, somos felizes com os outros, nós temos é que ‘tar bem com nós próprios... se não ‘tivermos, não vale a pena a pessoa em questão que, neste caso, até pode ser a melhor pessoa do mundo, mas se nós não ‘tivermos bem, não a vamos tratar bem, não vamos ser bons com ela... E eu tenho sentido muito isso... não me vou querer alargar por outros caminhos, sinto que o trabalho, tanto como a escola, têm tido... têm-me feito aprender muito, e sinto que havia de haver um leque maior de... prontos, de trabalhos, de *parts time*, de coisas que nós pudéssemos fazer, que não nos roubasse muito tempo porque, por exemplo, eu sou uma pessoa que adoro ter muitos *parts time* porque gosto de fazer imensas coisas, não gosto, por exemplo, de ter um trabalho das 8 às 8 pra fazer o mesmo! Não, porque é que eu posso ter... porque é que eu não posso ter, por exemplo, dois trabalhos por dia, pra fazer duas coisas que gosto e, se calhar, a ganhar o mesmo ou mais, não é? Pronto, não sei...!

E - Estudou até...

EZ – Estudei... eu tirei o curso de Restaurante e Bar, que era 10º, 11º e 12º... fiz o 12º completo e só consegui ir à 1ª semana de aulas do 12º...

E – Fez o 11º completo, é isso?

EZ – Exatamente. Num curso profissional.

E – Tem irmãos?

EZ – Tenho, tenho uma irmã de sangue e duas irmãs que são duas meias-irmãs, uma mais velha e outra mais nova e tenho... não é bem meu irmão, mas como eu cresci com ele, ele é filho do meu padrasto, portanto, vá, é da idade da minha irmã mais velha, da minha meia-irmã, eu vejo-o como um irmão, eu cresci com ele, ele sempre ‘teve lá, já não tenho como não lhe chamar “mano”! Tem que ser, já é muito hábito!... É assim, a minha mãe e o meu pai são separados, separaram-se há muitos anos... eu tenho... 19 (*conta pelos dedos*) ...6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19... já há 13 anos! Já há 13 anos, já ‘tão separados há algum tempo... e, prontos! quando há maus tratos entre casais, mais vale separar e ir cada um pra seu lado, do que se ‘tarem a maltratar... Entretanto, a minha mãe vive com... com outro senhor, já tinha filhos, ele foi-se embora com este, se não me engano ‘tão... ora a minha irmã “Maria” nasceu há 10, portanto, mais coisa menos coisa, ‘tão há 10 anos... não tem sido das MELHORES relações, não é?, entre marido e mulher não são das melhores relações, mas mantêm-se há 10 anos, isso é que interessa, apoiam-se um ao outro, isso é que interessa! A minha irmã “Maria” já ‘tá quase uma mulher... o tempo passa a correr: parece que ainda ontem era um bebé, que ‘tava na barriga da minha mãe... ahm... mas ‘tá, ‘tá muito crescida, ‘tá uma mulher adulta, tem tido alguns problemas na escola, por causa do português (ela é muito preguiçosa pra ler, eu tenho-a incentivado muito. Agora este Natal ‘tive eu a escrever um livro, coisas assim práticas pra ela ler, e retirei de revistas... aquelas bandas desenhadas, tipo bonecos, pra ela ir lendo, ir vendo as imagens...)

E - Que idade tem ela?

EZ - A “Maria” vai fazer 9... e mesmo assim é... pffff... é uma miúda, pá... é levada da breca!

E – A “Elizabete” era boa aluna?

EZ – A português eu nunca fui boa aluna porque eu... eu tinha problemas de fala, quando era pequenina... Falava mal... então, tive, na primeira... no 1º ciclo, aulas de “acompanhamento da Fala”, acho que “da língua materna” ou “da língua...” foi qualquer coisa assim... já não me lembro muito bem... mas eu escrevia muito mal, dava muitos erros ortográficos, trocava algumas letras, então puseram-me a fazer muitos ditados, eu lembro-me... fazia muitos ditados, muitas cópias, mas era o falar... eu

escrevia praticamente como falava, então dava os erros... Mas a matemática, por acaso, sempre fui uma boa aluna, gosto muito... não sei, sempre gostei muito de matemática, assim coisas!... quando eu fui parar pras outras aulas, pronto, pro 2º ciclo, aí deu... aí tive um pequeno problema com o inglês, porque... prontos... da minha parte, eu não vi incentivo da professora... a professora... foi a professora que me fez todos os anos, e dessa turma não sou só eu que, hoje em dia, não sei falar como deve ser inglês!... Inglês corrente! Só... todos os que eram da minha turma, LEVARAM (*faz o sinal de aspas com os dedos*) com essa “stora” os anos inteiros... Não sentíamos... ahm...

E - ...empenho...?

EZ – Não, não... gosto...não, ‘tá-me a faltar a palavra... como é que hei-de dizer isso?...(*suspira*)... não... não havia... a professora... a professora parece que não puxava por nós: dava-nos fichas, nós resolvíamos as fichas...

E – Não vos desafiava.

EZ – Exatamente! Não nos desafiava, não havia aquele piquinho pra gente vir a saber mais, não havia! Então... prontos!, nós eramos miúdos, queríamos lá saber, queríamos era ir pro recreio!... E agora, hoje em dia, tenho falado com algumas professoras minhas doutros anos, que sempre gostaram muito de mim (eu não me portava mal, eu era muito faladora nas aulas, eu não me portava... eu nunca me portei mal! Eu era muito faladora, só... diziam “prontos a “Elizabete” quer o quê? Continuar a falar? Dar a aula por mim?... Eu ouvi isso muito, muito nas aulas... era muito engraçado), mas tenho falado com alguns professores meus, eles têm-me ditado... dado cursos, de inglês... aqueles cursos rápidos, que duram 1 mês, dois... prontos, pra desenvolver... porque hoje em dia, em Portugal... e seja em Portugal ou seja fora, o inglês é mesmo muitíssimo essencial: nós, com o inglês vamos pra qualquer parte do mundo, não é? Não é só para países que falam inglês! Por exemplo, na CHINA nem toda a gente fala inglês, mas se nós formos com inglês lá, já nos conseguimos “safar”, já é o mínimo... e isso sim, tenho sentido muito, muito... por exemplo, a francês, consigo falar melhor, já tenho um francês melhor do que o inglês, mas... não é... não chega! Não chega o francês!... E eu tenho mesmo de conseguir tirar um cursozinho agora... tenho... tenho assim umas ideias pra agora, pro mês de abril... um curso de inglês... vai abrir umas candidaturas pra um hotel que eu quero ir (MUITO mesmo, eu adoro aquele hotel, já trabalhei pra eles, só que ainda não abriram recrutamento para o pessoal de bar e de restaurante, vão

abrir em abril... acho que vou conseguir conciliar as duas coisas: o trabalho no hotel e o curso de inglês... acho que... vai-me fazer bem! Eu acho que quanto mais o meu dia tiver ocupado, mais... mais produtividade eu tenho! Eu preciso... eu, não! Todos os jovens precisam de... do tempo ocupado, do dia ocupado! Porque há tempo pra tudo, sempre me ensinaram que há tempo pra tudo!: há tempo pra família, pros amigos, pra trabalhar... pra estudar... seja quanto ocupado for!... pro lazer... só que neste momento eu não tenho... aliás, tenho tempo A MAIS! Não gosto! Ninguém gosta de ter tempo a mais, tenho tempo pra não fazer nada a mais. É bom termos... (eu gosto!) de ter o meu dia preenchido...! Quando tenho o meu dia preenchido, parece que quando chega a noite, nem sequer 'tô cansada!... E quando não tenho nada pra fazer, passo a parte do dia todo no sofá, a ver televisão e... produtividade zero! Porque... Não há nada!

E - Se calhar, ocupou também os seus tempos... como gosta de desporto, se calhar já fazia desporto...

EZ – Sim, exato! Eu, por exemplo, eu quando andei no ballet... (ah, também fiz ballet!)... quando andei no ballet e na ginástica artística (eram as duas ao mesmo tempo), eu tive um problema nas virilhas, eu rasguei as duas virilhas e, por causa disso, tive que desistir tanto do ballet como da ginástica... hoje em dia, já não posso voltar pra isso... tenho algumas coisas que posso voltar: pra natação, é uma coisa muito boa de eu voltar, até pras minhas virilhas voltarem a ter a elasticidade que tinham, serem flexíveis como eram... a dança, por exemplo eu já posso... só que para voltar pra essas coisas eu preciso de ter dinheiro... para ter dinheiro preciso de um trabalho!... o que tem sido difícil, porque ou querem pessoal com o 12º ano, ou querem pessoal com experiência, não é? Se eu for pra um trabalho, que eu já tenha experiência... ah!, sim, porque tem alguns que pedem pouca experiência, mas é trabalhos já muito difíceis... ok, eu não tenho experiência, mas também não consigo ir porque sei que não vou conseguir aprender, que eu precisava já de bases pra ir fazer...

E – Por exemplo...

EZ – Por exemplo, eu tenho... há um bar, ali em Lisboa, que quer pessoal sem experiência, só que o bar é mesmo MUITO concorrido, então, se eu vou pra aquele bar, só vou dar é despesas ao patrão (isto porque eu já trabalhei no ramo), ou seja, o que eles podiam querer era pessoal sem ter experiência mas com bases, ok? Não é pessoal sem experiência... porque, não dá, não dá pra uma pessoa ir para um bar e não saber o que é

uma bebida branca, não saber... prontos!, não saber sequer tirar uma imperial, não é? Não dá!, senão deixa de ter lucros, o pessoal vai-se embora, farta-se de esperar, reclama... não é? Eu sei, eu já trabalhei... Eu fui lá ter com ele, falar com ele e ele, prontos, o senhor foi super rude comigo e disse que o bar era dele e eu não imponho aquilo que ele quer, e eu fui com o coração aberto! “Ok, eu não tenho... eu tenho experiência para além do que o senhor pede, mas acho isto e isto e isto...” e ele foi super rude, mandou-me embora e já não me quis... é isto que eu acho estranho: as pessoas, uns pedem muita experiência e outros não pedem nada...!... ok...? Acho isto estranho, mas pra outras pessoas isto, se calhar, nem é mau!, ok? “Não tenho experiência, vou pra lá e ele ensina-me tudo... e não há problema nenhum! Pra mim, há, porque eu já tenho bases, não é? Já tenho um curso, não acabado, mas o que me falta acabar eram só 3... eram só poucos módulos...

E – Vai acabar?

EZ – Vou! Vou, agora vou pra Loures, quero ir inscrever-me... tem mesmo que ser... Por acaso, é uma coisa que eu gosto e tudo! E são alguns módulos, em princípio... alguns módulos que tenho feitos, os que não tenho, eles metem-me noutra turma e faço o ano...

E – Em Loures...

EZ – Sim , em Loures, vou pra Loures, pro pé da minha irmã... em Lisboa... prontos! há muito mais trabalho, os transportes são imensos... é muito mais fácil! E também de ‘tar com ela, ela é uma pessoa super diferente, não tem nada a ver... sabe-se divertir, mas consegue... tem tudo super, super bem definido no que quer: lazer e trabalho! E eu gosto, eu gosto! Não é eu gosto, eu PRECISO, preciso de alguém que me imponha isso: “ok, podes-te divertir, há tempo pra te divertires, mas o trabalho é trabalho!... Seja lá o que for, seja lá a que horas tens que te levantar... tu tens isto pra fazer, não vais sair esta noite porque amanhã tens que trabalhar, e é assim e ponto!”... E eu preciso disso! Não é que goste, não é? Tenho 19 anos, quero-me divertir, mas tem que haver... tem que haver mesmo tempo pra tudo! E falta inculir isso a muitos dos jovens: há tempo pra tudo, não precisamos de deixar de fazer nada...

E – O trabalho que procura, normalmente, é sempre nessa área dos Bares, da Restauração, dos hotéis... é o que gosta de fazer...?

EZ – Sim, é o que eu gosto mesmo de fazer: atendimento ao público... ADORO! Mas também já trabalhei com crianças, também adorei trabalhar com crianças, a ingenuidade delas é muito boa!... ahm... já trabalhei também numa banca, a fazer atendimento ao público... aí, a minha dificuldade é atender estrangeiros... já tive que atender alemães, tive de falar inglês... tenho que fazer com que eles me percebam, aquele PORTUGALÊS...

E – Linguagem gestual!

EZ – Exatamente!... exatamente! Por acaso gostei muito... eu, dos trabalhos que tive, não houve um que eu dissesse “não gostei!”. Quando a gente faz... quando a gente vai com gosto e porque gosta, não tem como... há uns dias, que os nossos colegas ‘tão num mau dia e mandam assim umas bocas mais... mais parvas e... mas isso é o menos, não é? Todos dias temos ... todos nós temos dias maus, não é? Eu por acaso não sou uma pessoa de misturar o meu pessoal com o trabalho, por acaso nisso eu sei diferenciar... não é que vá para o meu trabalho a sorrir num dia mau mas também não vou mandar alguém passear, nem nada disso... mas, pronto, às vezes vamos com uma cara mais abatida, não é?, não vamos com aquele sorriso brilhante, mas também há-de haver convívio, por exemplo, onde eu trabalho, aquilo já se tornou uma família, então se eu chegar com uma cara mais cabisbaixa, eles já vêm ter comigo “Então, “Elizabete”, o que é que se passa, hoje vens com uma carinha de frio ... é bom! E isso é recíproco! Porque são tanto eles comigo como eu com eles, e é bom! E isso, pronto, são pessoas, uns são mais velhos que eu, outros... eu tenho um patrão com 50 e tal anos...! Pronto! Ele tem idade pra ser meu avô e eu neta dele, e damo-nos bem! Eu acho que a comunicação é essencial... é muito, muito importante... E tratam-nos... ok, eles tratam-nos como iguais... somos empregados deles, mas há um jeitinho, a gente nota, aquele jeitinho especial... Não nos dão palmadinhas nas costas, mas é bom, é bom! Há patrões que entram no escritório e não saem de lá, não querem de lá sair! Aqueles não estão lá a trabalhar connosco... Também há quem não goste, mas depende, eu adoro! Tanto posso aprender com eles a ver eles a fazer, como eles a ver e a corrigir o que estou a fazer de mal, não é? Eu gosto muito disso! É como uma família, a gente ali!

E – É só aos fins-de-semana...?

EZ – Sim, é só aos fins-de-semana. Agora como está a chegar o calor talvez eles me chamem pros dias de semana, porque no verão é sempre... Ok, no verão é MUITO

complicado, é calor que faz todos os dias, é muito pessoal na praia, o pessoal vem todo refrescar-se pro bar, mas como as pessoas são muito calmas connosco, e são educados...

E – São?!

EZ – Mesmo a sério, naquele bar é muito raro a gente encontrar uma pessoa assim mal-disposta, que nos dê uma resposta mais torta... é muito raro! Eu lá sou... parece que o dia passa a correr! É muito bom. Sabe bem. Ok, nós chegamos a casa: “PFFFF, Olha que dia!”. Mas sabe bem, sabe mesmo muito, muito bem! Você consegue notar na minha cara o quanto eu gosto!

E – Quando era pequenina o que é que pensava ser quando fosse grande, o que é que lhe passava pela cabeça?

EZ – Quando eu era pequenina, eu sempre gostei muito de pessoas... Adorava ser apresentadora de televisão, gostava de ser ATRIZ, adorava! Tive, no 2º ciclo, ainda entrei pra umas aulas de teatro, depois fecharam e eu ok, não pensei mais nisso. Quando era pequenina, sonhava muito, queria ter o trabalho da Cristina Ferreira ou do Manuel Luís Goucha... porquê? Também passei muito tempo com a minha avó paterna, e ela fartava... comia os programas todos da tarde, da manhã, tudo o que houvesse para ver, ela via! Então, não sei, sonhava muito em vestir aquelas roupas, ter aquelas maquilhagens, ver... prontos, falar com as pessoas que ‘tão do “outro lado” da televisão... eu achava “mas elas estão a falar mesmo comigo?” Tem a ver... prontos, era pequenina, não entendia... mas por acaso desde pequenina, sempre gostei!...de... de televisão! Porque... não sei, sempre despertou em mim, assim o bichinho...

E – Não procurou?

EZ – Não, não! Não porque, entretanto, saí da escola... conheci esta parte de bar, que é uma coisa que me fascinou mesmo. Eu adoro, adoro... também gosto muito de receitas, também, também gosto imenso de pastelaria, aqui há, aqui tem uma pastelaria e que tem imensos bolos... adorava! Só que tenho que ter o curso... e esses cursos não são baratos! Então, fui ao IEFP (ok, o IEFP, ajuda muito o pessoal) e eles tinham esses cursos lá! E nós vamos pra escola e, prontos, vamos pras aulas, os professores não se interessam muito... põem uns slides e nós temos é que passar... e não... não há motivação da parte deles! Então, preferi... foi um dos motivos de eu me desinteressar...

comecei a desinteressar-me pela matéria, pelo curso e também não havia motivação da parte deles! Mas como sempre foi uma coisa que eu gostava, eu acho que eu puxava mas era pelos professores! Era mais eu a puxar por eles... eu e os meus colegas! Eu e os meus colegas temos... damo-nos bem e falamos às vezes que nós vamos abrir um bar, todos juntos, trabalhar todos juntos... mas sim, também gosto muito de trabalhar em bares, trabalhar com pessoas... também já trabalhei com os bombeiros, numa ambulância, a fazer transporte, tirei o curso de primeiros socorros... que é uma coisa muito útil.... Ainda no outro dia...foi na semana passada, no bar onde eu trabalho, houve um cliente que partiu uma garrafa e partiu a cabeça, ficou com a cabeça partida! ... eu acho que se eu não tivesse lá, havia muito mais sangue, havia muito mais nervos... porque uma coisa que nós aprendemos é que é muito importante primeiro acalmar a pessoa... primeiro há que acalmar a pessoa, dar-lhe segurança de que não vai acontecer nada... foi uma coisa que eu gostei muito, aprendi muito... ahm... já fiz muitas coisas!... já vivi em muitos sítios diferentes... como sou filha de pais separados, andava sempre de casa em casa, a casa do meu pai, a casa da minha mãe, a casa dos meus avós maternos, a casa dos meus avós paternos... a casa da minha irmã mais velha...

E - Mas estamos a falar demudanças de casa, não estamos a falar de passar os fins-de-semana com um ou com o outro...?

EZ – Exatamente!, de mudanças de casa, mesmo!... Os adultos, quando se separam, fazem muito... utilizam muitas vezes os filhos para se atingirem um ao outro... em vez de pensarem nas crianças, nos filhos, no que eles sentem, estão mais preocupados em magoarem o outro, e em comprar o interesse da criança, fazer-lhe as vontades todas... e o meu pai e a minha mãe fizeram muito isso comigo... e eu quando era pequenina, achava que era a melhor filha do mundo, tanto de um lado como do outro! Prontos, a mim não me fez mal, mas há muitos jovens que se tornam egoístas, não sabem ouvir um não, ou vivem agarrados ao que não têm e querem ter... são muito materialistas... eu não sou materialista... nada, mesmo! Tenho o suficiente para viver... tenho amigos... a minha família... a família é mesmo o mais importante... E... como eu andava de um lado pro outro, tinha que estar sempre a começar tudo de novo, cada vez que fazia amigos, e começava a ter os meus hobbies, a minha escola... mudava pra outra casa, pra outra escola, tinha que fazer novos amigos... Mas isso de não ser materialista também acho que teve muito a ver com a educação que o meu pai me deu... ele deu-me uma

educação muito, muito fechada... era muito exigente... mas eu acho que se eu não tivesse tido a educação do meu pai, não sei o que estava a fazer agora...! ...por exemplo, eu conheço raparigas da minha idade, que saem à noite e os pais não sabem o que se passa com elas, e mais! Vejo raparigas a começar nesta “má vida” entre aspás, de saídas à noite, para bares e discotecas, com 13 anos... eu, com 13 anos, andava a brincar com legos e com Barbies... eu acho que os jovens hoje começam nesta vida muito cedo... e eu acho que se não tivesse tido esta educação, mais fechada da parte do meu pai, era igual!... E eu só comecei a sair mais à noite com os meus amigos, e a ir a discotecas, no ano passado!...

E – A “Elizabete” acha que essas mudanças constantes de casa, de escola, deixar os amigos... fez com que fosse mais fácil desprender-se das coisas... quando diz que não é materialista...

EZ – Ah, sim, sim... eu aprendi a não dar muito valor às coisas materiais, porque... até aos 6 anos, quando os meus pais ainda estavam juntos, tinha o meu quarto, as minhas coisinhas (ainda hoje, me lembro da cor das paredes... o MEU quarto foi aquele!) ... Isso foi na Cruz de Pau, onde vivia com os meus pais...depois disso já mudei tantas vezes de casa...então... fui da Cruz de Pau pro Pragal, viver com a minha mãe, depois mudei pras Paivas, depois pra Sobreda... depois outra vez pro Pragal...

E- Pra mesma casa ou pra outra?

EZ – Outra, outra... depois... fui outra vez pra Cruz de Pau, pra casa dos meus avós... depois... pro Pragal outra vez, pra casa da minha mãe... depois fui pra Quinta do Conde... só aí mudei de casa 2 vezes!... aliás, 3!, 3 vezes!... depois fui pro Pragal outra vez... e desde que estou na Costa, já mudei de casa também 3 vezes!... Não dá... não dá pra ficar agarrado às coisas materiais... a gente habitua-se a ter poucas coisas e não lhes dar muita importância...

E – Sente que se passa o mesmo em relação às pessoas? ... Com os amigos e as pessoas que vão ficando “para trás”, sente que...

EZ – Não, não... Pelo contrário! As pessoas são o meu... a minha segurança, são as pessoas que me dão força e alguma estabilidade.... As pessoas é que são o mais importante, as coisas não... mas sem as pessoas eu não conseguia viver e estar bem... Custa-me muito perder contacto com os amigos, com os colegas e mantenho-me mais

ou menos sempre em contacto com eles... agora também é muito mais fácil telefonar ou saber das pessoas, quando se quer.... Embora eu não seja muito de andar a mandar mensagens, nem no facebook... Não consigo é aceitar a Morte... é muito difícil... não ver mais as pessoas de quem se gosta... Há pouco tempo perdi os meus bisavós... foi a primeira vez que perdi assim alguém tão próximo... e não consigo... não consigo aceitar que não os vou ver mais... as saudades das pessoas, da PRESENÇA das pessoas... de um abraço... de vê-las quando quero... é muito difícil de aceitar... Mas, sim... as pessoas são MESMO o mais importante...

E – Como é que a “Elizabete” imagina que será a sua vida daqui a 10 anos? Onde é que imagina que vai estar... a fazer o quê...

EZ – Daqui a 10 anos... daqui a 10 anos já tenho 29 anos... nessa altura já quero ter uma vida mais estável, ter a minha casinha... ter um trabalhinho certo, que me dê um dinheirinho pras minhas coisinhas, vou voltar a ter os meus hobbies... e isto eu vou conseguir em breve, quando mudar para Loures, pra casa da minha irmã... Nessa altura já vou... já vou poder recomeçar outra vez na nataçao, voltar a competir mesmo... que eu já estava a entrar em competiçoes, quando tive que deixar, porque quando se está sempre a mudar de casa, não dá, não é? Tive que largar tudo, mas agora, “faça chuva ou faça sol”, vou mesmo voltar à Nataçao e à Dança...!

(termina a bateria do telemóvel que está a gravar a entrevista. Interrompemos para ligar o carregador à ficha elétrica)

E – ... ‘tava-me a dizer que, o facto de mudar de casa constantemente... depois também tinha que largar os hobbies e que ‘tava já com a perspectiva de competir na nataçao e que fizesse chuva ou fizesse sol, estava sempre...

EZ- Exato... exato... gostava mesmo, mas sim com 29 anos eu quero já ter uma casinha, ter a minha vida muito mais estabilizada (porque a minha vida não ‘tá NADA estabilizada!)... ahm, ter o meu trabalhinho...

E – A vida não ‘tá estabilizada...

EZ – Não! Porque não tenho trabalho fixo, não tenho casa fixa... neste momento, não tenho nada...!

E – Para si, esta situação onde está agora, na sua cabeça, é temporário...

EZ – Tem mesmo que ser temporário! Quero mesmo, quero-me intre... ai, como é que se diz? Inserir na sociedade tal como os outros e, neste momento, eu não ‘tou a conseguir porque não tenho trabalho, não tendo trabalho, não consigo arranjar casa... não tendo trabalho, não consigo ter dinheiro pra fazer, pronto, os meus hobbies, as coisas que me fazem bem, que EU PRECISO... nós todos precisamos de algo que nos, prontos, que nos faça feliz... os médicos ainda hoje dizem que nós precisamos de um desporto, para libertar o stress, não é? O pessoal que vai pro ginásio vai pra lá, às vezes não é só para fazer musculo, é para LIBERTAR a cabeça e faz bem, sabe bem! Eu sou uma pessoa que tenho imensa energia (você vê que eu ‘tou aqui quieta consigo mas não consigo ‘tar parada!), tenho imensa energia e sinto falta! Eu tenho agora, prontos, um modo mais barato, tenho de correr com a minha namorada, fazer exercício na rua, vamos ali pra Fonte da Telha... é bom! É bom... mas não chega! Pra mim, não chega! Pra mim, levantar-me às 10 e correr até à 1 da tarde, fazer exercício o resto do dia, não chega! Não chega, pra mim, não chega! Porque não é aquilo que eu quero fazer! E aquilo que eu quero fazer, é mesmo a natação porque é uma coisa que eu gosto, e adoro Dança Contemporânea... se eu conseguir conciliar essas duas, com trabalho e casa, a minha vida era o máximo! Depois, lá pra frente, pensar noutras coisas... mas isso é lá mais pra frente!... Filhos e aquelas... prontos, aquel... família! Criar uma família, ter uma família, é lá mais pra frente! Primeiro tenho de pensar em mim, em manter-me estável, em fazer as coisas que gosto... para um dia, ‘tar satisfeita comigo própria, conseguir fazer, sim, a família, ter uma casa maior, comprar um carro... essas coisas! Por exemplo, eu neste mês, e a minha família fala-me muito nisso “então, quando é que pensas tirar a carta”... eu, neste momento, nem meto em questão tirar a carta... eu não consigo! Então se eu já me “vejo grega” para ter a minha casa organizada, e... prontos, pagar o passe pra ir pro trabalho, vá, quanto mais dinheiro pra tirar a carta! Eu não consigo, não consigo! Não consigo disponibilizar 500 euros ou 400 euros, pra ir tirar a carta! Não dá! Neste momento NÃO DÁ! Ok, mais lá pra frente, se calhar com 20, 21... se calhar! Daqui a 2, 3 anos, se calhar, consigo ir tirar a carta... mas tem que ser devagarinho, porque não dá pra ir mais depressa!

E – Imagina-se sempre por aqui, pela zona de Lisboa e arredores, não...

EZ – Sim, Lisboa, mais aqui esta parte da margem sul, mais perto... sim, Lisboa...eu também vou pra Lisboa, porque sei que em Lisboa vou encontrar um trabalhinho mais como deve ser, vou conseguir juntar mais dinheiro do que, pronto, aqui... vivo com

aminha família, não é? Não ‘tou em casa de um conhecido: ‘tou na casa da minha família, minha irmã... de sangue... ahm... consigo juntar mais dinheiro, consigo, com isso, com o juntar dinheiro, consigo pensar em voltar pra Natação, voltar pra Dança... ter dinheiro pras minhas coisinhas, fazer aquela coisa que antigamente faziam e que nunca me fizeram, que é... aquele baú, como é que se chama?... o enxoval! Nunca me fizeram, adorava ter um enxoval! Não tenho um enxoval! (*vai baixando o tom de voz, sorrindo, até terminar em tom de segredo*) Fazer um enxoval, que eu acho que é uma coisa lindíssima, as avós e as mães fazerem enxoval pros filhos e pros netos... acho uma coisa linda! (*agora em tom normal*) Eu nunca tive, portanto vou fazê-la! Já que não fizeram por mim, vou fazer eu pra mim!... prontos, mas para isso preciso de dinheiro... e dinheiro, neste momento, é difícil!

E - (também em segredo) Grande história...!

EZ – É, um bocadinho complicada, só o que é muito complicado é o meu pai... o meu pai foi pra tropa quando eu era pequenina e quando voltou é que começaram os grandes problemas: ele começou a bater na minha mãe e começou a bater-me a mim... ainda hoje eu tenho... tenho mazelas, das coisas que ele me fez em pequenina, e eu acho isso estúpido, porque eu não sei como é que ele conseguiu fazer-me isso a mim... porque eu sou parte dele! É minimamente compreensível, não é?, que duas pessoas que não são do mesmo sangue, se baterem, se chatearem, não é? As coisas... quando as coisas estão mais quentes, mesmo à flor da pele, solta-se um estalo, solta-se um empurrão... Ok... Não é bom, não se faz, é horrível, mas... quando se faz a uma pessoa de sangue e da brutalidade que ele me fez... eu não sei como é que não o odeio, não percebo... mas eu também não consigo odiar ninguém, não é? Tenho esse mal, eu não consigo não gostar de ninguém... tenho, tenho uma grande mágoa pelas coisas que o meu pai me fez, tenho!, mas não consigo odiá-lo, eu não consigo deixar de estar com ele! A gente ‘teve chateados durante... meio ano, por aí... 9 meses... e cada vez andava-me a corroer mais por dentro, ele não me mandar sequer uma mensagem... então tive que eu ir ter com ele! Tive que eu falar com ele: “Ok, eu não agi bem, tu não agiste bem, mas... pôxa, somos filha e pai... não me podes faltar! Tens que ‘tar aqui pra mim, eu não pedi pra nascer!”... Não, não fui ter com ele a nível monetário, fui mesmo pela presença dele, eu já sentia há muito tempo a falta... do PAI! Da figura... da figura paterna! Nunca tive... aliás: não tive muito... durante... enquanto era pequena, só tive agora já mais crescida... e sentia... e sinto, ainda hoje, não é?, (...não vivo com ele) a falta de UMA

VOZ masculina, de uma presença masculina... PAI! Sinto falta disso... ahm... da mãe já não, porque da mãe vou ter imensas vezes com ela, falamos imensas vezes ao telefone (a minha mãe é uma mãe-galinha, ‘tá-me sempre a ligar...)!

E – ...mas quando decidiu sair de casa, foi porque as coisas, o ambiente não estava bom?

EZ – Sim, exatamente.

E – Mas não por causa da sua mãe...

EZ- Mas por causa do meu padrasto... não era por causa da minha mãe... porque a minha mãe... eu sou igualzinha à minha mãe, a minha mãe também é um docinho, é um coraçõzinho de manteiga, não se pode dizer nada que ela... fica logo “ai, meu Deus!”... foi mesmo por causa do meu padrasto. O meu padrasto é uma pessoa muito retrógrada, pouquíssimo flexível, é uma pessoa assim bem de gancho, é uma pessoa que é fria, é distante... e acha que o mundo gira à volta dele! E as coisas não são assim. E eu falei com a minha mãe: “Mãe, peço imensa desculpa, estou aqui pra te apoiar em tudo, mas eu não tenho que arrecadar com as tuas escolhas. Eu cheguei a uma idade em que eu NÃO TENHO que levar com as tuas escolhas... portanto, ok, tu fizeste as tuas escolhas, queres estar com este senhor, muito bem! Só te peço pra teres cuidado, devido às situações que têm havido, peço pra teres cuidado... NUNCA desprezes a minha presença, eu ‘tou sempre aqui pra ti... sabes que... somos mãe e filha, mas em tudo o que eu te puder ajudar, eu ajudo-te, mãe, não há problema nenhum, mas não me sinto bem aqui...”. Na altura, em que eu saí do hospital, em que eu voltei lá pra casa, o médico disse que eu não podia ter nenhuma emoção forte, e eu cheguei a casa e tive uma emoção forte: foi ele aos berros com a minha irmã mais nova! Chegar a casa, não é?, depois de sair do Hospital, ‘tar muitíssimo abatida, a ver assim a morte a passar-me de relance pelos olhos... foi muito complicado, tive uma crise assim que cheguei a casa, uma crise de ansiedade, quando uma pessoa sai de um hospital com uma operação ao coração em cima!... complicado!... E foi isso que me fez “Não! Tenho que ser mulherzinha, tenho que... meter os pés bem assentes no chão... ok, não queres isto, tens que fazer o quê? Trabalhar, arranjar uma casa, concluir os estudos (que é muito importante!... além de eu gostar, não é? Mas isso já “são outros quinhentos!”)... ser uma pessoa mais independente, não depender de ninguém!... Essas coisas são as que eu preciso para me manter em pé!... O que eu hei-de construir... isso já é mais pra frente,

não é? Eu já comecei a comprar roupa com o meu dinheiro, eu já comecei a ir ao cabeleireiro com o meu dinheiro, eu já comprei estes óculos (que já preciso de outros novos!) com o meu dinheiro... e, pra mim, isso já... já são vitórias, não é? Eu nunca ia ao cabeleireiro cortar o cabelo, se a minha mãe não me mandasse, se ela não fosse comigo, porque ela ia... era ela que ia pagar, não é? Eu não comprava roupa pra mim, ia com a minha mãe, a minha mãe pagava! E VER O DINHEIRO A IR, não é? Já dói, agora dói, agora é que... ok... (*rindo*) Quando a minha mãe dizia que tínhamos que apertar o cinto, se calhar, ela tinha razão... se calhar ela tinha razão... mas sim, ‘tou bem, psicologicamente ‘tou bem melhor!

E – Foi a primeira vez que fez as malas e saiu de casa?

EZ – Sim... sim... foi. Teve mesmo que ser... não... ‘Tava bem, porque não me precisava de preocupar com nada, mas psicologicamente estava mal e ao estar mal psicologicamente eu não conseguia... não consegui ter um dia produtivo, eu andava chateada... as pessoas falavam comigo, eu tinha sempre a mesma cara, não... não tinha reação!... E eu não sou uma pessoa assim, sou uma pessoa alegre, eu quero é ‘tar feliz, portanto... ok, agora não tenho o que tinha na casa da minha mãe, não tenho o conforto que tinha na casa da mãe, mas , pôxa, sou uma miúda feliz, ninguém me chateia a cabeça, não tenho que andar preocupada... não tenho que andar preocupada se chegar a casa, tenho este ou aquele a ralhar... a criticar a minha mãe, a criticar as minhas irmãs, a criticar-me a mim... Não preciso! Porque já consigo, sozinha! Então, já não preciso disso, vou-me manter aqui... sei que a minha mãe ‘tá lá pra tudo o que eu precisar... ok, foi um choque pra ela, ela sempre me... ela no dia em que eu lhe disse isso: “Não vás! Não me deixes!”... e “fica aqui!” e “olha as tuas irmãs!” e “não te vás embora!...”... mas, mãe, um dia eu teria que sair de casa, mais cedo ou mais tarde, eu um dia tenho que sair de casa! Eu não posso viver pra sempre contigo!, não é? Foi um grande choque pra ela!... E eu vejo isso todos os dias: ela... a minha mãe não falha um dia! Ela liga-me todos os dias! É aquela típica mãe-galinha!: “Então e já almoçaste? E já tomaste o pequeno-almoço? Já jantaste? O que é que vais jantar? E... pffff... mãe, ‘tá tudo bem... Mas ela... mas é uma preocupação boa! Não é aquele controle “E onde vais? E agora ‘tás a fazer o quê?”, não! É: “Precisas de alguma coisa? ‘Tás bem? Já comeste?” Pra mim, a minha mãe pergunta... ligar-me, claro que ela ‘tá a trabalhar, no meio do trabalho, “olha, já comeste?”, “já, já comi.”... Pra mim é bom! A mim sabe-me bem! São essas coisas que nós não temos em bens materiais, mas também não há nada que as

100

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

substitua! (*em segredo, como voz de aconchego*) Pra mim isso é muito bom... eu adoro...sabe-me tão bem...

**APÊNDICE 4.4: Entrevista a Solange: À Procura de um Caminho por Linhas
Tortas**

ENTREVISTA A SOLANGE: À PROCURA DE UM CAMINHO POR LINHAS TORTAS

A presente entrevista tem início após explicitados os procedimentos de gravação áudio, da construção do texto narrativo e assegurados os aspetos de anonimato e confidencialidade na transcrição e publicação do texto. A entrevistada é informada também sobre a devolução do texto para revisão e participação na narrativa da própria. Tem também lugar a leitura e assinatura do termo de consentimento. A entrevista decorre num estúdio de som da ESECS do IPLeiria.

A Solange tem 21 anos. Fala rapidamente e de forma algo sintética, ainda que comunicando com facilidade e muito boa disposição, ri com frequência, escondendo alguma tensão causada pela situação de entrevista, referida pela própria. Vive em meio rural, numa aldeia do distrito de Leiria, com os pais e o irmão pouco mais novo. É licenciada em Biomecânica pelo ESTG do IPLeiria, desde Julho de 2017.

Entrevistadora (E) – Queria começar por lhe mostrar este cartoon, que eu retirei da “net” (achei que se ajustava aqui ao nosso tema), queria que lesse e depois que me dissesse o que é que pensa sobre isto...

Solange (S) – Quer que leia alto ou...

E – É como preferir.

S - *(lendo para si, em silêncio. Termina a leitura rindo)* ...Realmente é uma coisa que... que me identifico, porque... assim, as pessoas (pelo menos, na minha opinião), há muito aquela coisa de nos perguntarem “Ah, mas ainda não arranjaste trabalho...? Não ‘tás a estudar, não ‘tás a fazer nada...? ‘Tás em casa, não fazes nada...!”... ãh... e, pelo menos pra mim, tipo revolta um bocado!, porque já estudei tanto... ãh... agora não consigo arranjar (também só ando a procurar na área!... Ainda não me pus a aventurar noutras coisas...), não encontro nada e depois ‘tar ali sempre a levar com as pessoas, tipo “Não fazes nada!”, “Não fazes nada!”, deixa-nos assim um bocado... chateados

conosco mesmo!... Parece que não encontramos aquilo que queremos, então deixa-nos assim um bocadinho revoltados! Prontos, na minha opinião, é o que eu sinto.

E – Quando diz as pessoas, está a falar de fora da família ou dentro da família?

S – Não... ambos: tanto as pessoas da terra, não é? (porque aquilo é um meio pequeno, conhecemo-nos todos), tanto da própria família... Não pai e mãe!, porque eles conhecem o meu caso, mas os tios, os primos e isso... é sempre...é sempre a mesma coisa...

E – Tirou um curso em...

S – Em Biomecânica.

E – E que idade tem?

S – 21.

E - ... e, portanto, procura dentro da área...

S – Sim. ...ãh... ainda só ando a procurar cá na zona porque, cá na zona é o centro dos Moldes... Leiria, Marinha Grande... Não me adianta a mim andar a procurar por fora! (eu procuro mas não existe quase nada, então só existe mesmo cá, na Marinha Grande...) Então eu procuro, mas... já mandei muitos currículos, mas até agora ainda não encontrei nada... Então, uma pessoa fica assim um bocado... CHATEADA, por não conseguir encontrar aquilo que quer e já penso em (como já ‘tou tão farta de ‘tar em casa, ‘tar sempre a lidar com as mesmas pessoas, sempre a fazer os mesmos... os mesmo trabalhos lá em casa, já se começa assim um bocado a desesperar!) e ‘tanto, já ando a procurar noutras áreas, só que também... nem sei “por onde é que me hei-de virar!”, não sei por onde é que hei-se ir... se vou... se vou pra uma área assim diferente... não sei a que é que me posso adaptar...

E - Como é que... como é que fez o seu percurso? É filha única...?

S – Não! Eu tenho... tenho outro irmão... mais novo... então, eu vim... fiz o secundário, depois...

E - Correu bem?

S – Correu!... Quer dizer, a minha média não era assim das mais altas... ãh, mas correu bem e... eu queria Fisioterapia inicialmente... só que... não consegui entrar por causa da média. Então decidi entrar...vim cá pra Leiria, pra ter preferências... preferência regional, pra depois mais tarde mudar pra Fisioterapia. Então entrei em Biomecânica, porque “achava” que era parecido, mas não! ...ãh, e com o intuito de mudar no outro ano, pro curso de Fisioterapia. Só que, entretanto, eu ‘tava nesse curso e... e ‘tava a gostar! Sabia que a of... já tinha-me informado e a oferta profissional era maior e então... e como eu não ‘tava... como eu ‘tava a gostar, decidi continuar nisso. Depois acabei, assim com uma média que, pra mim nem é boa nem é má, ‘tá ali no intermédio, no 13... ãh, e agora desde que acabei, decidi que só começava a procurar emprego (porque acabei no verão)... só começava a procurar emprego em setembro (porque não me valia a pena procurar no verão, por causa das empresas). Então, pronto, eu desde aí tenho vindo a mandar currículos, a ligar pra várias empresas... ãh... já assim uma pessoa...pronto!

E - ...É difícil ouvir tantos “nãos”, não é?...

S – É, é um bocado. E às vezes nem é ouvir um “não”, é nem sequer obter a resposta, porque se eu soubesse que “não”, eu já não... “pronto, ok, aquela opção ‘tá descartada!”, mas agora ‘tar sempre a ouvir... não ouvir, não ter a resposta que nós queríamos, é assim um bocado complicado!

E - Estava a dizer que tem um irmão?

S – Sim, tenho um irmão mais novo... ãh, ‘tá agora a acabar o 12º ano. É assim, já também ‘tá naquela que não sabe por onde é que há-de ir e o que é que há-de tirar, porque... depois também vê a minha parte, de eu ‘tar em casa, e também já fica assim um bocado preocupado daquilo que há-de ir... eu digo sempre que ele deve ir pra aquilo que gosta!, porque é mais fácil nós ficarmos desempregados, mas sabemos que tirámos aquilo que gostamos, do que ‘tar... do que arranjar emprego e depois nem sequer gostamos daquilo que tirámos. Então, eu aconselho-o sempre a ir pra aquilo que ele gosta, apesar de saber que não vai arranjar muito fácil trabalho... é o que eu lhe digo sempre.

E – Como é que foi na escola...ãh... a sua relação com a escola, com os colegas, com os professores, com as notas... os pais...

S – Eu sempre fui uma rapariga assim um bocado... não é sociável, é: tenho o meu grupo de amigos, não é assim muito grande, mas sempre... dou-me muito bem com eles, sou daquelas pessoas muito extrovertidas, diz que estou sempre na conversa, que nunca me calo... ãh, tanto no secundário como na universidade, fiz um bom grupo de amigos. Ainda hoje saímos (apesar de termos acabado e de alguns ‘tarem a trabalhar), ainda hoje saímos... ãh, sempre nos apoiámos muito uns aos outros, o que eu achei muito bom porque, por exemplo, no meu curso era um curso só de... rapazes, maioritariamente, então (o que é muito bom, porque eu pessoalmente gosto muito de dar assim com mais rapazes que com raparigas, acho que a relação é mais sincera...) ãhm... foi muito bom! Do lado de... do lado da família, sempre me apoiaram muito... sempre... houve alturas que uma pessoa já ‘tava prestes a desistir e eu sei que os meus pais e o meu irmão sempre me deram aquela força pra não desistir, que “se comecei, pra acabar” (porque às vezes... os percursos académicos nem sempre são fáceis e, então dá vontade de mandar aquilo tudo ao ar e desistir de tudo!), mas... sempre tive apoio em casa...ãh... a nível de familiares também, os amigos também... ãhm, a relação com os professores, ãh... no secundário, sim, tinha meia dúzia que me dava bem e que me apoiaram também. A nível da universidade, prontos, é sempre diferente, há sempre aquela distância, mas há um ou outro que sim, que sempre nos apoiaram e tiveram sempre uma relação quase de amizade-aluno, o que eu acho que é muito bom, pessoalmente!, porque deixa-nos muito à-vontade, a tirar as dúvidas e às vezes nem sentimos aquela... repreensão de ‘tar a perguntar, podemos perguntar logo à vontade!

E – Na escola, era uma aluna regular, não era...

S – Sim, eu sempre fui às aulas, raramente faltava... ãhm, a nível... pronto, se calhar era daquelas pessoas que, se calhar, conversava mais do que ‘tava atenta! (*ri-se*) Mas sempre fui, nunca faltei, nunca... porque achava que se eu faltasse, sentia-me mal comigo própria, porque eu sabia que ia ‘tar... que não ia aprender, apes... eu ouvia... se eu não fosse à aula eu não ouvia o que é que era falado e era difícil pra mim estudar em casa. ‘Tando nas aulas, eu apesar de ‘tar na conversa ou ‘tar assim mais desatenta, eu como ouvia sabia que conseguia estudar mais facilmente, então era mais fácil...

E – Qual é a perspetiva agora, o que é que acha... como é que acha que “vai dar a volta”...?

S – ãhm... nem sei... agora...

E – ‘Tá inscrita no centro de Emprego?

S – Sim , ‘tou inscrita, mas...

E – Tem sido chamada pra alguma coisa...?

S – Não, só me chamaram uma vez, pra uma sessão de esclarecimento e outra pra eu enviar um curriculum, que nem sequer obtive resposta, enviei e nem sequer me disseram nada, foi assim muito estranho... ãhmm... agora o meu objetivo é mandar currículos pra mais empresas, fazer outro... outro...

E – Outra ronda?

S – Exato, fazer outra ronda e enviar mais currículos e ‘tar atenta àqueles sites de internet que têm ofertas de empregos. E depois, se entretanto... eu disse... disse aos meus pais que, se fosse depois da Páscoa, não encontrasse nada na área, que eu provavelmente ia começar a procurar outra coisa, porque já ‘tava um bocado farta de ‘tar em casa... Então...

E – Quando pensa “noutra coisa”, tem alguma coisa específica ou é o que aparecer?

S – Não, não tenho nada específico... essa é que é a minha dúvida porque também não sei por onde é que hei-de ir... queria fugir um bocado da parte da restauração, cafés e isso, porque eu já trabalhei aí e sei que não gosto muito... de trabalhar nisso, mesmo que seja *part time*, não é algo que eu goste muito. Então, nem sei por onde é que hei-de me virar... acho que é mesmo aquilo que aparecer, e eu vir que tenho algumas capacidades, é o que eu me vou inscrever... porque realmente, ‘tar em casa muito tempo, já não dá!... Porque eu sempre fui uma rapariga que, desde o 9º ano (mais ou menos) nunca tive férias de verão propriamente ditas, porque andei sempre a trabalhar!: a minha tia tem um minimercado e o meu tio tem um café, e nos verões, ou ‘tava num lado ou ‘tava no outro... ou seja, eu NUNCA tive em casa muito tempo!... Então, este ano eu disse: “Este ano eu não vou trabalhar pra lado nenhum, aproveito o meu último verão, e depois no... em setembro começo a procura”...nunca pensei que a procura fosse tão demorada... ãhm... mas pronto, é assim... (*falando baixinho*)

Mas, mesmo este verão que tive em casa, tive sempre ocupada, porque lá na terra temos as nossas festas... a aldeia, então, houve... aquilo como são umas festas assim um bocado mexidas, dão assim muito trabalho... então, ‘tive entretida nisso não tive

propriamente em casa sem fazer nada, como tenho ‘tado estes últimos meses... e começa assim a ser um bocado saturante, ‘tar em casa, porque já ando revoltada com toda a gente... com... com todos!... Então, começa a ser assim... chato!

E – Como é que é a sua rotina diária, como é que... gere o seu dia?

S – Pois, então, de manhã, normalmente ajudo a minha mãe lá em casa, nas tarefas domésticas...

E – A mãe ‘tá em casa?

S – Não, ela trabalha. Então, de manhã, ou vou dar uma volta (a pé, ou correr ou assim...), senão depois volto, vou tratar os animais (como vivemos numa aldeia...) tratar dos animais, dar comida e água; ajudo a minha mãe a limpar, a passar a ferro... depois, à tarde é que como ‘tou com ela, lá de vez em quando temos umas tarefas as duas juntas... ãhm... e depois à noite, às vezes tenho uma aula de ginástica (que eu vou assim pra me distrair, que é um momento de distração, que ajuda um bocado), depois é outro dia novamente a mesma coisa... (*falando de novo baixinho*)

Mas, por exemplo, a minha relação com a minha mãe, sempre foi muito boa... e eu acho que desde que ‘tou em casa, já me começo... já sei que me chateio mais vezes com ela, o que não era normal, porque sempre tivemos uma relação muito boa e, agora, por tudo e por nada, andamos às turras! (*rindo*) É sempre um bocado chato!

E – Tem... tem carro?

S - Tenho, tenho... tenho dos meus pais, conduzo o dos meus pais.

E - Pra sair à noite, consegue... ter disponibilidade?

S – Sim...

E – Os pais aceitam bem... aceitam bem, no sentido de ter... que serem eles a custear a sua saída noturna...! Pagam-lhe a gasolina, o cinema, o que quer que seja... Não há problema?

S – Sim, eu, por acaso nunca tive... os meus pais nunca me proibiram de nada. Eles dizem que sempre confiaram em mim e, que até ver, até eu “pisar o pé na argola”, confiam em mim, posso ir pra onde eu quiser! Então, sempre tive muito à-vontade e

deixam-me ir. Eu, normalmente, agora... eu não costumo sair muito durante a semana (nunca fui muito rapariga de andar por aí a sair, pra bares e discotecas e isso...)... ãh, gosto mais de uma saída... ir beber café pra ‘tar na conversa... e coisas assim. Normalmente, aos fins-de-semana saio sempre! Sextas e sábados, saio! Os meus pais às vezes ajudam, monetariamente... ãhm, eu também, aqui há uns tempos ‘tive a fazer... o meu tio tem um café, ‘tive lá a ajudá-lo umas semanas, então também poupei esse resto, esse... esse bocadinho, pra agora gastar nalgumas saídas... mas, sim, a minha mãe disse... OS MEUS PAIS DISSERAM que eu... que eu, a nível monetário, que me apoiavam agora, pra eu, agora nestes meses, não desistir e procurar algo na área e não fugir, e que eles me conseguiam ajudar monetariamente. Pra mim também é um bocado bom, porque não me obriga logo a ir pra uma coisa que eu não queria, mas... mas, pronto, daqui a uns tempos tenho... EU PRÓPRIA, eu na universidade, por exemplo, sempre ‘tive habituada a que tinha “bolsa”, então eu sempre ‘tive os 3 anos habituada a gerir o meu dinheiro, eu não pedia aos meus pais: eu pagava as propinas, sobrava algum que eu, ou saía ou poup... deixava pro carro e punha gasolina... ãhm... então, nunca tive aquela coisa de andar a pedir dinheiro aos meus pais e eu já não estava habituada a isso, e agora ‘tando estes meses em casa, é o que me deixa um bocado revoltada é isso!: Eu... eu saber que eles têm que também dar dinheiro ao meu irmão, porque ‘tá a estudar e ‘tá no secundário ainda, e eu ter que, com esta idade, andar a pedir “olha, podes-me emprestar 10 euros, ou 5 euros, pra ir ali ou acolá...?” Isso é uma coisa que também me deixa um bocado revoltada e me faz querer ir procurar outra coisa, porque eu já não ‘tava habituada a isso. Sei que há pessoas que lidam bem com isso, só que eu, pessoalmente, eu não gosto!... E, às vezes evito de pedir, às vezes faz-me falta e evito pedir, porque não gosto de lhes ‘tar constantemente a pedir dinheiro pra sair ou pra ir aqui ou pra ir acolá!... (*baixinho, rindo*) É um bocado complicado!

E – Põe a hipótese de sair daqui da zona... de procurar, de ALARGAR, dentro da sua área, mas de alargar mais...

S – Eu, inicialmente, claro que eu preferia procurar aqui até porque, como vivo ... ‘tou a viver em casa dos meus pais, poupava o dinheiro duma renda e conseguia poupar pra comprar um carro só meu, ou pro futuro comprar...e poder viver, pra comprar uma casa, ou alugar um espaço só pra mim... então, inicialmente agora, eu queria só procurar aqui na área... ir pro estrangeiro, é mesmo das coisas que eu não queria mesmo, não queria... há pessoas que eu sei que queriam muito, mas eu não! Queria

evitar mesmo, mesmo, mesmo ir pro estrangeiro trabalhar... ãh, ir pra outros sítios, eu já pensei nisso e tenho vindo a procurar, só que é o que eu lhe digo: como a indústria dos moldes ‘tá tão concentrada cá, em Leiria, não... a mim quase que não me adianta procurar pra fora! Por exemplo, tenho muitas pessoas a perguntar “ah, porque é que não vais pra fora, não vais pra outra cidade?”, ou assim... é o que eu respondo: se a indústria ‘tá tão concentrada cá, não há outro sítio no país que tenha tanta indústria como cá, não me adianta a mim ‘tar a proc... se eu não arranjo cá, que há tanto, vou arranjar como lá fora? Não dá... Então, daí eu ainda não... procuro, mas como vejo que não há assim muita... nem há muito (se nós virmos na internet), não há assim muitas ofertas... então, eu vou apostar mais só ficar cá na zona de Leiria... até porque dá pra poupar depois algum pro futuro e... e assim!

E – Uma especialização dentro da sua área, ajudaria, não... continuar a estudar, continuar a aprofundar...

S – Eu, quando acabei a universidade, eu disse que queria ir trabalhar e só depois, futuramente, tirar o mestrado... pra saber ao certo... porque eu acho que tirar um mestrado é comprometer-nos com algo importante e, eu não sei, ao certo, se é mesmo isto... a minha vocação! Então, eu não quero ‘tar a tirar um mestrado, só por tirar! Quero tirar porque quero-me especializar em algo! Então, eu decidi arranjar primeiro emprego e depois ... porque o meu objetivo inicial era: eu ir pra Biomecânica e depois seguir pra área das próteses... e não pra área dos moldes! Era o que eu queria mesmo! Só que o nosso curso... “eles” dizem que sim, que ‘tá preparado, mas nós não temos a for... eu fiz um estágio curricular, e o próprio orientador da empresa disse que nós não temos as bases suficientes pra isso, e eu pedi-lhe ajuda “então como é que eu me posso especializar”, se há pós-graduações, se há mestrados... ele disse-me que não!, a única coisa que havia, era um... era fazer outro curso, e eu acho que é um desperdício muito grande, ‘tar mais quatro (ainda por cima é um curso de quatro anos), ‘tar mais quatro anos a estudar e... e pra mim não dá! Pessoalmente acho que não dá. Então, o meu objetivo, como a outra parte do curso que me interessou, foi a área da modelação, era isso que eu agora queria... e a única coisa que eu acho que posso fazer (tenho procurado também na internet) é fazer aqueles cursos que há, daqueles programas específicos, pra me formar mais naquilo... é o que eu penso agora, por isso eu também adiei a ideia do mestrado um bocado lá mais pra frente e... e fazer esses cursos... ãh, pra me ajudar a ter mais formação e conseguir emprego mais facilmente.

E - ... Mas no fundo, o que gostava mesmo... ou isso já está completamente arrumado na sua cabeça? Porque a sensação que eu tenho é que... que está a ir pra uma área porque sente que pode ter mais facilidade, porque aquilo que gostava mesmo continuava a ser “as próteses”...?

S – Sim...só é o que eu lhe digo: eu não sei pra onde é que me hei-de virar pra ter mais formação... eu já... eu, inicialmente, antes de começar ainda na área dos moldes, fui enviar currículos aqui, nalgumas zonas aqui, algumas empresas... empresas aqui em Leiria... ãh, nessa área. Só que é o que “eles” me dizem, nós não temos formação pra tal e eu já andei a ver na internet, já procurei, já falei com pessoas especializadas, ONDE É QUE EU POSSO INVESTIR NISSO? E eles não me sabem dizer, e eu então, fico assim um bocado confusa. Então, fugir um bocado daí, à parte da modelação, porque, pronto, é uma área, é outra área que eu gosto do curso, e então fugir um bocado pra essa área, que tem mais emprego e isso...

Futuramente, claro que eu gostava de juntar essa parte da modelação às próteses... então é também um dos meus... é uma coisa que eu gostava... gostava de fazer! Juntar, por assim dizer, no género... ãh... acho que é uma coisa que não há muito em Portugal, que é a modelação de próteses, então, um dos meus objetivos, se der, é ir pelos moldes, pra ganhar um bocado de formação na área da modelação e isso, e futuramente... pensar se dá pra juntar às próteses ou não... depois tenho mais formação... mas, é uma coisa muito complicada de ... (*rindo*) de fazer!... E eu tenho noção disso.

E – É muito específico...

S – Exato! Por isso é que quero enveredar mais pelo lado da modelação, porque... como GOSTO (claro que não é o meu top) mas como gosto na mesma, não é só “ir por ir”...

E – muito bem... o que é que me pode contar mais assim da sua vida que... que ache que tenha... pra já, porque é que escolheu assim essa área, houve alguém que trabalhasse na área, que fosse significativo pra si, que tivesse aconselhado? Como é que... como é que chega aí?

S – ãh..., como eu disse anteriormente, o meu objetivo era Fisioterapia, porque eu, quando andava mais ou menos no 8º ano, eu tive uma paralisia facial... então, tive um mês ou dois de fisioterapia... E EU VI... eu quando estava lá, era uma coisa que eu... que eu gostava muito!... E sempre achei que tinha... gostava daquilo! Mas como eu

cheguei... cheguei à universidade e ao secundário, não tinha média, eu fui pra biomecânica, porque achava (como a biomecânica até era uma cadeira de fisioterapia) e achava “ah, esta.. bio – mecânica, mecânica do corpo, eu achava que estava parecido! (até que houve muitos colegas meus, que pronto, que se calhar, fizeram o mesmo que eu, acharam que ‘tava parecido), só que afinal não tinha nada a ver, porque sendo um curso da ESTG, ‘tá muito relacionado... pra parte dos moldes, esquece um bocado a parte da Biologia... então, fui um bocado enganada ali pra aquele curso!

Mas foi... depois, foi isso, eu acabei por não sair de lá porque ‘tava a gostar daquilo e...então, deixei-me estar!... ãh...

E – Na altura, fez algum tipo de teste vocacional ou alguma... não se aconselhou com ninguém?

S – Não, nunca fiz... não, isso eu nunca fiz. É uma coisa, por acaso, que eu me arrependo, e já disse ao meu irmão pra fazer, porque... acho que devia ter feito, na altura. Dizem que... eu já ouvi versões que sim, que acertam, outras que não, mas... só “pelo sim, pelo não” gostava de ter experimentado.

E – Nem era pela questão do teste em si, ‘tava a pensar... próximo da Fisioterapia está mais a Terapia Ocupacional, ou a Terapia da Fala...

S – Certo, só que eu não q... eu, Terapia Ocupacional, pelo que eu tenho conhecimento, lida muito... com o ajudar, mas eu acho que é ajudar de uma maneira diferente: eu gosto mais de atuar a nível... a nível de massagens, tipo as massagens e a Osteopatia, por exemplo... pra mim, isso tem mais significado! Então... até porque eu pensei, quando ‘tava a estudar, eu “olha, posso ir tirar um curso de Osteopatia”, ou assim, e fui ver, só que tinha assim valores assim um bocado elevados, então, eu assim “bem, é melhor deixar pra um futuro, agora tão próximo é melhor não!” porque é... por outro lado, é isso, é eu até gostava de fazer esses cursos, mas eu não q... como eu não tenho dinheiro, quero trabalhar pra ganhar algum, pra depois poder fazer, se calhar, num futuro, e não quero ‘tar a pedir agora esse dinheiro aos meus pais, porque sinto que é uma quantia elevada e que eles não têm... também tenho que pensar no futuro do meu irmão! Não é só em mim!

E – A sensação que eu fico, é que... dá-me ideia de que andou um bocado perdida, não é?

S – (*rindo*) Sim...

E – Ou seja, com melhor orientação, com alguém que tivesse ajudado a perceber melhor quais eram as opções, talvez tivesse feito outro caminho...

S – Sim, sim. Eu acho que sim, eu acho que... até porque, naquela parte de nos inscrevermos, andei assim muito... foi muito a despachar: “ok, olha vou pra isto...” e não fui, se calhar, pra aquilo que realmente devia ter ido. Como não tinha média pra Fisioterapia, não andei à procura de outra coisa parecida. Vi a parte da Terapia Ocupacional, mas a mim não me chamou a atenção, nem a Terapia da Fala, era mesmo a parte... que me interessava mais... E depois fui pra aquela, a achar que era parecido, e com o intuito de mudar, mas depois não quis mudar com o receio de depois perder o me... de não conseguir mudar e receber aquele não como resposta, e como ‘tava a gostar daquela, deixei-me continuar e... aqui estou!

E – Bem... então além das suas tarefas diárias, tem então ginástica?

S – Sim... (é às segundas e terças) Não é ginástica, é... é uma aula, em que vamos lá, fazemos...

E – Lá perto da sua terra?

S – Sim, sim, sim.... É uma espécie de ginásio, mas é lá no Centro, no Salão... ãhm... pronto, é só isso que faço... ãhm... Quando andava na escola, tinha mais atividades, eu acho que agora também... deixei um bocado. Eu dava catequese também (houve uma altura que eu dava catequese), depois... (acho que foram quatro anos, salvo erro!), depois, participei também nas Festas, e aquilo, as festas lá na terra, dão assim um bocado de trabalho, porque temos de trabalhar durante um ano, então o ano de 2017 foi todo pra isso... e agora, agora não participo em nada, só tenho mesmo essas atividades e depois, ao fim-de-semana, saio sempre com amigos ou com o namorado, ou com os meus pais... ‘tou sempre ocupada ao fim-de-semana. Só durante a semana é que é assim mais...

E – Porque é que acha que tinha mais atividades, naquela altura do que agora?

S – Não sei! Eu desisti um bocado da... da... da catequese porque, primeiro não me queria... eu não sabia o meu futuro, e então não me queria ‘tar a comprometer com uma coisa e depois falhar! (Eu gosto, quando me meto numa coisa, cumprir a sério!)...

Então, deixei a catequese de um lado... de lado, por isso... ãhm... eu não sei, se calhar é por ‘tarmos... ‘tava sempre agitada, então dava-me vontade de ter mais atividades! Agora, como ‘tou parada, se calhar, já... parece que já não tenho tanta energia pra ter outras atividades...

E – Um bocadinho de desmotivação...?

S – Exato!... ãhm... é mais por aí, acho que uma pessoa depois fica desmo...

E- ... e de acomodação...?

S – Também, eu acho que sim, eu acho que chegou um ponto que também! Porque... pá, não sei, uma pessoa fica tão desmotivada que depois também não quer ir pra fora mostrar a desmotivação... então, fica acomodada no seu cantinho, sem chatear ninguém, ninguém me chateia a mim também, é mais por aí...

E - ... e, depois... vai discutindo com a mãe, que é para...

S – Pois! É! (*rindo*)... eu acho...

E – ...Que é para ir havendo ali alguma dinâmica...!

S – Sim, eu acho que... como sou uma pessoa assim muito... gosto muito de falar e não-se-quê, acabo sempre por discutir com a minha mãe, ou a minha mãe discute comigo, ou eu discuto com o meu namorado... coisas saudáveis! Não é coisas sérias, mas... é... pronto, “mando vir”, resmungo muito.... Então a minha... até a minha mãe, na brincadeira, diz que eu ando muito chata e que já ‘tá farta de me ver lá em casa, e coisas assim! ... Na brincadeira, mas que, pronto, eu fico também “oh, pá, é verdade!”, eu sei que... eu... eu digo-lhes a eles, eu sei que é verdade, e que eu ando mais agitada, mais chata, mais resmungona, mas... mas eles também percebem o meu ponto de vista! Nesse lado, até sinto-me apoiada, porque eles percebem... e quando eu digo que ‘tou a desistir e que vou deixar de procurar, e coisas assim, eles são os primeiros a dizer “Não, não vais nada, vais continuar, e estiveste a estudar, e se é isso que tu gostas e queres...” pra continuar... Então, também me sinto muito motivada! Nesse pon... às vezes... há dias que ando mais desmotivada, mas há dias que, depois também tenho esse apoio, e sinto-me muito mais motivada! E também me ajuda a continuar, à espera, à espera, à espera... Porque depois, também tenho uma prima minha que ‘tá no mesmo caso que eu, que também não ‘tá a trabalhar, nem ‘tá a estudar, vai fazendo só uns *part times* por

aí, e depois também eu olho pra ela e eu assim “eh, pá se ela ainda não conseguiu, eu fico a pensar ‘será que eu vou demorar tanto tempo como ela a conseguir arranjar emprego?’”... uma pessoa fica assim sempre na dúvida... é assim um bocado complicado...

E – Projetos para daqui a 10 anos, o que é que vai estar a fazer?... E onde? A viver onde...

S – Não sei!... Eu gostava de viver cá, na zona, é verdade... ãhm... gostava muito de ‘tar a trabalhar e ‘tar a gos... se eu gostei tanto daquela área na universidade, gostava muito de ‘tar a gostar também do meu trabalho, ‘tar a gostar daquilo que ‘tar a fazer!... ãhm... ... nem sei! (*ri*) É mesmo o... agora, neste momento, o que eu queria mesmo, daqui a 10 anos, era ‘tar a trabalhar e a gostar do que ‘tar a fazer... se daqui a 10 anos, tiver uma família, ‘tar a gostar mesmo da minha família e ‘tar feliz, eu acho que era o principal, era ‘tar feliz a fazer o que eu gosto e ‘tar com quem eu gosto... acho que é mesmo os meus objetivos daqui a 10 anos...!

E – Numa casa própria...

S – Ah, sim, sim! Sim, isso, eu quero... quero ‘tar a viver no meu canto, independente dos meus pais, totalmente dependente de mim própria... até porque eu, na brincadeira com a minha mãe e com os meus pais, digo-lhes sempre que eu daqui a 5 anos... eu só quero 5 anos lá em casa, depois quero-me é ir embora! Só quero 5 anos para orientar a vida e depois sair! ...É o que eu lhes estou sempre, a brincar, a dizer.

E – Ao longo dos seu percurso, até agora, o que é que fez mais... portanto temos aqui, a ginástica, mas que é agora, e a catequese... desde o início, em que atividades é que andou envolvida, alguma vez ‘teve envolvida em voluntariado...

S – Ah, eu... andei... dei catequese uns 4 anos, andei num Grupo de Jovens (só que depois o Grupo de Jovens agora ultimamente também tem andado assim um bocado parado)... ‘tive num Grupo de Jovens, participei... todos aqueles eventos... de catequese e grupos de jovens, por exemplo, Mariápolis e coisas assim no género... ãh, fui da Comissão [de Festas]... a nível de desporto assim, não tive assim muito, nunca fui muito adepta de desporto, mas... não, não sei, acho que foi mesmo só essas e... e ocupavam-me bastante, por isso... era mais, catequese, Grupo de Jovens, depois fui da

Comissão de Festas... depois andava lá sempre entretida também com muitas coisas lá da terra... é só...

E – A sua relação com a terra é uma relação... forte.

S – Sim... ãh, nós temos muito, lá na M. da R., pelo menos, nós somos muito... eu acho que nós somos pessoas muito unidas: toda a gente diz bem da terra! Somos pessoas que gostamos mesmo de lá viver, apesar de ser uma aldeia pequenina, que não se passa lá nada, temos muito orgulho daquilo que é nosso! E... somos... eu acho que somos, somos muito unidos, lá!... ãh... damo-nos todos bem, se formos dos mais velhos aos mais novos, dizemos todos “olá!” uns aos outros (...há sempre aquelas turras uns com os outros, mas...), conhecemo-nos a todos, falamos todos uns com os outros... ãh... e então, as nossas atividades eram mais ali na zona, porque, por exemplo, nós no Grupo de Jovens, até o que nós gostávamos de fazer no Grupo, era criar eventos, por exemplo, Festa das Sopas... eventos assim, pra aldeia se juntar ali toda, porque acabavam-se todos por juntar ali... ãh, então era o que nós fazíamos sempre, então... eu gostava dessa parte da aldeia... até porque, eu... eu até gostava de, no futuro, se calhar, ficar lá a viver, apesar de ser uma aldeia e de não haver lá muitas perspetivas, eu gostava muito de ficar lá a viver, porque... Gosto daquilo e sinto... gosto... tenho orgulho de ser de lá!, Eu acho que isso é muito bom...

E – A Escola Primária foi feita lá?

S – Sim. ...

E - Tinha muitos colegas?

S – Sim, por exemplo, no meu ano eramos 10, depois já eramos 10 que estávamos ali na escola, 10 na catequese...

E – Mais do que um ano junto ou...

S – Na escola?

E – Sim.

S – Houve um ano que eu tive o ano anterior a mim (ou seja, também nos damos todos muito bem por causa disso!) ...Então, a Primária... tínhamos a pré-escola, que era a Pré...

E – Andou na Pré-escola?

S – Sim, andei... ãh... depois seguimos até ao 4º ano, mas depois, mesmo o meu grupo, da Pré, foi o grupo do ciclo, depois fomos pro Básico, também todos juntos sempre na mesma turma, só nos separámos no secundário, porque cada um escolheu a sua área. Só nos separámos aí, tivemos sempre, sempre, sempre todos juntos e sempre nos demos todos bem. Ainda hoje, de vez em quando combinamos cafés, todos lá na terra e nos damos todos bem! Claro, que depois cada um seguiu com a sua vida: uns estão a estudar fora, outros já ‘tão a trabalhar, outros ainda andam a estudar... mas sempre nos unimos e... combinamos cafés e damo-nos todos bem na mesma! Eu acho que isso é muito bom, eu acho que, é uma coisa que, se calhar (eu não sei, que eu nunca vivi numa cidade), mas acho que, se calhar numa cidade... ãh, não... não HÁ isso, esse convívio! E nós... nós quando eramos miúdos, íamos pra casa uns dos outros, a pé, à noite, sozinhos...eu acho que isso foi bom pra nós, pra crescermos... eu acho que é muito bom! Pessoalmente, acho que é muito bom!

E – Nessa altura, o que é que queria ser quando fosse grande?

S – Eu acho... eu acho que nunca tive... eu acho que nunca tive uma profissão certa! Eu acho que, só mesmo, a partir do momento em que eu tive a paralisia e andei na Fisioterapia, é que eu descobri: “Era isto que eu gostava!”... Foi só aí! Porque... acho que de resto, eu nunca... mesmo quando era pequena, toda a gente “Ai, eu quero ser médica!”, “eu quero ser...”, e eu nunca tive... eu nunca tive nada! (*rindo*) Eu queria ser tudo! Eu nunca tive uma profissão que quisesse mesmo, mesmo, mesmo!

E - ... Mas porque queria ser tudo?

S – Não, é porque... tanto gostava de uma parte, como gostava de outra, mas depois, se c... por exemplo, gostava de veterinária porque gostava dos animais, mas depois via a outra parte das cirurgias e eu “afinal, já não gosto tanto disso...”, era mais por aí... Então, eu nunca tive uma coisa que gostasse mesmo... ãh... foi sempre assim..., “pronto, olha, logo se vê!”

E- Depois então, orientou-se pra ali, pra área da Fisioterapia...

S – Exatamente... e de Reabilitação.

E - ... E decidi fazer Biomecânica...

S – É verdade. É mesmo uma coisa, aqui assim...

E – Os seus colegas de curso, tem noção, se eles ‘tão integrados? ‘Tão a trabalhar??Tão com dificuldade...?

S – Do meu grupo de amigos... ãh... tenho alguns que ‘tão a trabalhar (conseguiram, depois do Estágio, ficar a trabalhar), outros seguiram pra Mestrado, e que ‘tão no Mestrado, e depois tenho outros que ‘tão na mesma situação que eu, que não ‘tão a trabalhar, nem ‘tão a estudar... andam assim em *stand by* também. Mas eu acho que a grande maioria conseguiu arranjar, mas é naquela área de... moldes, não conseguiram mais ninguém... até porque eu tenho outro colega que também ‘tava como eu, queria... o que eu queria também, eu perguntei-lhe e ele diz que não sabia o que é que havia de fazer porque não há muita... como nós não temos muita formação nessa área, é claro que é dif... eu compreendo o lado das empresas, que também é difícil nos contratar, porque nós não temos formação, mas depois também não temos... por onde avançar a seguir...

E – Onde aprender...

S – Exato!... o que nos deixa assim um bocado chateados!...

E - Porque nem sequer dão a possibilidade de aprender fazendo...

S – Exato!

E – Mas conhece algumas empresas dentro desta área?

S – Eu... eu... eu ‘tive a estagiar numa empresa e foi o que eles me disseram, lá, que é muito difícil pra mim ir às empresas pedir, porque eu não tenho a formação! Eu posso saber, se calhar, os materiais, ou assim, mas depois não tenho a formação do que é que é preciso a nível... biológico, a nível... de ossos.

E – Mas há coisas que aprendemos fazendo!

S – Exato, só que neste caso, eu acho que é mesmo essencial já ter algumas bases, que era as bases que se aprendia no curso de... de... de próteses!

E – Protésico?

S – Exato (faltou-me o nome)!... ãh... que era as bases disso... que era o que eles me diziam lá, e eu compreendia, porque é normal!: eu não tive...eu não tive nada disso!

E – ...E esses cursos existem onde?

S – Existe um em Lisboa, só que é o que eu digo SÃO 4 ANOS e eu acho que não vou perder MAIS 4 ANOS a estudar... é muito... ãh, quatro anos a estudar, diariamente, como eu fiz estes três, eu acho que é muito tempo...!

E – Não põe a hipótese de que, sendo aquilo que realmente gosta...

S – Sim.

E - ... que não está a perder tempo, nesses 4 anos: está a GANHAR tempo!

S – Exato, mas eu... eu não vejo mais 4 anos a estudar ali, outra área totalmente diferente da minha! Eu preferia, por exemplo, na minha, ter mais uma formação...

E – Não é uma questão monetária...

S – Também, também é uma questão monetária: exigir mais dos meus pais, pra me pagar outro curso... mas também porque eu acho que é melhor nós aprendermos indo trabalhar, porque 4 anos num curso... eu acho que num curso nós nunca temos as ferramentas necessárias pro mundo do trabalho... acho que é IMPOSSÍVEL! Então, eu acho que... eu prefiro trabalhar e ‘tar... realmente sentir-me UTIL! É o que eu acho! Eu acho que mais quatro anos a estudar, pra depois estar mais nesta espera, de arranjar emprego, eu acho que sentia-me assim um bocado...

E – Por a hipótese de trabalhar e estudar ao mesmo tempo...?

S – Pois, só que nesse curso não dá, porque é aqueles cursos diurnos e... não dá! Só se fosse trabalhar à noite, só que eu acho que isso é tão complicado... Eu valorizo quem o faça, mas eu acho que é tão complicado!... ãh... então, eu acho que tirar outro curso, outra licenciatura, acho que não ‘tá nos meus planos, só se for mesmo uma pós-graduação ou um mestrado, assim uma coisinha mais pequenina, que me dê mai... eu acho que esses dão mais bases, porque deixam-nos logo mais diretamente pra uma área... enquanto uma licenciatura é assim uma coisa mais abrangente!

E – E na sua área, de próteses... pensando nesta área, existe alguma pós-graduação?

S – Não, não existe nada! (*ri-se*) Daí a minha angústia, por um lado, é essa: é que não existe nada! Pelo menos, eu já andei a procurar na internet e eu não encontrei! Pode existir, e eu não ter conhecimento, mas eu falei com o meu orientador e ele diz que também não conhecia nada...

E – Se houvesse em Espanha, ia pra Espanha?

S - ... Não sei, eu acho que tinha de pensar muito no assunto! (*ri-se*)... porque eu acho que sou um bocado apegada aos meus... à minha família, (*muito baixinho, com voz de aconchego*) ao meu cantinho... então, se calhar, tinha que pensar mesmo no assunto... Se não fosse muito tempo, por exemplo, seis meses, um ano, se calhar ia, agora se fosse mais que isso já ponderava bem no assunto!

...

E – Além da paralisia, portanto a paralisia foi um momento específico na sua vida, que TRANSFORMOU, houve outros momentos assim ou pessoas assim que tenham... que tenha sentido que tenham tido uma importância grande na sua vida, na sua maneira de estar, de pensar... alguém que lhe pareça que é um modelo pra si...?

S – Eu... eu... eu acho que os meus pais são fundamentais na maneira como me criaram. Eu acho que, posso ‘tar errada, mas eu acho que a maneira como eles me criaram foi muito boa. Porque eles sempre me deram liberdade pra tudo. Eles... eles... eu pedia pra ir a algum lado, eles só se não tivessem mesmo possibilidade de me levar ou monetariamente, é que eles não me deixavam, de resto eles deixavam-me sempre ir! E sempre tiveram aquela confiança em mim... assim: “tu vais e eu tenho a confiança, mas olha, vê lá o que é que fazes!”, e isso eu acho que é muito bom, porque uma pessoa não acaba por ficar... (por exemplo, eu acho que há muitas pessoas, que os pais protegem-nos muito, e depois, quando eles SE SOLTAM... é pior!) Eu, como nunca tive essa proteção (os meus pais foram sempre muito liberais: “Vai...”), então eu não sinto aquela necessidade de me soltar, porque eu acho que sempre tive solta! Então, eu acho que sim, eu acho que os meus pais foram muito importantes na minha educação, e eu gosto muito... pra já, gosto muito da maneira como eles me criaram... Claro que devem ter tido as suas falhas, é normal, mas gosto muito e respeito muito! E é uma coisa que eu gostava também, se tiver, futuramente, se tiver filhos, fazer parecido ou tentar fazer. Depois há... há também, há várias pessoas... claro que fizeram... tocaram-

me! Tanto como “eu não quero fazer isto!”, como “eh, pá, ele tem... tem jeito, eu acho que gostava de ser como aquela pessoa!”, por exemplo, o... o “chefe” (entre aspas) do nosso Grupo de Jovens é assim, era uma pessoa que eu... eu gostava muito... como é que eu hei-de dizer...? da maneira dele, gostava muito de seguir as “pisadas” dele, sempre foi uma pessoa muito sincera, muito honesta... eu acho que isso... e tem aqueles ideais que a Vida, se nós fizermos aos outros... aquilo que fizermos aos outros, vai ser retribuído em dobro e... coisas assim, e esses ideais pra mim, fazem muito sentido! Então, é uma pessoa que eu acho que foi importante também na minha educação (acho que é educação, que se pode chamar) e de seguir... seguir o que ele diz, acho que foi assim muito importante... Mas mais assim, não sei... que me lembre assim... acho que é só.

E – Avós, tios...

S – Sim, eu dou-me bem com os meus tios todos... ãh... não sei! Se calhar, eles foram importantes porque nós somos... como vivemos todos lá juntos...ãh... (por exemplo, todos os domingos lá na minha mãe, há sempre...juntamos-se em casa desta tia ou da outra, e lanchamos todos juntos... ainda ontem fizemos isso, e eu gosto muito desses momentos: ‘tarmos todos juntos, ver os primos todos juntos, e conviver, e como fomos criados... os primos são os nossos primeiros amigos, não é? Então, tivemos sempre todos juntos, fomos criados juntos) Eu gosto muito desses momentos!... ãh... se calhar, com eles aprendi... ãh... o verdadeiro significado da Família, de ‘tarmos... de nos darmos bem (apesar de haver sempre aquelas turras de família, que é normal! Mas sempre nos damos bem) E... eu acho que também foram pessoas importantes no meu percurso, pronto, os meus primos... E os meus avós também! Apesar de, se calhar, nunca tive aquela relação que há, de netos-avós, porque como somos tantos primos, é normal que não haja tanto... os avós não tenham tanto ligado a afeição a um ou a outro, porque somos tantos... eles gostam de todos, não é?... ãh, mas sim damo-nos todos bem e... ah, todos os Natais estão juntos, todas as Páscoas, nos aniversários juntamos sempre a família toda... e eu acho que isso é muito bom, apesar de haver sempre aquelas turras, tentamos todos nos dar bem, apesar das indiferenças, tentamo-nos todos dar bem, e eu acho que isso é muito bom, acho que é muito bom!

APÊNDICE 5: Conteúdo do correio eletrónico trocado durante a investigação com entrevistados



Conteúdo do correio eletrónico trocado durante a investigação com entrevistados

(2º e 3º tempos de recolha de dados)

Isabel Maria Silva Ferreira
Qui 08/03/2018, 16:46

Olá Solange!

Conforme combinámos, envio-lhe em anexo a transcrição integral da entrevista que me deu. Acrescente o que quiser! O texto também é seu!

Mais uma vez obrigada pela disponibilidade!

Isabel Maria Silva Ferreira
Qui 08/03/2018, 16:56

Olá Solange, mais uma vez!

Queria ainda pedir-lhe que me escrevesse umas linhas dando-me o feedback sobre o efeito que teve em si ler a entrevista que me deu... acha que, de alguma forma, se revê no texto escrito? Que efeito teve?

Um beijinho grande,
Isabel Ferreira

Liliana

Seg 12/03/2018, 22:48

Olá, boa noite!

Primeiro, peço desculpa de só enviar hoje o feedback mas só agora me foi possível. Penso que não será necessário acrescentar mais nada ao texto. Apesar de ser sempre estranho lermos aquilo que dizemos revejo me no texto e em tudo o que disse. Considero que as falas nem sempre foram as mais coerentes e por vezes se tornam confusas mas acho que tudo se deve ao nervosismo devido a entrevista. Foi um gosto poder ajuda-la no seu trabalho.

Liliana

Isabel Maria Silva Ferreira

Qua 28/02/2018, 17:47

Olá Elizabete, outra vez!

Agora voltando à gravação: envio-lhe em anexo a transcrição. Peço-lhe o favor de reler (houve momentos que tive muita dificuldade de perceber e receio que alguma coisa possa não estar bem... sobretudo a partir da página 7, no texto que marquei a vermelho!).

Na página 12, só consegui mesmo perceber algumas palavras soltas (foi quando o telemóvel começou a ficar sem bateria, lembra-se?) e era um registo muito importante, porque falava das suas mudanças todas de casa, das terras onde viveu, das suas perdas de referência, mudando de escola, de práticas de desporto, da forma como lhe parecia que os adultos se servem das crianças para se atingirem, da sua relação com as coisas sem materialismo e da importância que dá à relação com as pessoas... Se puder completar alguns destes pensamentos no texto, agradeço imenso!

Um beijinho grande,

Isabel Ferreira

Elizabete

Qua 28/02/2018, 22:49

minha querida boa noite!

esta tudo belissimo, deve ter sido uma trabalhadeira dos diabos escrever tudo "tin-tin por tin-tin", (e reparei que sou um pouco gaga a falar e, bem, dou erros a falar como sei la o quêahaha).

minha querida adorei mesmo, tanto a nossa entrevista falada como a por escrito!

isabel qualquer coisa que precise conte comigo, terei todo o gosto de a ajudar!!

beijinhos e o resto de uma boa noite.

Isabel Maria Silva Ferreira

Qui 08/03/2018, 16:54

Olá Liliana, mais uma vez!

Desculpe incomodar de novo mas gostava ainda que me escrevesse umas linhas dando-me o feedback sobre o efeito que teve em si ler a entrevista que me deu... acha que, de alguma forma, se revê no texto escrito? Que efeito teve?

Um beijinho grande,

Isabel Ferreira